

OFEITICEIRO TERRAMAR





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu O

Código Da Vinci antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a es-

perança diante dos desafios e contratempos da vida.

URSULA K. EGUIN

OFETTICEIRO TERRAMAR

GICLO TERRAMAR - LIVRO I



Título original: A Wizard of Earthsea
Copyright © 1968, 1996 por The Inter-Vivos Trust
for The Le Guin Children,
de acordo com o original em língua inglesa.

Os direitos morais da autora são inalienáveis e irrenunciáveis.

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

tradução: Ana Resende

preparação de texto: Rafaella Lemos

revisão: Flora Pinheiro, Juliana Souza e Victor Almeida

desian da capa e miolo: Saída de Emergência

ilustração da capa: Ursula "SulaMoon" Dorada adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G981f

Guin, Ursula K. Le O feiticeiro de Terramar [recurso eletrônico]/ Ursula K. Le Guin; tradução de Ana Resende. São Paulo:

Arqueiro, 2016.

recurso digital

Tradução de: A wizard of earthsea

Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-3940-522-3 (recurso eletrônico)

Ficção americana.
 Livros eletrônicos.
 Resende.
 Ana.
 II.
 Título.

16-29889

CDD: 813 CDU: 821,111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

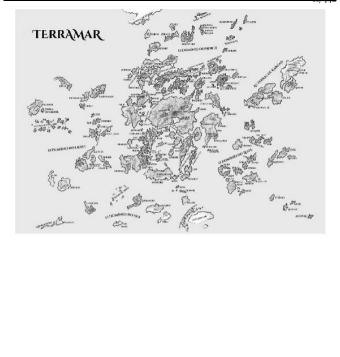
04551-060 – São Paulo – SP Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br







Para meus irmãos: Clifton, Ted e Karl

Somente no silêncio a palavra, somente nas trevas a luz, somente na morte a vida: o voo do falção brilha no céu vazio.

– A criação de Éa

Capítulo 1

Guerreiros na névoa

A ilha de Gont, uma montanha solitária cujo cume está 1,5 quilômetro acima do tempestuoso mar Nordeste, é uma região famosa por seus feiticeiros. Dos povoados nos vales altos e dos portos com suas baías escuras e estreitas, mais de um gontês partiu para servir como feiticeiro ou mago aos Senhores do Arquipélago em suas cidades ou em busca de aventura, para praticar a magia de ilha em ilha, por toda a Terramar. Destes, alguns dizem que o maior feiticeiro e,

sem dúvida, o maior viajante foi o homem chamado Gavião, que em sua época se tornou ao mesmo tempo Senhor dos Dragões e arquimago. Sua vida é narrada nas *Gestas de Ged* e em muitas canções, mas esta é uma história de quando ele ainda não era famoso, antes de as canções serem compostas.

Ele nasceu em uma aldeia isolada, cha-

mada Dez Amieiros, no alto da montanha, na entrada do vale do Norte. Abaixo da aldeia, as pastagens e as terras aráveis do vale descem, camada após camada, na direção do mar; outros povoados se instalam nas curvas do rio Ar; acima da aldeia, somente a floresta se eleva, subindo as serras até as rochas e a neve dos cumes.

O nome que ele tinha quando criança, Duny, foi dado pela mãe, e este, bem como a própria vida, foi tudo que ela pôde lhe oferecer, pois faleceu antes que o menino completasse 1 ano. O pai, o forjador de bronze da aldeia, era um homem irritável e taciturno e, mais velhos e, um a um, foram saindo de casa para cultivar a terra, navegar pelos mares ou trabalhar nas forjas em outras cidades do vale do Norte, não havia ninguém para criar o garoto com carinho. Ele cresceu selvagem, uma hera vigorosa, um garoto ágil e alto, barulhento, orgulhoso e de gênio forte. Com as poucas crianças da aldeia. Duny pastoreava cabras nas campinas íngremes acima das nascentes dos rios e, quando ficou forte o suficiente para empurrar e puxar os compridos foles, seu pai o fez trabalhar como aprendiz na forja, a um custo alto de golpes e chibatadas. Duny não era um trabalhador dedicado. Vivia fugindo do serviço: perambulando na floresta, nadando nas piscinas do rio Ar (que, a exemplo de todos os rios de Gont, tem forte correnteza e é frio) ou escalando penhascos e escarpas até os cumes acima da floresta, de onde podia ver o mar, aquele amplo oceano ao norte, onde,

como os seis irmãos de Duny eram muito

além de Perregal, nenhuma ilha existe.

Uma irmã de sua falecida mãe morava na aldeia. Quando ele era bebê, a mulher fizera

o que fora necessário, mas tinha os próprios problemas e, assim que Duny pôde cuidar de si mesmo, ela deixou de prestar atenção nele. Um dia, porém, quando o garoto tinha 7 anos, sem instrução e nada sabendo a re-

anos, sem instrução e nada sabendo a respeito das artes e dos poderes do mundo, ouviu a tia gritando com uma cabra que subira no telhado de uma choça e não queria descer. O animal veio pulando quando a

mulher gritou uma determinada rima. No dia seguinte, pastoreando as cabras de pelo comprido nas campinas da Grande Queda,

Duny gritou para elas as mesmas palavras que tinha ouvido, sem saber seu uso ou seu significado nem que tipo de palavras eram:

Noth hierth malk man hiolk han merth han!

ras vieram até ele muito rápido, todas juntas, sem emitir um som sequer. E o fitaram com a fenda escura em seus olhos amarelos. Duny deu uma risada e gritou mais uma

Ele gritou os versos em voz alta e as cab-

vez as rimas que lhe davam poder sobre as cabras. Elas se aproximaram, amontoandose à sua volta e empurrando-o. De repente, ele ficou com medo dos chifres pontudos e grossos, dos olhos estranhos e daquele silêncio. Tentou se livrar delas e fugir correndo. As cabras o acompanharam, correndo e cercando-o, e assim finalmente chegaram à aldeia; todas amontoadas como se uma corda as apertasse com força, com o garoto no meio, choramingando e berrando. Os aldeões saíram correndo de suas casas para xingar as cabras e rir do garoto. Entre eles, estava a tia de Duny, que não riu. Ela disse uma palavra para as cabras e os animais começaram a balir, pastar e perambular, livres do feitico.

A mulher o levou para dentro da cabana onde morava sozinha. Normalmente não permitia a entrada de crianças e elas temiam

- Venha comigo - disse ela ao garoto.

permitia a entrada de crianças, e elas temiam o lugar. Era baixo e sombrio, sem janelas e com o odor das ervas secas que pendiam da viga-mestra do telhado: menta, móli e tomilho, aquileia, junco-vivo e paramal, erva-de-reis, boca-de-leão, tanaceto e louro. Lá dentro, sua tia sentou de pernas cruzadas junto ao fogo e, fitando de esguelha o garoto através do emaranhado de cabelos pretos, perguntou o que ele dissera às cabras e se ele sabia que versos eram aqueles. Quando descobriu que ele nada sabia e que, ainda assim, enfeitiçara os animais para que se aproximassem e o seguissem, ela concluiu

que ele deveria ter em si as marcas do poder.

Como filho de sua irmã, o garoto nada significava para ela, mas agora ela o enxergava com novos olhos. Elogiou-o e falou que poderia lhe ensinar novos versos

dos quais ele ia gostar mais ainda, como a palavra que faz um caramujo botar a cabeça para fora da concha ou o nome que faz um falcão descer do céu.

- Isso, me ensine essa palavra! falou ele, livrando-se do medo que as cabras haviam causado.
- Para eu lhe ensinar, você tem que prometer nunca dizer essa palavra às outras crianças retrucou a feiticeira.
 - Eu prometo.

Ela sorriu ao ver que a ignorância do garoto o deixara precipitado.

- Muito bem. Mas vou amarrar a sua promessa. Sua língua ficará silenciada até eu decidir desatá-la e, mesmo então, apesar de poder voltar a falar, você não será capaz de dizer a palavra que eu vou lhe ensinar em nenhum local onde qualquer outra pessoa seja capaz de ouvi-la. Devemos manter os segredos de nosso ofício.
 - edos de nosso ofício. — Tudo bem — falou o garoto; ele não

desejava contar o segredo aos amigos, pois gostava de saber e fazer o que os outros não conheciam. Duny permaneceu sentado e imóvel en-

quanto a tia prendia o cabelo despenteado, amarrava a cordinha que envolvia a cintura do vestido e, ainda sentada com as pernas cruzadas, jogava punhados de folhas no fogo, fazendo a fumaça se espalhar e preencher a escuridão da cabana. Ela começou a cantar. Às vezes, sua voz mudava para mais grave ou mais aguda, como se outra voz cantasse através dela. O canto prosseguiu, ininterrupto, até que o garoto não sabia mais se estava dormindo ou acordado. Durante todo esse tempo, o velho cão negro da feiticeira, que nunca latia, esteve sentado a seu lado, com olhos vermelhos por causa da fumaça. Então a bruxa falou a Duny numa língua que ele não compreendia e o fez repetir com ela certas rimas e palavras até que o encantamento desceu sobre ele e o emudeceu.

Fale! – gritou ela para testar o feitiço.
O garoto não conseguiu falar, mas deu

uma gargalhada.

Então sua tia sentiu um pouco de medo da força do garoto, pois este era o feitiço mais poderoso que era capaz de fazer: ela tentara não apenas controlar sua fala e seu silêncio, mas ao mesmo tempo atá-lo a seu serviço na arte da feiticaria. Ainda assim, mesmo sob efeito do feitico, ele soltara uma risada. A mulher nada disse. Jogou água límpida no fogo até a fumaça se dissipar e deu ao garoto água para beber. Quando o ar estava limpo e ele voltou a poder falar, ela lhe ensinou o verdadeiro nome do falcão, a cujo chamado a ave sempre atenderia.

Esse foi o primeiro passo de Duny no caminho que ele deveria seguir por toda a vida: o caminho da magia, o caminho que o conduziria finalmente a perseguir uma sombra por terra e mar até as praias sombrias do reino da morte. Mas, naqueles primeiros passos, o caminho parecia uma estrada ampla e iluminada. Ao descobrir que os falcões selvagens abandonavam os ventos para vir em sua direção quando ele os chamava pelo nome, baixando com um rumor violento de asas em

seu punho, como as aves de rapina de um príncipe, ele ansiou por saber mais nomes e voltou à tia, implorando para aprender o nome do gavião, do falcão-pescador e da águia. Para obter essas palavras poderosas, ele fez tudo o que a bruxa lhe pediu e aprendeu tudo o que ela lhe ensinou, embora nem todas as coisas fossem agradáveis de se fazer ou saber. Há um ditado em Gont: Ineficiente como a magia de uma mulher; e há outro: Inclemente como a magia de uma mulher. Mas a bruxa de Dez Amieiros não era uma feiticeira das trevas nem jamais se metera com as artes elevadas ou se comunicara com os poderes antigos. No entanto, por ser uma mulher ignorante num povo ignorante, parte de suas crenças era besteira, e ela não sabia distinguir os verdadeiros feitiços dos falsos. Conhecia muitas maldições e era mais habilidosa em causar uma doença, talvez, do que em curá-la. Como qualquer bruxa de aldeia, sabia preparar poções do amor, mas havia outras, menos generosas, que ela preparava para servir à inveja e ao ódio dos homens. Tais conhecimentos, porém, ela ocultava do jovem aprendiz e, na medida de suas capacidades, ensinou-lhe as práticas honestas. No início, o que o agradava nas artes mágicas era, de modo infantil, o poder e o

frequentemente usava suas habilidades para fins tolos e duvidosos. Nada sabia sobre o equilíbrio e o padrão – que o verdadeiro mago conhece e aos quais serve, e que o impedem de usar os próprios feitiços a menos que uma verdadeira necessidade o obrigue. A mulher tinha um feitico para cada circunstância e sempre usava amuletos. Grande

outros animais. De fato, esse prazer o acompanhou por toda a vida. Por vê-lo sempre nas pastagens elevadas com uma ave de rapina por perto, as outras crianças passaram a chamá-lo de Gavião, e assim ele recebeu o nome pelo qual seria conhecido mais tarde, quando sua verdadeira identidade fosse esquecida.

À medida que a bruxa continuava falando da glória, das riquezas e do grande poder que um feiticeiro poderia obter dos homens, ele

conhecimento que isso lhe dava sobre aves e

passou a se dedicar a aprender encantamentos mais úteis. Era bom nisso. A feiticeira o elogiava e as crianças da aldeia começaram a temê-lo. Ele próprio tinha certeza de que, muito em breve, se tornaria alguém notável. Por isso, seguiu estudando, de palavra em palavra, de feitiço em feitiço com a bruxa até completar 12 anos e ter aprendido com ela uma grande parte do que a mulher sabia: não muito, mas o suficiente para uma bruxa de uma pequena aldeia - e mais do que suficiente para um garoto de 12 anos. A mulher tinha ensinado tudo o que sabia

sobre ervas e curandeirismo, além das artes de encontrar, amarrar, corrigir, abrir e revelar. O que sabia das histórias dos cantadores e dos grandes feitos, ela havia cantado para ele, e todas as palavras da língua verdadeira que tinha aprendido com o feiticeiro

que lhe ensinara, ela também ensinou para Duny. E com os fazedores de chuva e os malabaristas errantes, que iam de cidade em cidade do vale do Norte e da floresta do Leste, ele tinha aprendido vários trugues e galanteios, feiticos de ilusão. Foi com um

desses feitiços leves que, pela primeira vez, ele mostrou o grande poder que havia nele.

Naqueles dias, o Império Kargad era poderoso. Eram quatro as grandes regiões que se estendiam ao norte e ao leste: Karego-At, Atuan, Hur-at-Hur, Atnini. A língua que falavam não era semelhante a nenhuma outra domínios, e eram um povo selvagem e voraz, de pele branca, cabelos louros, que gostava de ver sangue e sentir o cheiro de cidades em chamas. No ano anterior, atacaram os Torikles e a ilha fortificada de Torheven com frotas de navios de bandeira vermelha e grande poderio. As notícias das invasões haviam chegado ao Norte, até Gont, mas os senhores de lá estavam ocupados com a própria pirataria e prestaram pouca atenção nos infortúnios de outras terras. Então Spevy caiu nas mãos dos Kargs, foi saqueada e destruída, e seu povo, escravizado, de modo que até hoje é uma ilha em ruínas. Em sua ânsia de conquista, os Kargs navegaram em seguida para Gont, chegando numa hoste, trinta imensas galeras, ao porto Leste. Eles abriram combate para entrar na cidade, tomaram-na e a incendiaram; deixaram seus navios ancorados e guardados na boca do rio Ar e saíram pelo vale, saqueando e

falada no arquipélago ou em outros

destruindo, matando homens e animais. Conforme prosseguiam, dividiam-se em bandos, e cada um desses bandos atacou onde escolheu. Fugitivos deram o aviso às aldeias que ficavam no alto. Pouco depois, os habitantes de Dez Amieiros viram a fumaça escurecer o céu a leste, e, naquela noite, ao olhar para o vale todo enevoado e raiado de vermelho, aqueles que escalaram a Grande Queda viram fogo onde pouco antes havia plantações prontas para a colheita, os pomares em chamas, os frutos assando nos galhos ardentes e os celeiros e sítios ardendo

em ruínas.

Alguns dos aldeões fugiram para as ravinas e se esconderam na floresta. Outros se prepararam para lutar pela própria vida. Outros ainda não fizeram nem uma coisa nem outra, e ficaram por lá, se lamentando. A bruxa foi uma das que fugiu, escondendose sozinha numa caverna na escarpa de Kapperding e selando sua entrada com feitiços.

dos que ficaram, pois ele não abandonaria a fundição nem a forja onde trabalhara por cinquenta anos. Durante toda aquela noite ele se ocupou em forjar pontas de lança com qualquer metal que tivesse à disposição. Outros homens trabalharam com ele, prendendo as pontas aos cabos de pás e ancinhos, pois não havia tempo para lhes providenciar suportes mais adequados. Não havia outras armas na aldeia, além de arcos de caça e facas curtas, pois os povos das montanhas de Gont não eram dados à guerra nem famosos por seus guerreiros, mas por seus ladrões de

O pai de Duny, o forjador de bronze, foi um

Com o nascer do sol, viu-se uma névoa branca e densa, como em muitas manhãs de outono nas partes altas da ilha. Entre cabanas e casas que se estendiam rua abaixo de Dez Amieiros, os aldeões ficaram parados esperando, com seus arcos de caça e as lanças recém-forjadas, sem saber se os Kargs

cabras, piratas e feiticeiros.

estariam muito longe ou perto demais. Todos em silêncio. Todos fitando o nevoeiro que ocultava formas, distâncias e perigos de seus olhos. Duny estava com eles. Tinha trabalhado

durante toda a noite no fole da forja, abrindo e fechando a sanfona de couro de cabra que alimentava o fogo com um sopro de ar. Agora seus braços doíam e tremiam tanto por causa do trabalho que ele não conseguia erguer a lança que escolhera. Ele não via como poderia lutar ou ser de alguma utilidade para si mesmo ou os aldeões. A ideia de que ele teria que morrer empalado por uma lança dos Kargs enquanto ainda era um garoto o enfurecia; de que ele teria que ir para a região sombria sem nunca ter conhecido o próprio nome, seu verdadeiro nome de homem. Duny baixou os olhos para os braços finos, úmidos com o orvalho frio, e amaldiçoou sua fraqueza. Havia poder nele se soubesse como usá-lo. Então ele procurou, entre todos os feitiços que conhecia, algum ardil que pudesse lhe dar, bem como aos companheiros, uma vantagem ou, ao menos, uma chance. Mas somente a necessidade não era suficiente para libertar o poder: precisava haver conhecimento. A névoa desaparecia agora sob o calor do

ava haver conhecimento. A névoa desaparecia agora sob o calor do sol que brilhava desnudo acima do pico em um céu azul. Conforme a bruma se dissipava, formando grandes amontoados de nuvens de fumaça, os aldeões viram um bando de guerreiros subindo a montanha. Eles usavam armaduras com elmos e plumas e grevas de bronze, além de peitorais de couro pesados e escudos de madeira e bronze. Empunhavam espadas e a comprida lança dos Kargs. Movendo-se ao longo da margem íngreme do rio Ar, eles formavam uma fila desordenada e barulhenta de homens, já tão próximos que era possível ver-lhes os rostos brancos e ouvir as palavras de seu jargão sendo gritadas uns para os outros. Neste bando da horda invasora havia cerca de cem homens, o que não é muita coisa; mas na aldeia havia apenas dezoito homens e garotos. Agora a necessidade exigia a presença do conhecimento: Duny, ao ver a névoa soprar e

se dissipar ao longo do caminho diante dos Kargs, lembrou-se de um feitiço que poderia lhe ser útil. Um velho fazedor de chuva do vale, tentando conquistar o garoto como aprendiz, lhe ensinara vários encantamentos. Um desses truques se chamava trama-névoa, um feitico de amarração que reúne as névoas durante algum tempo num único lugar. Com ele, alguém hábil em ilusão pode moldar o nevoeiro, transformando-o em aparições fantasmagóricas que duram algum tempo e depois se desvanecem. O garoto não tinha habilidade para tanto, mas sua intenção era outra – e ele tinha a força para transformar o feitiço para seus próprios fins. Rapidamente e em voz alta, ele nomeou os locais e as fronteiras da aldeia e então enunciou

encantamento trama-névoa. No entanto, a suas palavras entrelaçou outras, de um feitiço de ocultamento, e, por último, gritou a que faria a magia funcionar. Ao fazer isso, o pai, que vinha por trás

dele, o acertou com força na lateral da cabeça e o derrubou no mesmo instante.

 Fique quieto, seu tolo! Mantenha a boca fechada e vá se esconder se não puder lutar!

Duny se pôs de pé. Ele já conseguia ouvir os Kargs, agora no extremo da aldeia, tão perto do pátio do tanoeiro quanto do grande teixo. Suas vozes eram claras, bem como o estalar e ranger dos arreios e braços, mas não dava para vê-los. O nevoeiro se fechara e adensara por toda a aldeia, sombreando a luz, borrando o mundo até que um homem mal pudesse ver as próprias mãos à sua frente.

 Eu escondi todos nós – falou Duny mal-humorado, pois a cabeça doía por causa da pancada que o pai lhe dera e o duplo encantamento lhe esgotava as forças. – Vou manter o nevoeiro pelo maior tempo que conseguir. Pegue os outros e os leve até a Grande Queda. O ferreiro encarou o filho, que estava de

pé, pálido, naquela névoa estranha e úmida. Passou-se um instante até ele compreender o que Duny dizia, mas, assim que o fez, correu sem fazer barulho, posto que conhecia cada cerca e canto da aldeia, para encontrar os outros e dizer-lhes o que fazer. Agora, do meio do nevoeiro cinzento, irradiava um borrão vermelho, pois os Kargs atearam fogo ao telhado de uma casa. Ainda assim, não entraram na aldeia, mas aguardaram no extremo inferior até a névoa se dissipar e deixar sem cobertura seus saques e suas presas.

O tanoeiro, cuja casa fora queimada, mandou dois garotos correrem em fuga bem debaixo do nariz dos Kargs, provocando, gritando e desaparecendo novamente feito tempo, os homens mais idosos, rastejando por trás das cercas e correndo de casa em casa, se aproximaram do outro lado e enviaram uma chuva de flechas e lanças sobre os guerreiros, que estavam parados ali, amontoados. Um dos Kargs caiu, contorcendo-se por causa de uma lança ainda quente, recémforjada, que transpassara seu corpo. Outros foram atingidos por flechas, e todos ficaram enfurecidos. Então eles atacaram avançaram, decididos a ferir seus frágeis agressores, mas encontraram apenas o nevoeiro ao seu redor, recheado de vozes. Eles as seguiram, golpeando em meio à névoa com as grandiosas lanças emplumadas e manchadas de sangue. Subiram a rua gritando sem jamais saber que tinham entrado na aldeia, pois as cabanas e casas vazias estavam desaparecidas no nevoeiro cinzento e sinuoso. Os aldeões corriam, espalhando-se, e a maioria se mantinha bem à frente, pois

fumaça dentro da fumaça. Nesse meio-

conhecia o terreno. No entanto, alguns meninos e velhos eram mais lentos. Os Kargs esbarravam neles e cravavam suas lanças ou os dilaceravam com suas espadas, lançando seus gritos de guerra, os nomes dos integrantes da Irmandade Branca de Atuan: – Wuluah! Atwah!

Alguns homens do bando pararam ao sentir que o terreno se tornava íngreme debaixo de seus pés, mas outros seguiram em frente, buscando a aldeia fantasma, seguindo os vultos escuros e trêmulos que fugiam de seu alcance. Toda a névoa se animava com essas formas passageiras, que se evadiam, tremeluziam e desapareciam de todos os lados. Um grupo dos Kargs perseguiu as aparições direto até a Grande Queda, a beirada do penhasco acima das nascentes do rio Ar. E os vultos que eles perseguiam flutuaram em pleno ar e ali desapareceram, onde a névoa se dissipava ao mesmo tempo que seus perseguidores caíam, gritando através do

nevoeiro e a súbita luz do sol, 30 metros até as poças rasas entre as rochas. E aqueles que vinham atrás deles e não caíram ficaram de pé na beirada do penhasco e escutaram com atenção.

O medo invadira o coração dos Kargs e

eles começaram a procurar uns aos outros, e não mais aos aldeões, no estranho nevoeiro. Eles se reuniram na encosta e mesmo assim se viam aparições e vultos fantasmagóricos entre eles, além de outras formas que corriam, desferiam golpes pelas costas com uma lança ou faca e voltavam a desaparecer. Os Kargs começaram a correr morro abaixo, tropeçando em silêncio até que todos, de uma vez, fugiram da névoa cinzenta e cegante e enxergaram o rio e as ravinas abaixo da aldeia, reluzentes sob o sol da manhã. Então eles pararam, reunindo-se, e olharam para trás. Uma muralha de névoa cinza e tremulante, sinuosa como o caminho, ocultava tudo que se encontrava dentro dela.

para longe daquele lugar enfeitiçado.

Mais abaixo no vale do Norte, os guerreiros tiveram sua cota de luta. As cidades da floresta do Leste, de Ovark até o litoral, haviam reunido seus homens e os enviaram contra os invasores de Gont. Bando após bando, eles desceram os morros e, naquele dia e no seguinte, os Kargs foram rechaçados até as praias acima de porto do Leste, onde encontraram seus navios queimados. Então lutaram de costas para o mar até que cada

Por trás da muralha, surgiram dois ou três retardatários, avançando e tropeçando, com suas compridas lanças balançando nos ombros. Nenhum dos Kargs olhou para trás mais de uma vez. Todos desceram às pressas,

Naquela manhã, na aldeia de Dez Amieiros e até as alturas da Grande Queda, a névoa cinzenta e úmida permanecera mais algum

um de seus homens estivesse morto e as areias de Armouth estivessem marrons com

o sangue até a maré encher.

se e dissolver-se. Um ou outro homem permaneciam parados sob o vento e a luz brilhante da manhã, olhando ao redor com assombro. Aqui jazia um Karg com cabelos louros compridos soltos e ensanguentados; ali o tanoeiro da aldeia, morto em batalha feito um rei.

Abaixo, na aldeia, a casa que fora in-

tempo até subitamente se mover, dispersar-

cendiada ainda ardia. Os homens correram para apagar o fogo, pois a batalha já fora vencida. Na rua, próximo ao grande teixo. encontraram Duny, o filho do forjador, de pé e sozinho, sem ferimentos, mas emudecido e abobado como alguém que estivesse em estado de choque. Eles sabiam muito bem o que o garoto havia feito e o conduziram à casa do pai. Depois, foram pedir à bruxa que saísse de sua caverna e fosse curar o rapaz que salvara suas vidas e seus pertences – a não ser por quatro homens mortos pelos Kargs e pela casa incendiada.

O garoto não fora ferido por armas, mas não era capaz de falar, comer ou dormir. Parecia não ouvir nem ver quem fosse visitálo. Não havia ninguém nos arredores que fosse capaz de curar o que afligia o garoto.

 Ele abusou do poder – comentou sua tia, sem saber como ajudá-lo.
 Durante o tempo em que ele ficou deit-

ado, cego e confuso, a história do rapaz que controlou o nevoeiro e espantou os guerreiros de Karg com uma confusão de sombras foi contada por todo lugar: do vale do Norte à floresta do Leste ao alto da montanha e acima da montanha até o grande porto de Gont. Então, no quinto dia após o massacre no estuário, um estrangeiro chegou à aldeia de Dez Amieiros: um homem nem velho nem jovem vestindo capa e com a cabeça descoberta, brandindo levemente um grande cajado de carvalho que era tão alto quanto ele próprio. Ele não subiu o curso do rio Ar, como a maioria das pessoas costumava fazer;

lado mais alto da montanha. As senhoras da aldeia sabiam que ele era um mago e, quando ele lhes contou que era um curatudo, elas o levaram direto para a casa do forjador. Após mandar todos saírem, a não ser pelo pai e a tia do garoto, o estranho se inclinou acima do catre no qual Duny estava deitado fitando o nada e não fez mais do que pôr a mão sobre a testa do garoto e tocar seus lábios uma única vez.

Duny se sentou e lentamente olhou a seu

ao contrário, desceu-o, vindo das florestas do

redor. Pouco tempo depois, voltou a falar, e a força e a fome começaram a retornar. Deram-lhe um pouco de comida e de bebida e ele voltou a se recostar, sempre observando o estranho com olhos escuros, admirados.

 Você não é um homem comum – disse o forjador para o estrangeiro.

 Nem este garoto será – retrucou o outro. – A história de seus feitos com o nevoeiro chegou à minha terra natal, Re Albi. Vim aqui para lhe dar seu nome se, como dizem, ele ainda não fez a passagem para a vida adulta.

- Irmão, certamente este é o mago de Re
 Albi, Ogion, o Silencioso, que controlou o terremoto... murmurou a bruxa.
- Senhor disse o forjador de bronze, que não permitiria que um nome grandioso o intimidasse –, meu filho completará 13 anos no próximo mês, mas pensamos em comemorar sua passagem no Festival do Retorno do Sol, no inverno.
- Que ele seja nomeado o mais rápido possível – disse o mago –, pois precisa de um nome. Tenho outros negócios a tratar agora, mas voltarei aqui no dia que você escolher. Se não for causar problemas, eu o levarei comigo. Se ele se mostrar apto, vou mantê-lo como aprendiz ou cuidar para que receba instrução adequada a seus dotes. Pois manter na escuridão a mente de quem nasce mago é uma coisa perigosa.

Ogion falava com voz calma, mas firme, e mesmo o forjador, um cabeça-dura, concordou com tudo o que ele disse. No dia em que o garoto completou 13 anos, no esplendor inicial do outono, quando

as folhas brilhantes ainda se encontram nas árvores, Ogion retornou à aldeia após descer pelo monte de Gont, e a cerimônia da passagem foi celebrada. A bruxa tirou do garoto o nome Duny, que a mãe lhe dera quando bebê. Nu e sem nome, ele caminhou até as nascentes frias do rio Ar, entre rochas, debaixo de altos penhascos. À medida que entrava na água, nuvens cruzavam a face do sol e grandes sombras se esgueiravam e se misturavam acima do rio ao seu redor. O garoto cruzou até a margem mais distante, tre-

mendo de frio. Mas caminhou lentamente, ereto, como deveria, naquela água congelada e viva. Quando se aproximou da margem, Ogion, que estava à sua espera, estendeu-lhe a mão e, ao tocar o braço do garoto, murmurou seu verdadeiro nome: Ged. Foi assim que ele recebeu seu nome de

um homem muito sábio nos usos do poder.

A festa estava longe de acabar, e todos os aldeões estavam contentes, com o suficiente para comer e cerveja para beber enquanto um bardo do vale cantava os *Feitos dos senhores dos dragões*.

 Venha, rapaz. Dê adeus ao seu povo e deixe que festejem – falou o mago em voz baixa para Ged.

Ged reuniu o que tinha que levar: a boa faca de bronze forjada por seu pai e um casaco de couro que a viúva do tanoeiro cortara até ficar do seu tamanho, além de um cajado de amieiro que a tia encantara para ele. Esses eram todos os seus pertences, além da camisa e da calça. Ele se despediu de todas as pessoas que conhecia no mundo e contemplou uma vez a aldeia de casas dispersas, amontoada ali, debaixo dos penhascos e acima das nascentes. Então partiu com

o novo mestre, através de florestas íngremes, em meio a folhas e sombras do luminoso outono.

Capítulo 2

A sombra

ed pensara que, como aprendiz de um grande mago, teria todo acesso ao mistério e ao domínio do poder. Ele compreenderia a linguagem dos animais e a fala das folhas da floresta, dobraria os ventos com sua palavra e aprenderia a tomar qualquer forma que desejasse. Talvez ele e o mestre corressem juntos como cervos ou voassem para Re Albi acima das montanhas, sobre as asas das águias.

Mas não foi assim. Eles perambularam.

gradualmente, para sul e oeste ao redor da montanha, pedindo abrigo em aldeias pequenas ou passando a noite ao ar livre, em descampados, como se fossem pobres feiticeiros andarilhos, funileiros ou mendigos. Não entraram em nenhum domínio misterioso. Nada aconteceu. O cajado de carvalho do mago, que, no início, Ged observara com temor e ansiedade, era apenas um pedaço de madeira firme com o qual o mago andava. Três dias se passaram, quatro dias se passaram, e Ogion ainda não dissera um único encantamento que Ged tivesse escutado nem lhe ensinara um único nome, runa ou feitico. Embora fosse um homem muito calado,

Primeiro, desceram até o vale e, então,

era tão delicado e calmo que, em pouco tempo, Ged deixou de temê-lo e, após um dia ou dois, teve coragem suficiente para perguntar:

– Quando vai começar meu aprendizado,

 Já começou – respondeu Ogion.
 Fez-se silêncio, como se Ged estivesse hesitando em dizer algo.

– Mas eu ainda não aprendi nada!

senhor?

 Porque você não descobriu o que estou ensinando – retrucou o mago, seguindo em seu passo comprido e firme pela estrada, a passagem elevada entre Ovark e Wiss.

Ele era moreno, como grande parte dos gonteses, um moreno escuro e bronzeado, com cabelos grisalhos, magro e rijo como um cão; incansável. Raramente falava, pouco comia e dormia menos ainda. Seus olhos e ouvidos eram muito atentos e quase sempre adotava uma expressão de quem estava ouvindo algo com atenção.

Ged não respondeu. Nem sempre é fácil responder a um mago.

 Você quer fazer feitiços – falou Ogion sem demora, continuando a caminhar. – Você já tirou mais água que deveria desse excelência é nove vezes paciência. Que erva é aquela na trilha?

- A sempre-viva.

- E essa?

- Não sei.

- As pessoas a chamam de quatro-folhas.
Ogion havia parado, a base de bronze do cajado bem perto da pequena erva. Ged ol-

hou atentamente para a planta, arrancou uma vagem e finalmente perguntou, pois

poço. Espere. A idade adulta é paciência. A

Para que serve, mestre?Que eu saiba, para nada.

Ogion não dissera mais nada:

Ged segurou a vagem mais um pouco enquanto eles avançavam e depois a jogou fora.

– Quando você conhecer todas as partes da quatro-folhas em todas as estações, raiz, folha e flor, ao vê-la e pelo aroma e a semente, então poderá aprender seu verdadeiro nome, conhecendo seu ser: o que é

mais que seu uso. Qual é o seu uso, afinal? E

o meu? O monte de Gont é útil? E o mar Aberto?

Ogion seguiu mais quase um quilômetro e finalmente observou:

– Para ouvir, deve-se estar calado.

O garoto franziu a testa. Ele não gostava de ser feito de bobo. Engoliu o ressentimento e a impaciência e tentou ser obediente para que Ogion consentisse finalmente em lhe ensinar alguma coisa. Ele estava ávido para aprender e adquirir poder.

Começou a lhe parecer, porém, que ele poderia ter aprendido mais com qualquer coletor de ervas ou feiticeiro de aldeia. À medida que eles davam a volta na montanha pelo oeste, penetrando nas solitárias florestas além de Wiss, ele se perguntou mais e mais qual seria a grandeza e a magia do grande mago Ogion. Pois quando chovia, seu mestre nem sequer dizia o feitiço que todo fazedor de chuva conhece, para afastar a tempestade. Em uma região onde

abundavam feiticeiros, como Gont ou as Enlades, é possível ver uma nuvem de tempestade se movendo lentamente de um lado a outro, de um local a outro, desviada por feitiçaria até finalmente ser empurrada para o mar, onde podia chover em paz. Mas Ogion deixava a chuva cair ali mesmo. Ele encontrava um abeto robusto e se deitava debaixo dele. Ged se agachava entre os galhos que pingavam, molhado e de mau humor, perguntando-se que vantagem havia em ter poder quando se era sábio demais para usálo, e desejava ter ido ser aprendiz do velho fazedor de chuva do vale, onde, pelo menos, ele teria dormido seco. Não expressou seus pensamentos em voz alta. Não disse uma única palavra. Seu mestre sorriu e adormeceu sob a chuva.

Conforme o Retorno do Sol se aproximava, quando as primeiras nevascas começaram a cair nas partes altas de Gont, eles chegaram a Re Albi, terra natal de Ogion, uma cidade à beira das rochas elevadas do Despenhadeiro. Seu nome significa Ninho do Falcão. De lá, é possível ver muito mais abaixo o porto profundo e as torres do porto de Gont, além dos navios que entram e saem pelos canais da baía entre os Promontórios Fortificados e, mais a oeste, do outro lado do mar, podem-se distinguir os morros azuis de Oranea, a ilha Interior mais a leste.

A casa do mago, embora fosse uma grande construção sólida de madeira, com lareira e chaminé em vez de braseiro, era como as cabanas da aldeia de Dez Amieiros: um único cômodo, com um curral construído em um dos lados. Havia um tipo de alcova na parede oeste do cômodo, onde Ged dormia. Sobre o estrado, uma janela dava para o mar, mas na maior parte do tempo as venezianas ficavam fechadas por causa dos fortes ventos que sopravam durante todo o inverno, do oeste e do norte. Na cálida penumbra a ler e escrever as seiscentas runas hárdicas. Ele estava muito contente por adquirir esse saber, pois, sem ele, o aprendizado rotineiro de encantamentos e feitiços não conferia poder verdadeiro a homem nenhum. A língua hárdica do Arquipélago, embora não tenha mais poder mágico do que qualquer outra língua humana, tem suas raízes na língua antiga, aquela na qual as coisas são chamadas por seus verdadeiros nomes, e a via

para sua compreensão tem início com as runas que foram escritas quando as primeir-

daquela casa, Ged passou o inverno escutando o estrépito da chuva e do vento do lado de fora ou o silêncio da nevasca, aprendendo

as ilhas do mundo se ergueram do mar.

Ainda assim, não ocorreu nada extraordinário, nenhum prodígio. Durante todo o inverno, nada houve além do virar das pesadas páginas do Livro das Runas, enquanto a chuva e a neve caíam. Ogion chegava depois de perambular pelas florestas

suas botas e se sentava em silêncio perto do fogo. E o silêncio longo e concentrado do mago preenchia o cômodo e enchia a mente de Ged, até que, algumas vezes, era como se ele tivesse se esquecido de como eram os sons das palavras. Quando Ogion finalmente abria a boca, era como se ele tivesse, naquele momento (e pela primeira vez), inventado a linguagem. No entanto, as palavras que ele enunciava não eram grandiosas. Tinham a ver apenas com coisas simples: pão, água, clima e sono. À medida que a primavera começou a se aproximar, rápida e luminosa, Ogion passou a mandar Ged colher ervas nas campinas acima de Re Albi e lhe dizia para levar o tempo que quisesse nisso, dando-lhe a liberdade de passar o dia todo perambulando por

córregos cheios por causa da chuva, no meio dos bosques e nos campos verdes e úmidos sob o sol. Ged sempre saía com prazer e

gélidas ou cuidar das cabras, batia a neve de

ficava fora de casa até a noite, mas não se esquecia das ervas. Mantinha um olho atento a elas, enquanto escalava, caminhava sem rumo, chapinhava na água e explorava. Sempre levava um pouco para casa.

Certa vez, ele chegou a uma campina

Certa vez, ele chegou a uma campina entre dois córregos onde crescia em abundância a flor chamada de losna-brava e, como essas plantas eram raras e valorizadas pelos curandeiros, voltou no dia seguinte. Alguém havia chegado lá antes dele; uma garota, a quem ele conhecia de vista como a filha do velho Senhor de Re Albi. Ele não ia falar com ela, mas a garota veio em sua direção e o cumprimentou, satisfeita:

 Eu conheço você. Você é o Gavião, discípulo do nosso mago. Queria que você me falasse algo sobre feitiçaria!

Ged baixou o olhar para as flores brancas que roçavam a saia branca da garota e, no início, estava tímido, melancólico e mal respondeu. Mas ela seguiu falando, tinada que, pouco a pouco, o deixou à vontade. Ela era alta, mais ou menos da sua idade, muito pálida, com a pele quase branca; a mãe, diziam na aldeia, era de Osskil ou de alguma terra estrangeira. Os cabelos caíam compridos e lisos como uma cascata de águas negras. Ged a considerou muito feia, mas teve desejo de agradá-la, de conquistar sua admiração, que aumentava nele conforme conversavam. Ela o fez contar toda a história de seus trugues com névoa que haviam derrotado os guerreiros de Karg e ouviu como se ficasse surpresa ou admirada, mas não fez elogios. – Você sabe chamar as aves e os animais? – perguntou ela. - Sei - respondeu Ged.

abertamente, descuidada e de tal modo obs-

Ele sabia que havia um ninho de falcão nos rochedos acima da campina, então chamou a ave por seu nome. Ela veio, mas não pousou em seu pulso, repelida, sem tos também? Ele pensou que ela estivesse zombando dele com a pergunta porque o falcão não obedecera totalmente aos chamados. Não permitiria que ela zombasse dele. – Eu poderia, se guisesse – respondeu

dúvida, pela presença da garota. A ave gritou, deslocou o ar com as asas amplas e se el-

- Qual é o nome desse tipo de encanta-

- Você pode atrair os espíritos dos mor-

evou no vento.

com voz calma.

mento, que fez o falcão vir?

- Um feitiço de invocação.

um espírito? Difícil, é. Perigoso? – Ele deu de ombros.

Não é muito difícil ou perigoso chamar

Desta vez, ele tinha quase certeza de

haver admiração nos olhos dela. - Você pode fazer um encantamento de

amor?

- Não é preciso ser mestre para isso.
 Verdade respondeu ela. Qualquer
 bruxa de aldeia sabe fazer isso. Você pode
- bruxa de aldeia sabe fazer isso. Você pode fazer feitiços de transformação? Pode tomar outra forma, como dizem que os feiticeiros fazem?

Mais uma vez, ele não tinha plena certeza se a pergunta era a sério. Então voltou a responder:

Eu poderia, se quisesse.
Ela começou a pedir que ele se trans-

formasse em qualquer coisa que quisesse: uma águia, um touro, uma fogueira, uma árvore. Ele a repeliu com palavras breves e reticentes, tal como as que seu mestre usava, mas ele não sabia como recusar pura e simplesmente diante da insistência dela. Além disso, não tinha noção se estava apenas se gabando ou não. No fim, Ged foi embora alegando que seu mestre, o mago, o esperava em casa, e não voltou à campina no dia seguinte. Mas, dois dias depois, voltou,

tão alegremente quanto qualquer pastora de cabras da própria aldeia. Ela perguntou novamente sobre feiticaria e ouviu, com olhos arregalados, tudo o que ele lhe contou. Então ele voltou a se gabar. Ela perguntou se ele não faria um feitico de transformação, e quando ele a dispensou, ela o encarou, tirou os cabelos negros do rosto e falou: – Você tem medo? - Não. Não tenho medo. - Talvez você seja jovem demais emendou ela, sorrindo com desdém. Isso ele não iria tolerar. Não falou muita coisa, mas decidiu que mostraria a ela. Ele então lhe disse que retornasse à campina no dia seguinte se ela quisesse, e assim se livrou

dizendo a si mesmo que tinha que colher mais flores conforme elas fossem desabrochando. A garota estava lá e, juntos, eles caminharam descalços na relva úmida, arrancando as pesadas flores de losna-brava. O sol de primavera brilhava e ela falava com ele da garota e voltou para casa enquanto o mestre ainda estava ausente. Foi direto à prateleira e pegou os dois Livros da Tradição, que Ogion nunca sequer abrira na presenca dele. Ele procurava um feitico de autotrans-

formação, mas por ainda ser lento na leitura das runas e compreender pouco do que lia, não conseguiu encontrar o que buscava. Esses livros eram muito antigos; Ogion os recebera de seu mestre, Heleth, o Que Vê Longe, e Heleth de seu mestre, o mago de Perregal, e assim até os tempos míticos. As letras eram pequenas e esquisitas, e muitas e a zombaria da garota sempre em mente, deteve-se numa página que trazia um feitiço

mãos haviam escrito por cima e entre as linhas. Todas essas mãos agora eram pó. Ainda assim, aqui e ali, Ged compreendia alguma coisa do que tentava ler e, com as perguntas

de invocação dos espíritos dos mortos. Enquanto lia, decifrando

símbolos um a um, o horror sobreveio ao garoto. Seus olhos estavam fixos, e ele não pôde erguê-los até terminar de ler todo o feitiço.

Então, erguendo a cabeça, notou que a

casa estava às escuras. Lera sem nenhuma iluminação, no escuro. Agora ele não conseguia distinguir as runas ao baixar os olhos para o livro. O horror tomou conta dele e pareceu prendê-lo à cadeira. Ele sentiu frio. Ao olhar por cima do ombro, viu que havia algo agachado ao lado da porta fechada; uma massa disforme de sombra mais escura que a escuridão. Parecia estender-se na direcão dele, murmurar e chamá-lo num sussurro; mas ele não compreendia as palavras. A porta se abriu com um golpe. Um

A porta se abriu com um golpe. Um homem entrou com uma luz branca ardendo ao redor dele, uma figura brilhante e grandiosa que falou em voz alta, súbito e impetuoso. A escuridão e o murmúrio cessaram e se dispersaram.

O horror abandonou Ged, mas ele ainda sentia um medo mortal, pois era Ogion, parado ali na porta com luminosidade a seu redor, e o cajado de carvalho na mão ardia com um brilho branco.

Sem dizer uma única palavra, o mago passou por Ged, acendeu o lampião e guardou os livros na prateleira. Então, virouse para o garoto e falou:

- Nunca será possível fazer aquele feitiço sem colocar em risco seu poder e sua vida. Era isso que estava procurando quando abriu os livros?
- Não, mestre murmurou o garoto e, constrangido, contou a Ogion o que estava procurando e por quê.
- Você não se lembra do que eu lhe disse, que a mãe daquela garota, a esposa do senhor, é uma encantadora?

Na verdade, Ogion dissera isso uma vez, mas Ged não havia prestado muita atenção, embora soubesse agora que o feiticeiro nunca lhe dissera algo sem ter uma boa razão para isso.

– A garota também já é meio bruxa. Pode cor que a mão a tamba enviada para con

ser que a mãe a tenha enviado para conversar com você. Pode ser que ela tenha aberto o livro na página que você leu. Os poderes aos quais ela serve não são os mesmos a que eu sirvo: ignoro o que ela pretende, mas sei que ela não me deseja nenhum bem. Ged, ouça-me com atenção agora. Nunca lhe ocorreu que o perigo ronda o poder como a sombra persegue a luz? A feitiçaria não é um jogo que jogamos por diversão ou para receber elogios. Pense nisto: toda palavra, todo ato de nossa arte, é falada e é feita para o bem ou para o mal. Antes de você falar ou fazer, tem que saber o preço a pagar!

 Como é que eu ia saber dessas coisas se o senhor não me ensina nada? Desde que vim morar aqui, não fiz nada, não vi nada! – gritou Ged, tomado pela vergonha. mago. – Perto da porta, na escuridão, quando eu entrei. Ged ficou em silêncio.

Agora você já viu algo – retrucou o

Ogion se ajoelhou, preparou o fogo na lareira e a acendeu, pois a casa estava fria. Então, ainda ajoelhado, falou em voz baixa:

– Ged, meu jovem falcão, você não está amarrado a mim nem a meu serviço. Você não veio a mim: eu é que fui até você. Você é muito jovem para fazer esta escolha, mas não posso escolher por você. Se quiser, eu o enviarei à ilha de Roke, onde ensinam todas as

artes elevadas. Você vai aprender qualquer uma que quiser, pois seu poder é grande. Maior até do que a sua vaidade, espero. Eu o manteria aqui comigo, pois tenho o que falta a você, mas não vou mantê-lo contra a sua vontade. Agora escolha entre Re Albi e Roke.

Ged ficou parado, confuso; o coração perplexo. Ele aprendera a amar aquele homem, Ogion, que o curara com o toque e que não até aquele momento. Fitou o caiado de carvalho inclinado no canto da chaminé, recordando o brilho que expulsara e fizera arder o mal da escuridão, e desejou ficar com Ogion, sair caminhando com ele pelas florestas, por muito tempo e para muito longe, aprendendo a ficar em silêncio. Ainda assim, havia nele outros desejos que não seriam silenciados: o desejo de glória, a vontade de agir. O caminho de Ogion parecia longo, uma trilha lenta a seguir, quando ele poderia navegar com os ventos marítimos direto até o mar Interior, a ilha dos Sábios, onde o ar era claro de encantamentos e o arquimago caminhava entre prodígios. Mestre, vou para Roke.

sentia raiva: ele o amava e não percebera isso

Então, alguns dias depois, numa manhã ensolarada de primavera, Ogion caminhou ao lado do garoto estrada íngreme abaixo, 24 quilômetros do Despenhadeiro até o grande porto de Gont. Ali, entre os dragões conheciam e o homenageavam por ordem do príncipe e por vontade própria, pois, dez anos antes, Ogion salvara a cidade do terremoto que teria derrubado as torres dos ricos e fechado o canal dos Promontórios Fortificados com uma avalanche. Ele havia falado com o monte de Gont, acalmando-o, e paralisara os precipícios trêmulos do Despenhadeiro como se tranquilizasse uma fera assustada. Ged tinha ouvido falar disso e agora, curioso ao ver os guardas armados se ajoelharem diante do silencioso mestre, ele se recordou. Ergueu o olhar quase com medo desse homem que tinha interrompido um terremoto; mas o rosto de Ogion estava sereno como sempre. Eles desceram até o cais, onde o capitão do porto veio rapidamente saudar Ogion e

entalhados no portão do embarcadouro, os guardas da cidade de Gont, ao verem o mago, se ajoelharam com as espadas desembainhadas e lhe deram as boas-vindas. Eles o perguntar em que poderia servi-lo. O mago lhe explicou e, no mesmo instante, o capitão indicou um navio que se dirigia ao mar Interior a bordo do qual Ged poderia ir como passageiro.

- Ou eles o levarão para que chame os ventos – explicou o capitão –, se ele tiver essa habilidade. Eles não têm fazedores de chuva a bordo.
- Ele tem alguma habilidade com névoa e nevoeiro, mas nenhuma com ventos marítimos – comentou o mago, pondo a mão de leve no ombro de Ged. – Não tente nenhum truque com o mar nem com os ventos do mar, Gavião; você ainda é um homem da terra. Capitão do porto, qual é o nome do navio?
- Sombra, das Andrades, e se dirige a Hortburgo com peles e marfim. Um bom navio, mestre Ogion.

O rosto do mago ficou sombrio ao ouvir o nome do navio, mas ele falou:

 Que assim seja. Entregue esta carta ao sentinela da escola de Roke, Gavião. Que bons ventos o levem. Adeus!
 Essa foi toda a despedida. Ele se virou e

seguiu rua acima, para longe do cais. Ged ficou parado, desolado, observando o mestre partir.

 Venha comigo, rapaz – falou o capitão do porto, e levou-o pela margem até o píer onde o Sombra se aprontava para partir.

Poderia parecer estranho que, numa ilha de 80 quilômetros de extensão, numa aldeia debaixo de penhascos que davam para o mar há uma eternidade, uma criança pudesse ter chegado à idade adulta sem nunca ter entrado num barco ou mergulhado um dedo que fosse em água salgada, mas esse era o caso. Fazendeiro, pastor de cabras, pastor de vacas, caçador ou artesão, o homem da terra olha para o mar como um reino salgado e inconstante que nada tem a ver com ele. A aldeia que fica a dois dias de caminhada da a um dia de barco da sua é um mero rumor, montanhas enevoadas vistas do outro lado do mar, que não são terra firme como essa em que ele caminha.

sua é uma terra estrangeira, e a ilha que está

Portanto, para Ged, que nunca tinha estado abaixo das alturas da montanha, o porto de Gont era um lugar espantoso e maravilhoso, com grandes casas e torres de pedra entalhada e a beirada de píeres, docas, espigões e ancoradouros, o porto marítimo onde meia centena de barcos e galeras se balançavam na lateral do cais, pendiam, de cabeça para baixo, por causa de reparos, ou estavam ancorados na enseada com velas e portalós fechados. Os marinheiros gritando em dialetos estranhos e os estivadores correndo, carregando muito peso, entre barris, caixas, rolos de corda e pilhas de remos, mercadores barbudos em vestes cobertas de pelo conversando em voz baixa enquanto caminham ao longo das pedras escorregadias que conseguiram pescar, toneleiros batendo, carpinteiros martelando, vendedores de ostras cantando e os capitães berrando; e além de tudo isso, a baía, reluzente e silenciosa. Com olhos, ouvidos e mente maravilhados, Ged seguiu o capitão do porto até a ampla doca onde o *Sombra* estava atracado. O

homem levou-o até o capitão do navio.

acima da água, pescadores descarregando o

Depois de trocarem umas poucas palavras, o capitão concordou em levar Ged como passageiro até Roke, pois fora um mago quem o pedira. Assim, o capitão do porto deixou o garoto com o outro homem. O capitão do *Sombra* era um homem grandalhão, gordo, com uma capa vermelha debruada com pelo de pellawi, à maneira dos mercadores andradianos. Ele não chegou a olhar

para Ged, mas perguntou com voz forte:

- Você sabe controlar o tempo, garoto?
- Sei.
- Sabe trazer o vento?

Ele teve que dizer que não. Ao ouvir isso, o capitão lhe disse que encontrasse um lugar em que não atrapalhasse ninguém e não saísse de lá. Os remadores estavam subindo a bordo,

pois o navio deveria deixar o porto antes do cair da noite para navegar com a maré baixa próximo à aurora. Não havia lugar em que ele não atrapalhasse o capitão, mas Ged escalou da melhor maneira que podia a carga amontoada, amarrada e coberta com couro na popa do navio, se agarrou ali e observou tudo o que se passava. Os remadores chegaram e se moviam rapidamente a bordo; eram homens robustos, com grandes braços, enquanto os estivadores giravam barris de água que rimbombavam para fora da doca e os empilhavam debaixo dos bancos dos remadores. O navio bem construído se deslocou devagar com sua carga e, ainda assim, dançou um pouco sobre as ondas da costa, pronto para partir.

O timoneiro ocupou seu lugar à direita do cadaste, olhando diretamente para o capitão do navio, que estava de pé sobre uma prancha pousada na união da quilha com a proa, que era entalhada como a Antiga Serpente de Andrad. O capitão gritou ordens e o Sombra foi desamarrado e rebocado para longe das docas por dois barcos a remo. Então o rugido do capitão foi: "Abram as toleteiras!" Os grandes remos apareceram, quinze de cada lado, fazendo barulho. Os remadores inclinaram as costas fortes enquanto um rapaz de pé, ao lado do capitão, batia num tambor. O navio seguia rápido como o bater das asas de uma gaivota, e o barulho e o tumulto da cidade subitamente ficaram para trás. Eles entraram no silêncio das águas da baía. Acima se erguia o cume branco da montanha, que parecia pender acima do mar. Em um regato raso a sotavento do Promontório Fortificado ao sul, a âncora foi lançada, e ali eles passaram a noite.

Dos setenta homens da tripulação do navio, alguns eram tão jovens quanto Ged, embora todos já tivessem feito a passagem para a vida adulta. Os rapazes o chamavam para compartilhar comida e bebida e eram amigáveis, embora grosseirões e cheios de gracejos e zombarias. Eles o chamavam de Pastor, claro, porque ele era de Gont, mas não foram além disso. Ele era alto e forte como os garotos de 15 anos e tinha uma língua afiada ao retribuir deboches e brincadeiras. Então conseguiu ser aceito e mesmo naquela primeira noite começou a viver como um deles e a aprender seu ofício. Isso agradou os oficiais do navio, pois não havia lugar a bordo para passageiros ociosos.

Havia pouco espaço para a tripulação e nenhum conforto numa galera sem convés cheia de homens, equipamentos e carga; mas o que isso importava a Ged? Naquela noite, ele deitou entre rolos de couro das ilhas do Norte e observou as estrelas da primavera nascer do sol avermelhava o monte de Gont atrás, eles ergueram as velas e cruzaram o sudoeste até o mar de Gont. Entre Barnisk e Torheven, navegaram com vento leve. No segundo dia avistaram Havnor, a Grande Ilha, coração e berço do Arquipélago. Por três dias, enquanto eles se deslocavam pela costa leste, eles avistaram os morros verdes de Havnor, mas não se aproximaram da praia. Por muitos anos Ged não pôs os pés naquela terra nem viu as torres brancas do Grande Porto de Havnor,

Eles passaram uma noite em Kemberburgo, o porto ao norte da ilha de Way, e a noite seguinte numa cidadezinha na entrada

no centro do mundo.

acima das águas do porto e as pequenas luzes amarelas da cidade na popa, e dormiu e acordou novamente cheio de alegria. Antes da aurora, a maré mudou. Eles ergueram a âncora e remaram suavemente para longe dos Promontórios Fortificados. Conforme o

terra firme dos dois lados, sempre com outros navios, grandes e pequenos, mercadores e negociantes ao alcance da voz; alguns rumavam para os domínios Distantes com carga estranha após uma viagem de anos, e outros pulavam, feito pardais, de ilha em ilha do mar Interior. Rumando para o sul, longe dos Estreitos, eles deixaram Havnor para trás e navegaram entre as duas ilhas de Ark e Ilian, com cidades com torres e varandas, e então, com a chuva e o vento ascendente, abriram caminho, cruzando o mar Interior até a ilha de Roke.

À noite, quando o vento se tornou uma forte rajada, eles retiraram vela e mastro e, durante todo o dia seguinte, remaram. O comprido navio se manteve firme sobre as ondas e seguiu elegante, mas o timoneiro

da baía de Felkway; no dia seguinte, ultrapassaram o cabo de O ao norte e entraram nos Estreitos de Ebavnor. Ali, baixaram as velas e prosseguiram remando, sempre com que manobrava o comprido remo na popa não via outra coisa além da chuva que caía sobre o mar.

Seguiram rumo a sudoeste pelos ponteiros da bússola, sabendo como iam, mas não por quais águas. Ged ouviu os homens falarem das águas rasas ao norte de Roke e das Rochas Borilas a leste. Outros argumentaram que poderiam estar muito longe do curso agora, nas águas vazias ao sul de Kamery. O vento ia ficando mais forte, fragmentando a crista das grandes ondas em pedaços voadores de espuma. Mesmo assim, eles remaram para o sudoeste com o vento atrás deles.

Os turnos dos remos se multiplicaram, pois o trabalho era muito complicado; os mais jovens foram colocados de dois em dois nos remos, e Ged assumiu seu turno com os outros, como vinha fazendo desde que deixara Gont. Quando não remavam, eles tiravam a água, pois o mar quebrava com

força no navio. Então eles remaram entre as ondas que corriam feito montanhas de fumaça sob o vento, enquanto a chuva batia fria e com força em suas costas, e o tambor soava através do rumor da tempestade como as batidas de um coração.

Um homem se aproximou para ficar no

lugar de Ged no remo e lhe disse que fosse até o capitão, na proa. A água da chuva pingava da barra da capa do homem, mas ele estava de pé, firme como um barril de vinho, em seu pedaço de convés.

- Você pode diminuir este vento, rapaz?
- perguntou, baixando os olhos para Ged.
 Não, senhor.
 - Você tem habilidade com o ferro?

Isso significava que ele queria saber se Ged poderia fazer a agulha da bússola apontar o caminho para Roke, fazendo o ímã seguir não para o norte, mas para onde eles precisavam ir. Essa habilidade é um segredo dos Mestres dos Mares, e mais uma vez Ged teve que dizer que não.

– Ora, ora – berrou o capitão em meio ao vento e à chuva –, então você vai ter que en-

vento e a chuva –, entao voce val ter que encontrar um navio para levá-lo a Roke, que a esta altura já deve estar a oeste. Só mesmo feitiçaria poderia nos levar até lá com um mar deste. Temos que manter o rumo sul.

Ged não gostou nada disso, pois ele já ouvira os marinheiros conversando sobre Hortburgo, um lugar sem lei, cheio de negócios escusos, onde os homens frequentemente eram levados e vendidos como escravos no domínio do Sul. Ao voltar para o remo que puxava com seu companheiro, um rapaz robusto andradiano, ele ouviu o tambor bater e viu o lampião pender e tremeluzir quando o vento o sacudiu, uma partícula atormentada de luz no crepúsculo fustigado pela chuva. Ele continuou olhando para oeste todas as vezes que conseguia, no ritmo pesado da remada. E quando o navio se ergueu numa onda alta, ele viu, por um momento, acima da água escura, uma luz entre as nuvens, como se fosse o último raio do sol poente: mas era uma luz clara, não avermelhada. O companheiro de remo não tinha visto,

mas ele lhe mostrou. O timoneiro observava a cada elevação nas grandes ondas e também reparou na luz, mas gritou em resposta que era apenas o sol se pondo. Então Ged chamou um dos rapazes para ocupar seu lugar no banco por um minuto e avançou novamente ao longo do corredor, entre os bancos, segurando-se na proa entalhada para evitar ser jogado para fora do navio.

- Senhor! Aquela luz a oeste é a ilha de Roke! – gritou Ged para o capitão.
 - Não vi luz nenhuma rugiu o capitão.

Ele ainda falava quando Ged gesticulou com força, apontando, e todos viram o raio de luz a oeste que se erguia acima das nuvens e do tumulto do mar.

Não por causa do passageiro, mas para

salvar o navio da tempestade, o capitão gritou de uma vez ao timoneiro que rumasse para oeste na direção da luz. Virando para Ged, disse:

— Garoto, você fala como um Mestre dos

Mares, mas eu lhe garanto que se você nos guiar para o lugar errado com este tempo, vou jogá-lo no mar e terá que ir para Roke nadando!

Agora, em vez de se adiantar à tempest-

ade, eles tinham que remar na direção do vento, e foi difícil: as ondas que atingiam o barco os empurravam sempre ao sul do novo curso e o giravam, enchendo-o de água de tal forma que tinham que retirá-la sem trégua. Os remadores precisavam ficar atentos. Se o barco girasse, eles precisavam erguer os remos fora da água e colocá-los entre os bancos. Estava quase escuro debaixo das nuvens de tempestade, mas, de vez em quando, eles distinguiam a luz a oeste, o suficiente para estabelecer curso. Assim prosseguiram.

Finalmente o vento diminuiu um pouco e a luz se ampliou diante deles. Eles continuaram a remar e passaram como se através de uma cortina: saíram da tempestade e encontraram ar límpido, onde a luz após o pôr do sol reluzia no céu e no mar. Acima das ondas com espuma, eles viram a pouca distância um morro alto, arredondado e verde, e abaixo dele uma cidade construída sobre uma pequena baía onde barcos estavam ancorados, em repouso, todos em paz. Senhor, é terra de verdade ou é brux-

aria? – perguntou o timoneiro, virando-se para o capitão.

Mantenham o rumo, seus cabeças ocas!
Remem, seus filhos de escravos sem brios!
Essa é a baía de Thwil e o monte de Roke, como qualquer tolo pode ver!
Remem!

Então eles remaram até a baía, ao som das batidas do tambor. Estava silencioso, de modo que podiam ouvir as vozes das pessoas na cidade e um sino tocando. Ao longe estavam o sibilo e o rugido da tempestade. As nuvens pendiam escuras para o norte, o leste e o oeste, a quase 2 quilômetros ao

leste e o oeste, a quase 2 quilômetros ao redor da ilha. Mas acima de Roke estrelas apareciam, uma por uma, num céu límpido e calmo.

Capítulo 3

A Escola de Magos

aquela noite, Ged dormiu a bordo do *Sombra*, e de manhã cedo se despediu de seus primeiros companheiros do mar. Eles gritaram alegremente votos de boa sorte.

A cidadezinha de Thwil não era grande, suas casas altas se amontoando sobre algumas ruas estreitas e íngremes. Para Ged, porém, parecia uma cidade grande e, sem saber aonde ir, ele perguntou ao primeiro que encontrou onde poderia achar a hou de esguelha por algum tempo e falou: O sábio não precisa perguntar, o tolo pergunta em vão. E seguiu pela rua.

sentinela da escola de Roke. O homem o ol-

Ged seguiu morro acima até chegar a uma praça quadrada, ladeada em três lados por casas com telhados pontiagudos e, no quarto lado, pelo muro de uma grande construção cujas poucas e diminutas janelas se elevavam acima das chaminés das casas: parecia um forte ou castelo, construído com blocos de pedra cinzenta e sólida. Na praça abaixo dele, havia barracas de feira montadas e pessoas que iam e vinham. Ged fez a pergunta a uma mulher idosa com uma cesta de ostras, e ela respondeu:

- Nem sempre você pode encontrar a sentinela onde ela está, mas, às vezes, você a encontra onde ela não está.

E seguiu seu caminho anunciando as ostras aos gritos.

Na grande construção, próxima de um dos cantos, havia uma pequena porta de madeira. Ged foi até ela e bateu com força.

– Trago uma carta do mago Ogion, de

Gont, para a sentinela da escola nesta ilha. Quero encontrar a sentinela, mas não quero mais saber de charadas nem zombarias! – disse ele ao homem idoso que abriu a porta. – Aqui é a escola – respondeu o idoso

suavemente. – Eu sou o porteiro. Entre se puder. Ged deu um passo à frente. Ele pensava

que tivesse passado pela entrada; no entanto, ainda estava do lado de fora, de pé na calçada onde estivera antes.

Mais uma vez, deu um passo à frente e permaneceu parado do lado de fora da porta. O porteiro, no interior da construção, observava com olhos gentis.

Ged estava confuso e aborrecido, pois isso lhe parecia mais uma zombaria. Com a voz e com as mãos, ele fez o feitiço de tempo. Esse tinha sido o prêmio entre todos os feitiços que ela mantinha, e ele o fez muito bem agora. Mas era apenas o sortilégio de uma bruxa, e o poder que guardava a porta não cedeu nem um pouco.

abertura que a tia lhe ensinara havia tanto

Quando o feitiço fracassou, Ged ficou parado por algum tempo na calçada. Finalmente, encarou o homem idoso que aguardava no interior da construção.

 Não consigo entrar – falou contra a vontade –, a menos que o senhor me ajude.

O porteiro respondeu:

– Diga o seu nome.

Ged ficou imóvel por algum tempo, pois um homem nunca diz o próprio nome em voz alta até que mais que a sua vida esteja em risco.

– Eu sou Ged! – disse em voz alta.

Então, dando um passo para a frente, entrou pela porta aberta. Ainda assim, parecia que, embora a luz viesse de trás dele, uma

sombra o estivesse seguindo bem às suas costas.

Ao se virar, ele percebeu que o umbral

pelo qual passara não era de madeira comum, como havia pensando. Não havia encaixes nem junções. Era moldado, como soube mais tarde, a partir de um pedaço de dente do Grande Dragão. A porta que o homem idoso fechou atrás dele era de chifre polido, através da qual a luz do dia brilhava de modo fraco, e em sua face interna estava entalhada a Árvore de Mil Folhas.

 Bem-vindo a esta casa, rapaz – falou o porteiro e, sem dizer mais nada, conduziu-o através de salões e corredores até um pátio aberto bem no interior das paredes da construção.

O pátio era parcialmente coberto com paralelepípedos, mas não tinha telhado. Sobre um tapete de relva, via-se uma fonte brincando debaixo de árvores jovens sob a luz do sol. Ged esperou ali sozinho por algum batendo rápido. Era como se sentisse presenças e poderes atuando no local, mas não os enxergasse. Ged sabia que o lugar não fora construído somente com pedra, mas com magia mais forte que a pedra. Ele estava num cômodo bem no interior da Casa do Sábio, que se abria para o céu. Então, subitamente, o rapaz notou um homem vestido de branco que o observava através da água que caía da fonte.

Quando seus olhos se encontraram, um

tempo. Ele estava de pé, imóvel, o coração

pássaro cantou bem alto nos galhos da árvore. Naquele momento, Ged compreendeu o canto do pássaro e a linguagem da água que jorrava da fonte – e o formato das nuvens e o começo e o fim do vento que agitava as folhas. Pareceu que ele mesmo era uma palavra enunciada pela luz do sol.

Esse momento passou e ele e o mundo

voltaram a ser como antes – ou quase como antes. Ele deu um passo à frente e se

ajoelhou diante do arquimago, estendendo para ele a carta escrita por Ogion. O arquimago Nemmerle, Sentinela de

Roke, era um homem idoso, mais velho do que qualquer homem vivo na época, diziam. Com a voz trêmula como a voz do pássaro, ele falou gentilmente ao dar as boas-vindas a Ged. O cabelo, a barba e as vestes eram brancos, e era como se toda a escuridão e todo o peso tivessem sido retirados dele com a passagem lenta dos anos, deixando-o branco e gasto feito madeira à deriva por um século.

– Meus olhos estão velhos, não consigo

 Meus olhos estao velhos, nao consigo ler o que seu mestre escreveu – falou ele. –
 Leia a carta para mim, rapaz.

Então Ged decifrou e leu em voz alta o que estava escrito em runas hárdicas. Dizia apenas: Senhor Nemmerle! Eu lhe envio alguém que será um dos maiores magos de Gont, se o vento soprar direito. O texto estava assinado não com o nome verdadeiro de Ogion, que Ged nunca havia aprendido, mas

com a runa do mago, a Boca Fechada.

– Aquele que controla o terremoto o enviou, razão pela qual eu lhe dou duplas boasvindas. O jovem Ogion foi muito amado por

mim quando veio de Gont para cá. Agora me conte sobre os mares e prodígios de sua

viagem, rapaz.

– Uma passagem tranquila, senhor, a não ser pela tempestade de ontem.

- Qual foi o navio que lhe trouxe aqui?
- O Sombra, navio mercante das Andrades.

O arquimago encarou Ged e depois desvi-

- A vontade de quem o trouxe aqui?
- A minha.

ou o olhar. Começou a falar numa língua que o rapaz não compreendia, murmurando como um homem muito, muito velho cujo juízo se extraviara pelos anos e pelas ilhas. Ainda assim, em meio aos resmungos, havia palavras que o pássaro cantara e a água dissera ao jorrar. Ele não estava evocando um Ged que o garoto ficou maravilhado e, por um instante, parecia observar a si mesmo de pé, num deserto vasto e estranho em meio às sombras. Mas durante todo o tempo, ele estava no pátio iluminado pelo sol, ouvindo a água da fonte. Um grande pássaro preto, um corvo de

Osskil, apareceu, caminhando sobre o ter-

feitiço, e mesmo assim havia um poder em sua voz que afetou de tal modo a mente de

raço de pedra e a grama. Aproximou-se da barra do traje do arquimago e ficou parado ali, com seu negrume, o bico de adaga e olhos de contas, olhando de esguelha para Ged. Bicou três vezes o cajado branco no qual Nemmerle se apoiava, e o velho feiticeiro interrompeu o murmúrio e sorriu.

 Corra e brinque, rapaz – falou finalmente, como se conversasse com uma criança pequena.

Ged mais uma vez dobrou um dos joelhos diante do homem. Ao se erguer, o arquimago

havia partido. Apenas o corvo o encarava, parado, com o bico esticado como se fosse bicar o cajado que desaparecera. Ele falou algo que Ged imaginou ser a lín-

gua de Osskil.

- Terrenon ussbuk! - grasnou a ave. - Terrenon ussbuk orrek!

E foi embora, empertigado, da mesma forma que chegara.

Ged se virou para deixar o pátio, perguntando-se aonde deveria ir. Sob a passagem abobadada, ele foi recebido por um jovem alto que o cumprimentou educadamente, fazendo uma mesura com a cabeça.

– Eu me chamo Jaspe, o filho de Enwit, Senhor do domínio de Eolg, na ilha de Havnor. Estou a seu serviço hoje para mostrar a Grande Casa e responder às suas perguntas se eu puder. Como devo chamá-lo, senhor?

Para Ged, um aldeão das montanhas que nunca estivera entre os filhos dos nobres e estivesse zombando dele com tanto "serviço", "senhor" e mesuras. Ele deu uma resposta curta:

— Gavião é como me chamam.

dos mercadores ricos, era como se o rapaz

O outro aguardou um momento, como se

esperasse uma resposta um pouco mais educada, e, sem obtê-la, empertigou-se e virouse um pouco para o lado. Ele era dois ou três anos mais velho que Ged, muito alto e se movia e se portava com uma graça rígida; que lembrava – pensou Ged – um dançarino. Ele vestia uma capa cinza com o capuz puxado para trás. O primeiro lugar que visitaram foi o quarto de vestir, onde, já que era aluno da escola, Ged poderia encontrar para si uma capa igual que coubesse nele e qualquer outra peça de roupa de que precisasse. Ele vestiu a capa cinza-escura que escolheu.

– Agora você é um de nós – falou Jaspe.

Ele tinha um jeito de esboçar um sorriso enquanto falava que fazia Ged procurar o

educadas.

– As roupas fazem o mago? – retrucou

em

palavras

suas

escárnio escondido

- ele, antipático.

 Não respondeu o garoto mais velho.
- Embora eu tenha ouvido falar que as boas maneiras, sim... Para onde agora?
- Para onde você quiser. Não conheço a casa.

Jaspe o levou pelos corredores da Grande Casa, mostrando os pátios abertos e os corredores cobertos, a Sala das Prateleiras, onde eram guardados os livros de conhecimentos gerais e os tomos de runas, o grande Salão da Lareira, onde o pessoal da escola se reunia em dias festivos, e os andares superiores, nas torres e sob os telhados, as pequenas celas onde os estudantes e os mestres dormiam.

A cela de Ged ficava na torre sul, com a janela virada para o mar acima dos telhados íngremes da cidade de Thwil. Como nas outras celas-dormitórios, não se via mobília,

- a não ser por um colchão de palha no canto.Nós vivemos com muita simplicidade
- aqui falou Jaspe. Mas espero que você não se importe com isso.
- Estou acostumado retrucou. No mesmo instante, tentando se mostrar como um igual desse jovem desdenhoso e educado, ele acrescentou: – Suponho que você não estivesse quando chegou aqui.

Jaspe o encarou. Seu olhar, sem palavras, dizia: "O que você pensa que sabe sobre as coisas com que eu, o filho do Senhor do domínio de Eolg, na ilha de Havnor, estou ou não acostumado?" Mas o que Jaspe respondeu em voz alta foi simplesmente:

– Venha por aqui.

Um gongo soou enquanto os dois estavam no andar de cima. Então desceram para comer a refeição do meio-dia na longa mesa do refeitório, junto com uma centena de garotos e jovens. Cada um se servia sozinho, brincando com as cozinheiras através

das aberturas na janela da cozinha, enchendo o prato com comida que fumegava no peitoril, comportada em grandes tigelas, sentando-se onde quisesse.

— Dizem que não importa quantos se sen-

tem à mesa, sempre tem lugar – contou Jaspe a Ged.

Certamente havia espaço tanto para

grupos barulhentos de garotos conversando e comendo vorazmente quanto para os rapazes mais velhos, com as capas cinza presas com prata no pescoço, que se sentavam mais silenciosos, sozinhos ou em duplas, com expressões graves e meditativas, como se tivessem muito em que pensar. Jaspe puxou Ged para que ele se sentasse com um rapaz grandalhão, chamado Vetch, que não falava muito, apenas comia com vontade. Ele tinha sotaque do domínio do Leste e sua pele era muito escura, não marrom-acobreada como a de Ged, Jaspe e da maioria dos habitantes do Arquipélago. Era negra. Ele era simplório e suas maneiras não eram educadas. Ele resmungou sobre a comida quando terminou de jantar, mas então se virou para Ged e falou:

 Pelo menos, não é uma ilusão, como muita coisa por aqui. A comida enche a barriga.

Ged não entendeu o que ele estava tentando dizer, mas sentiu certa simpatia pelo rapaz e ficou satisfeito que, após a refeição, Vetch os acompanhasse.

Os rapazes desceram até a cidade, para que Ged pudesse aprender a andar por lá. Embora houvesse poucas e pequenas ruas em Thwil, eles dobraram e perambularam curiosamente entre as casas de telhados altos, e era fácil se perder no caminho. Era uma cidadezinha estranha. Seus habitantes também eram estranhos. Pescadores, trabalhadores e artesãos como quaisquer outros, mas tão acostumados à feitiçaria que sempre fora praticada na ilha do Sábio que eles

lavam – como Ged percebera – por meio de charadas. Nem sequer um deles piscaria ao ver um garoto se transformar em peixe ou uma casa voar pelos ares, e logo saberia que se tratava de uma pegadinha entre estudantes. É provável que seguisse remendando sapatos ou cortando pele de cordeiro, sem se importar.

pareciam ser meio feiticeiros também. Fa-

Ao passarem pela porta dos fundos e darem a volta nos jardins da Grande Casa, os três garotos cruzaram as águas cristalinas do Arroio de Thwil por uma ponte de madeira e seguiram para o norte entre pastos e bosques. O caminho era uma subida sinuosa. Eles passaram por bosques de carvalho, onde as sombras eram densas, apesar de todo o brilho do sol. Havia um bosque, não muito distante, a oeste, que Ged nunca conseguia ver direito. A trilha nunca o alcançava, embora sempre parecesse estar prestes a isso. Ele não conseguia sequer distinguir que tipo

- de árvores eram aquelas. Vetch, ao vê-lo observando, falou em voz baixa: — Esse é o bosque Imanente. Não po-
- demos entrar lá ainda... Nos pastos quentes e iluminados pela luz

do sol, flores amarelas desabrochavam.

— Relva-centelha — explicou Jaspe. — Elas crescem onde o vento deixou cair as cinzas do incêndio de Ilien, quando Erreth-Akbe

defendeu as ilhas Interiores do Senhor do Fogo. Ele soprou a corola seca de uma flor e as sementes voaram e seguiram com o vento

feito centelhas de fogo sob o sol.

A trilha os conduziu para cima e ao redor da base de um morro verde, arredondado e sem árvores, o morro que Ged vira do navio ao entrarem nas águas encantadas da ilha de

Roke. Na encosta, Jaspe parou.

– Em casa, lá em Havnor, eu ouvia falarem muito sobre a feitiçaria de Gont, sempre
em tom de elogio, de tal forma que sempre

raízes vão até o centro da Terra. Todos os feitiços são fortes aqui. Faça um truque, Gavião. Mostre o seu estilo.

Ged, confuso ao ser pego de surpresa, não disse uma única palavra:

– Mais tarde, Jaspe – falou Vetch, com

quis conhecê-la. Agora temos um gontês e estamos na encosta do monte de Roke, cujas

 Mais tarde, Jaspe – falou Vetch, com seu jeito simplório. – Deixe ele um pouco em paz.

- Ou ele tem habilidade ou ele tem poder. O porteiro não o deixaria entrar se não tivesse um dos dois. Por que não mostrar neste momento, se agora é uma ocasião tão boa quanto depois? Certo, Gavião?
- Eu tenho habilidade e poder falou
 Ged. Mostre-me de que tipo de coisa você está falando.
- Ilusões... truques, jogos de "parece, mas não é". Tipo isso aqui!

Jaspe apontou o dedo e falou algumas palavras estranhas. No local para onde verde, um fiozinho de água brotou e aumentou. Logo uma fonte jorrava e a água descia pelo morro. Ged pôs a mão no riacho e a sentiu úmida, bebeu, e estava fresca. Ainda assim, não mataria a sede, pois era mera ilusão. Com outra palavra, Jaspe fez a água desaparecer e a relva seca ondulou à luz do sol.

— Agora é sua vez, Vetch — falou, com seu

apontava, na encosta do morro, entre a relva

 Agora e sua vez, vetch – falou, com seu sorriso indiferente.
 Vetch coçou a cabeça e pareceu desanim-

ado, mas pegou um punhado de terra e começou a cantar silenciosamente sobre ela, moldando-a com os dedos escuros, dando-lhe forma, pressionando-a e batendo nela. Subitamente, surgiu uma pequena criatura, como uma abelha ou mosca peluda, que voou, zumbindo, acima do monte de Roke, e depois desapareceu.

Ged ficou parado, observando, desanimado. O que ele sabia, além de mera bruxaria

de aldeia, feitiços para chamar cabras, curar verrugas, deslocar cargas ou emendar panelas?

– Eu não faço truques como esses –

falou.

Isso foi suficiente para Vetch, que queria seguir em frente; mas Jaspe indagou:

- Por que não?Feiticaria não é brincadeira. Nós, de
- Gont, não a utilizamos por prazer ou para receber elogios respondeu Ged com arrogância.
- Por qual motivo você usa a feitiçaria, então? Dinheiro? – insistiu Jaspe.
 - Não!

Ele não conseguia pensar em outra coisa para dizer que ocultasse sua ignorância e salvasse seu orgulho. Jaspe deu uma risada, sem malícia, e prosseguiu, à frente do grupo, a uma volta no monte de Roke. Ged seguiu, cabisbaixo e de peito apertado, sabendo que se comportara feito um tolo e culpando

Jaspe por isso. Naquela noite, quando ele se deitou, enrolado em sua capa sobre o colchão na cela

de pedra fria e mal iluminada, no silêncio absoluto da Grande Casa de Roke, a estranheza do lugar e o pensamento em todos os feiticos e sortilégios que haviam sido feitos ali começaram a dominá-lo pesadamente. A escuridão o envolveu e ele se encheu de temor. Desejou estar em qualquer lugar, menos em Roke. Mas Vetch apareceu na porta, com uma pequena esfera azulada de fogo-fátuo acima da cabeça para iluminar o caminho, e perguntou se podia entrar para conversar um pouco. Ele perguntou a Ged sobre Gont e então falou com carinho da sua terra natal do domínio do Leste e contou como a fumaça das lareiras da aldeia é soprada através do mar tranquilo à noite, entre as ilhotas de nomes engraçados: Korp, Kopp e Holp, Venway e Vemish, Iffish, Koppish e Sneg. Quando ele esboçou os formatos daquelas para mostrar sua disposição, as linhas que desenhou brilharam por algum tempo antes de desaparecerem, como se tivessem sido feitas com um cajado de prata. Vetch estudava na escola havia três anos e, em breve, se tornaria feiticeiro; praticar as artes mágicas menores era tão natural para ele como o voo para um pássaro. Ainda assim, ele tinha uma habilidade maior, que não se ensina: a bondade. Naquela noite e em todas as outras, a partir de então, ele ofereceu a Ged sua amizade, uma amizade tão confiante e aberta que o outro nada pôde fazer senão retribuir. Mas Vetch também era amigo de Jaspe, que fizera Ged de tolo no primeiro dia no monte de Roke. Ged não se esqueceria disso e, ao que parecia, nem Jaspe – que sempre falava com ele com modos muito educados e um sorriso de zombaria. O orgulho de Ged não seria desprezado nem tratado com condescendência. Ele jurou provar a Jaspe – e a

ilhas nas pedras do assoalho com o dedo

seriam... um dia. Pois nenhum deles, apesar de todos os truques, salvara uma aldeia com feitiçaria. E Ogion não tinha escrito que nenhum deles seria o maior feiticeiro de Gont.

todos os outros, dos quais Jaspe era uma espécie de líder – quão grandes seus poderes

Por isso, reforçando seu orgulho, ele pôs toda a sua força de vontade nas tarefas que lhe davam: as lições e os ofícios, as histórias e técnicas que os mestres de Roke – de capa cinza, chamados os Nove – ensinavam.

Uma parte de cada dia ele estudava com o Mestre Cantor e aprendia os feitos dos heróis e os cânticos de sabedoria, a começar pela mais antiga de todas as canções, *A criação de Éa*. Então, com uma dezena de outros rapazes, ele praticava com o Mestre dos Ventos as artes do vento e do tempo. Eles passavam luminosos dias de primavera e do iní-

cio do verão ao ar livre, na baía de Roke, em barcos frágeis, treinando a arte de timonear com palavras, acalmando as ondas e criando para trás, porque seu barco e outro haviam colidido - apesar de terem a baía inteira para navegar – ou porque todos os três garotos em seu barco tinham ido nadar inesperadamente enquanto o barco inundava ao ser atingido por uma onda imensa e imprevista. Em outros dias, havia expedições mais tranquilas em terra firme, com o Mestre Herbalista, que ensinava os modos e as propriedades das coisas que crescem. E o Mestre Malabar ensinava trugues manuais e ilusões, além das artes menores da transformação. Ged aprendia todas essas disciplinas rapidamente e, em um mês, já havia superado rapazes que estavam em Roke havia um ano.

Os truques de ilusão especificamente pareciam tão fáceis que ele tinha a impressão de que havia nascido sabendo e precisava

o vento mágico. Essas habilidades são muito complexas, e frequentemente Ged tomava pancadas na cabeça por causa do balanço do barco sob o vento que subitamente soprava apenas de uma recordação. O Mestre Malabar era um homem idoso, bom e de natureza pacífica, que tinha uma satisfação infinita na inteligência e beleza das artes que ensinava. Sem demora Ged deixou de sentir medo dele e passou a perguntar sobre este e aquele feitiço, e o mestre sempre sorria e lhe mostrava o que ele queria. Um dia, porém, com a ideia de finalmente deixar Jaspe constrangido, Ged falou ao Mestre Malabar, no Pátio das Aparências:

– Senhor, todos esses encantamentos são basicamente a mesma coisa; quando se conhece um, se conhecem todos. Assim que acaba o feitiço, a ilusão desaparece. Mas, se eu transformar um seixo num diamante – e ele o fez com uma palavra e um gesto do pulso –, o que eu devo fazer para que o diamante continue a ser diamante? Como proteger o feitiço de transformação e fazê-lo durar?

O Mestre Malabar fitou a joia que reluzia

na palma da mão de Ged, brilhante como prêmio do tesouro de um dragão. O velho mestre murmurou uma palavra — *Tolk* —, e ali estava o seixo de volta, não mais uma joia, mas um fragmento de rocha cinzento e áspero. O mestre pegou-o e segurou-o em sua mão.

— Isto é uma rocha, *tolk* na língua ver-

dadeira – falou ele, erguendo o olhar doce para Ged. – Um pedaço da pedra da qual a ilha de Roke é feita, um pedacinho da terra seca na qual vivem os homens. É ela mesma. Parte do mundo. Pela ilusão-transformação, você pode fazê-la parecer um diamante... ou uma flor, uma mosca, um olho ou uma chama... – A rocha ia mudando de forma em forma à medida que ele a nomeava e voltou a ser rocha. – Mas isso é mera aparência. A ilusão engana os sentidos do observador; faz com que ele veja, ouça e sinta que a coisa mudou. Mas não muda a coisa. Para transformar esta pedra em joia, você precisa mudar seu verdadeiro nome. E fazer isso. meu filho, mesmo para um fragmento minúsculo do mundo, é mudar o mundo. Dá para fazer. Dá, sim. É a arte do Mestre das Transformações, e você vai aprendê-la quando estiver pronto. Mas não deve transformar um seixo ou um grão de areia, nada, até saber o bem e o mal que vão resultar desse gesto. O mundo mantém seu balanço, seu equilíbrio. O poder de transformação e de invocação de um feiticeiro pode abalar esse equilíbrio. É perigoso, esse poder. Nocivo em grande parte. E deve vir acompanhado do conhecimento e servir à necessidade. Acender uma vela é lançar uma sombra...

Ele baixou os olhos mais uma vez para o seixo.

Uma pedra é uma coisa boa também,
sabe? – falou ele, de um jeito menos grave. –
Se as ilhas de Terramar fossem todas feitas de diamante, teríamos uma vida difícil por

aqui. Aproveite as ilusões, rapaz, e deixe as pedras serem pedras.

Ged sorriu, mas foi embora insatisfeito.

Quando se pressionava um mago em busca de seus segredos, ele sempre falava como Ogion, sobre equilíbrio, perigo e escuridão. Mas, sem dúvida, um feiticeiro que já tivesse superado os truques infantis de ilusão e passado para as artes verdadeiras de invocação e

transformação seria poderoso o suficiente para fazer o que bem entendia, equilibrar o mundo como lhe parecesse melhor, afugentando a escuridão com a própria luz.

No corredor, ele encontrou Jaspe, que, desde que as realizações de Ged começaram a ser elogiadas na escola, se dirigia a ele de um modo que parecia mais amigável, mas era ainda mais irônico.

 Você parece chateado, Gavião, será que seus sortilégios engraçadinhos deram er-

Procurando ficar em pé de igualdade com

rado? – perguntou ele.

Jaspe, Ged respondeu a pergunta ignorando seu tom irônico:Estou cansado de gracinhas, cansado

- desses truques de ilusão, feitos somente para divertir os senhores idosos em seus castelos e domínios. A única magia de verdade que me ensinaram aqui em Roke foi criar fogo-fátuo e um pouco de chuva. O resto é bobagem.
- Até a bobagem é perigosa falou
 Jaspe. Nas mãos de um bobo.

Nesse momento, Ged se virou como se lhe tivessem dado um tapa no rosto, avançando um passo na direção de Jaspe. O garoto mais velho, porém, sorriu como se não tivesse tido a intenção de insultá-lo, acenou com a cabeça de seu jeito rígido e elegante e seguiu em frente.

Parado ali, olhando Jaspe com ira no coração, Ged jurou a si mesmo superar o rival – e não em algum teste de ilusionismo, mas num teste de poder. Ele se colocaria à prova

ficar parado ali, olhando-o de nariz em pé, elegante, desdenhoso e desprezível. Ged não parou para pensar na razão pela qual Jaspe poderia odiá-lo. Ele sabia apenas

que odiava Jaspe. Os outros aprendizes logo descobriram que raramente podiam rivalizar com Ged por esporte ou a sério, e diziam: "Ele nasceu feiticeiro, nunca vai deixar você

e humilharia Jaspe. Não deixaria o colega

vencê-lo." Apenas Jaspe nunca o elogiava nem o evitava; simplesmente olhava-o de cima e esboçava um sorriso. Por essa razão, Ged o considerava seu rival, que deveria ser humilhado. Ele não via – ou não queria ver – que, em sua rivalidade, à qual ele se apegava e cultivava como parte do próprio orgulho, havia

Quando não estava tomado por pura ira, Ged sabia muito bem que ainda não era páreo para Jaspe ou qualquer um dos

algo do perigo, da escuridão contra a qual o Mestre Malabar suavemente lhe advertira. garotos mais velhos. Por isso, continuava a trabalhar e levava a vida como sempre. No fim do verão, o trabalho diminuíra um pouco e, assim, eles tinham mais tempo para os esportes: corridas de barco no porto, concursos de ilusionismo nos pátios da Grande Casa, e nas longas noites, nos bosques, jogos selvagens de esconde-esconde, onde quem se escondia e quem procurava ficavam invisíveis – apenas as vozes se movendo, dando risadas e chamando entre as árvores, seguindo e desviando-se de fogos-fátuos breves e pouco luminosos. Quando o outono chegou, eles voltaram para suas tarefas, praticando novas mágicas. Assim os primeiros meses de Ged em Roke passaram rapidamente, cheios de paixões e coisas

maravilhosas.

No inverno, foi diferente. Ele foi mandado, com outros sete garotos, ao outro lado da ilha de Roke, até o cabo mais distante ao norte, onde se encontra a torre

Nomes, cujo nome, Kurremkarmerruk, não tinha significado em língua nenhuma. Não havia sítio ou habitação num raio de quilômetros da torre. Resoluta, ela se erguia acima dos penhascos ao norte, cinzentas as nuvens acima dos mares de inverno; infinitos os nomes, as listas e as posições que os oito discípulos do nomeador têm que aprender. Entre eles, no cômodo mais elevado da torre, Kurremkarmerruk sentava-se num banco alto, anotando listas de nomes que deviam ser aprendidos antes que a tinta desbotasse à meia-noite e deixasse o pergaminho em branco outra vez. Ali sempre estava frio, meio escuro e silencioso, a não ser pela caneta do mestre, que arranhava, e o suspiro de um aluno, talvez, que tivesse que aprender, antes da meia-noite, o nome de cada cabo, ponta, baía, enseada, canal, porto, águas superficiais, recife e rocha da costa de Lossow, uma pequena ilha no mar Pélnico.

solitária. Ali morava sozinho o Mestre dos

Se o aluno reclamasse, talvez o mestre nada dissesse, mas a lista aumentaria. Ou ele lhe diria:

 Aquele que será Mestre dos Mares deve saber o verdadeiro nome de cada gota no oceano.

Ged suspirava às vezes, mas não reclamava. Ele viu que, nesta matéria empoeirada e obscura de aprendizado, o poder que ele queria se encontrava, como uma joia, no fundo de um poço seco: o verdadeiro nome de cada local, coisa e ser. Pois a magia consiste nisso: nomear verdadeiramente uma coisa. Por isso Kurremkarmerruk tinha dito a eles uma vez, na primeira noite na torre; ele nunca repetiu, mas Ged não esqueceu suas palavras:

Muitos magos com grande poder passaram a vida inteira para descobrir o único nome oculto ou perdido de uma única coisa.
 E as listas ainda não foram terminadas. Nem serão até o fim do mundo. Preste atenção e

você verá por quê. No mundo sob o sol, e no outro mundo onde não há sol, há muita coisa que nada tem a ver com os homens ou com a língua dos homens, e há poderes além do nosso poder. Mas a magia, a verdadeira magia, foi elaborada somente por esses seres que falam a língua hárdica de Terramar ou a língua antiga a partir da qual esta nasceu.

Ele fez uma pausa e continuou:

 Essa é a língua falada pelos dragões, a língua que Segoy usou para criar as ilhas do mundo e a linguagem de nossas trovas e can-

mundo e a linguagem de nossas trovas e canções, nossos feitiços, encantamentos e invocações. Suas palavras encontram-se ocultas e modificadas entre as nossas palavras na língua hárdica. Chamamos a espuma das ondas de *sukien*: palavra formada a partir de duas palavras da língua antiga, *suk*, pena, e *inien*, o mar. Espuma é a pena do mar. Mas não é possível encantar a espuma chamando-a de *sukien*; vocês devem usar seu nome próprio e verdadeiro na língua antiga,

conhece muitas delas. Mas há ainda infinitas outras: algumas ficaram perdidas por eras, outras são conhecidas apenas pelos dragões e os poderes antigos da terra, outras não são conhecidas por nenhuma criatura viva. E nenhum homem poderia conhecer todas elas, pois essa língua não tem fim. Ged escutava com atenção, enquanto o mestre prosseguia: - Eis por quê. O nome do mar é inien, muito bem. Mas o que chamamos de mar Interior também tem seu próprio nome na lín-

que é *essa*. Qualquer bruxa sabe algumas dessas palavras na língua antiga, e um mago

terior também tem seu próprio nome na língua antiga. Como nada pode ter dois nomes verdadeiros, *inien* pode significar somente "todo o mar, exceto o mar Interior." E, sem dúvida, não significa nem isso, pois há mares, baías e canais além da conta que têm os próprios nomes. Então, se algum Mestre dos Mares fosse louco o suficiente para tentar lançar um feitiço de tempestade ou

somente o que está próximo a ele, o que ele pode nomear plena e exatamente. E isso é bom. Se não fosse assim, a maldade do poderoso ou a loucura do sábio há muito teriam feito de tudo para modificar o que não pode ser modificado, e o equilíbrio se romperia. O mar desequilibrado engoliria as ilhas onde nós perigosamente habitamos e no antigo silêncio todas as vozes e todos os nomes seriam perdidos. Ged pensou longamente sobre essas palavras, e elas tocaram fundo em seu entendimento. Ainda assim, a majestade da tarefa não poderia tornar as outras tarefas daquele

calmaria sobre todo o oceano, seu feitiço deveria incluir não apenas a palavra *inien*, mas o nome de cada trecho, fragmento e parte do mar através de todo o Arquipélago e todos os domínios Distantes, para além de onde os nomes cessam. Portanto, o que nos dá poder para criar magia estabelece os limites desse poder. Um mago pode controlar

no fim do ano, Kurremkarmerruk disse a ele: "Você começou bem." E mais nada. Magos falam a verdade, e era verdade que todo o domínio dos nomes que Ged tanto se esforçara para obter naquele ano era apenas o começo de algo que ele deveria continuar aprendendo durante toda a vida. Ele foi liberado da torre solitária mais cedo do que aqueles que vieram com ele, pois aprendia rápido; esse foi todo o elogio que ele recebeu.

longo ano na torre menos difíceis e secas; e,

Ele caminhou para o sul, sozinho ao longo da ilha no início do inverno, em estradas vazias e sem cidades. Quando a noite chegou, começou a chover. Ele não disse encantamento nenhum para afastar a chuva, pois o clima em Roke estava nas mãos do Mestre dos Ventos e era proibido de manipulá-lo. Ele se abrigou debaixo de um grande teixo e, deitado ali, enrolado em sua capa, ele pensou em seu antigo mestre Ogion, que ainda devia estar em suas

Ogion sempre era reconfortante. Ele adormeceu com o coração em paz ali, na escuridão fria, cheia do rumor da água. Ao amanhecer, acordou e ergueu a cabeça; a chuva cessara; ele viu, abrigado nas dobras de sua capa, um pequeno animal enrolado e adormecido que se esgueirara até ali em busca de calor. Ao vê-lo, ele se admirou, pois era um animal raro e estranho, um otak. Essas criaturas são encontradas somente em quatro ilhas ao sul do Arquipélago: Roke, Ensmer, Pody e Wathort. São pequenos, com

pelos sedosos, marrom-escuro ou malhados, rostos largos e grandes olhos brilhantes. Seus dentes são cruéis e seu temperamento é selvagem, de modo que eles não costumam ser animais de estimação. Não têm grito nem voz. Ged acariciou este, que acordou e

perambulações de outono pelas partes altas de Gont, dormindo ao relento com galhos sem folhas por teto e a chuva caindo por paredes. Isso o fez sorrir, pois pensar em bocejou, exibindo uma língua marrom e dentes brancos, mas sem medo.Otak – falou ele, e então se recordou

dos milhares de nomes de animais que tinha aprendido na torre. Chamou-o pelo verdadeiro nome na língua antiga: – Hoeg! Você quer vir comigo? O otak se sentou em sua mão aberta e

começou a lamber o próprio pelo.

Ele colocou o animal no ombro, nas do-

bras do capuz, e ali ele viajou. Algumas vezes, durante o dia, o otak pulava e corria direto para os bosques, mas sempre voltava. Uma vez trouxe um rato selvagem que capturara. Ged deu risada e lhe disse que comesse o rato, pois ele estava de jejum era noite do Festival do Retorno do Sol. Então veio o crepúsculo úmido, por detrás do monte de Roke, e ele viu fogos-fátuos brilhantes brincando na chuva, acima dos telhados da Grande Casa. Ao entrar, foi recebido pelos mestres e companheiros no salão Era como voltar para casa, embora Ged não tivesse um lar ao qual pudesse retornar. Estava muito contente por ver tantos rostos

iluminado pela lareira.

que conhecia e mais contente ainda por ver que Vetch dera um passo à frente para saudá-lo com um largo sorriso no rosto escuro. Ele tinha sentido mais saudade do amigo do que se dera conta durante o ano. Vetch se tornara feiticeiro no outono e deixara de ser aprendiz, mas isso não era uma

Vetch se tornara feiticeiro no outono e deixara de ser aprendiz, mas isso não era uma barreira entre eles. Mais uma vez, eles conversaram. Ged teve a impressão de haver falado mais naquela primeira hora a Vetch do que falara durante todo o ano na torre solitária.

O otak ainda estava em seu ombro, aninhado na dobra do capuz quando se centaram

hado na dobra do capuz, quando se sentaram para jantar nas mesas compridas arrumadas para o banquete no grande Salão da Lareira. Vetch admirou-se com a criaturinha e chegou a esticar a mão para acariciá-la, mas Gavião, dizem que um homem que se torna favorito de um animal selvagem é um homem a quem os poderes antigos da rocha

o otak mostrou os dentes afiados para ele.

Vetch deu risada.

e da primavera falarão com voz humana.

– Dizem que os feiticeiros de Gont com frequência têm familiares – falou Jaspe, que se sentara do outro lado de Vetch. – Nosso senhor Nemmerle tem o corvo, e dizem as canções que o mago vermelho de Ark conduzia um javali selvagem numa corrente de

ouro. Mas nunca ouvi falar de um mago que tivesse um rato no capuz!

Ao ouvir isso, todos deram risada e Ged riu com eles. Foi uma noite alegre e ele estava feliz por estar ali, no calor e na alegria, participando do banquete com seus companheiros. Mas, como tudo que Jaspe lhe dizia, o gracejo o irritara profundamente.

Naquela noite, o Senhor de O, um feiticeiro de renome, era o convidado da

escola. Ele fora pupilo do arquimago e voltava a Roke às vezes, para o Festival de Inverno ou a Longa Dança, no verão. Com ele estava a esposa, esguia e jovem, brilhante como cobre novo, com os cabelos coroados por opalas. Era raro uma mulher sentar-se nos salões da Grande Casa, e alguns dos velhos mestres a fitaram de soslaio, com ar de reprovação. Mas os jovens a observavam com olhos atentos.

— Para uma dessas — falou Vetch para

- Ged –, eu poderia fazer vastos encantamentos... Ele suspirou e deu risada.
- Ela é apenas uma mulher retrucou
 Ged.
- A princesa Elfarran era apenas uma mulher – falou Vetch – e, por causa dela, toda a Enlad foi destruída, o mago-herói de Havnor morreu e a ilha Solea afundou no mar.
 - Histórias antigas disse Ged.

Mas então ele também começou a

observar a Senhora de O, ponderando se essa era a beleza fatal de que as histórias antigas falavam. O Mestre Cantor cantara os *Feitos do*

jovem rei, e todos juntos entoaram os Cânticos de inverno. Em seguida, durante uma pequena pausa antes que todos se levantassem das mesas, Jaspe pôs-se de pé e caminhou até a mesa mais próxima da lareira, onde o arquimago, os convidados e mestres estavam sentados, e se dirigiu à Senhora de O. Jaspe não era mais um garoto, mas um jovem, alto e atraente, com a capa presa no pescoço com a presilha de prata, pois ele também se tornara feiticeiro este ano e o prendedor simbolizava isso. A dama sorriu ao ouvir o que ele disse e as opalas brilharam nos cabelos pretos e radiantes. Então os mestres assentiram em consentimento benigno e Jaspe criou um encantamento de ilusão para ela. Uma árvore branca que ele fez brotar do assoalho de pedra. Seus galhos tocavam as altas vigas do salão e, em cada ramo de cada galho, reluzia uma maçã de ouro, cada uma como o sol, pois se tratava da Árvore do Ano. Um pássaro subitamente voou entre os galhos, inteiramente branco e com uma cauda feito neve, então as maçãs douradas foram perdendo o brilho e se trans-

formando em sementes, que eram como gotas de cristal. Elas caíam da árvore com um som de chuva e, de repente, surgiu uma fragrância doce, enquanto a árvore, balançando, voltava a florescer com folhas de fogo rosado e flores brancas feito estrelas.

Então a ilusão desapareceu. A Senhora de O gritou com prazer e inclinou a cabeça reluzente para o jovem feiticeiro, como se elogiasse sua habilidade.

— Venha morar conosco em O-tokne. Ele pode vir, não pode, meu senhor? — perguntou a dama, de modo infantil, ao marido

Mas Jaspe apenas sorriu:

severo.

ades dignas de meus mestres aqui e dignas de seu elogio, senhora, então irei com satisfação servi-la. Então ele agradou a todos ali, menos a

- Quando eu tiver apreendido habilid-

Ged, que, apesar de ter juntado sua voz aos elogios, não o fez de coração. – Eu podia ter feito melhor – falou para mesmo, com inveja amarga; e, depois

disso, toda a alegria da noite escureceu para ele.

Capítulo 4

A libertação da sombra

aquela primavera, Ged poucas vezes viu Vetch ou Jaspe, pois, sendo feiticeiros, agora eles estudavam com o Mestre das Formas no sigilo do bosque Imanente, onde nenhum aprendiz poderia botar os pés. Ged ficou na Grande Casa, desenvolvendo com outros mestres todas as técnicas praticadas pelos feiticeiros que usam magia, mas não carregam cajado: manejar ventos, fazer chuva, buscar e amarrar e as artes dos forjadores e modeladores

de feitiços, cantores e trovadores, além de cura-tudos e herbalistas. À noite, sozinho na cela em que dormia,

com uma pequena bola de fogo-fátuo ardendo acima do livro em vez de um lampião ou uma vela, ele estudava as runas arcanas e as runas de Éa, usadas nos grandes feitiços. Todas essas artes eram fáceis para ele, e o rumor entre os estudantes era de que este ou aquele mestre dissera que o rapaz gontês era o aluno com aprendizado mais rápido que já estivera em Roke. E surgiam histórias a respeito do otak, que, supunha-se, era um espírito disfarçado que murmurava sabedoria no ouvido de Ged. Chegou-se mesmo a dizer que o corvo do arquimago o saudara em sua chegada como "futuro arquimago". Acreditassem ou não em tais histórias e gostassem ou não de Ged, a maioria de seus companheiros o admirava e ficava ansiosa para segui-lo quando o humor raro e selvagem o dominava e ele liderava o grupo em No entanto, na maior parte do tempo, ele era somente trabalho, vaidade e gênio ruim, mantendo-se a distância. Entre todos eles, na ausência de Vetch, ele não tinha amigos e nunca soube se queria um. Ele estava com 15 anos; era muito jovem

brincadeiras nas longas tardes de primavera.

para aprender qualquer uma das artes elevadas dos magos, aqueles que portavam um cajado; mas ele era tão rápido ao aprender todas as artes da ilusão que o Mestre das Transformações, ele próprio um jovem, logo começou a lhe dar aulas longe dos outros e lhe contar sobre os verdadeiros feitiços de forma. Ele explicou como, se você realmente quiser transformar uma coisa em outra, ela deve ser renomeada pelo tempo que o feitiço durar, e explicou como isso afeta o nome e a natureza das coisas que cercam a que foi transformada. Ele falou dos perigos da transformação, sobretudo quando o feiticeiro muda a própria forma. Pouco a pouco, meramente lhe contar sobre esses mistérios. Primeiro, ele ensinou um e depois outro dos grandes feitiços de transformação e lhe deu o Livro das Formas para estudar. E fez isso sem o consentimento do arquimago — o que foi imprudente, embora não tivesse a intenção de fazer mal a ninguém.

Ged também tinha aulas com o Mestre

atraído pela clara compreensão do discípulo, o jovem mestre começou a fazer mais do que

das Invocações agora, mas ele era um homem severo, envelhecido e endurecido pela feiticaria profunda e sombria que ensinava. Ele não lidava com ilusões, apenas com magia verdadeira, a invocação de energias como luz, calor e a força que atrai o ímã, além daquelas forças que os homens percebem como peso, forma, cor, som: poderes reais, extraídos das energias imensas e insondáveis do Universo, que os feitiços ou usos de homem nenhum poderiam exaurir ou desequilibrar. O chamado do fazedor de

ades já conhecidas pelos alunos, mas era o Mestre das Invocações quem mostrava aos rapazes por que os verdadeiros magos só usavam feitiços desse tipo quando necessário, pois invocar essas forças terrenas significa mudar a Terra da qual eles são parte.

Chuva em Roke pode significar seca em
 Osskil – falou ele – e a calmaria no domínio

chuva e o do Mestre dos Mares eram habilid-

do Leste pode significar tempestade e destruição no do Oeste, a menos que você saiba no que se meteu. Quanto a chamar as coisas reais e as pessoas vivas, levantar os espíritos dos mortos e invocar os Invisíveis, feitiços que eram

tos e invocar os Invisíveis, feitiços que eram o ápice da arte da invocação e do poder do mago, ele raramente falava disso aos alunos. Uma ou duas vezes Ged tentou fazê-lo falar um pouco sobre tais mistérios, mas o mestre ficou em silêncio, fitando-o longa e sombriamente, até Ged ficar desconfortável e nada

Algumas vezes, na verdade, ele ficava desconfortável criando até mesmo feitiços menores que o invocador lhe ensinava. Havia

certas runas nos Livros da Tradição que lhe pareciam familiares, embora não se recordasse onde já as vira. Havia algumas frases que deviam ser ditas em feitiços de invocação que ele não gostava de dizer. Elas o faziam pensar, por um instante, em sombras

mais dizer.

num quarto escuro, numa porta fechada e sombras alcançando-o, vindas do canto perto da porta. Apressadamente, ele afastava tais pensamentos e lembranças e prosseguia. Esses momentos de temor e escuridão, falava para si mesmo, eram meramente sombras de sua ignorância. Quanto mais ele aprendesse, menos teria a temer, até que finalmente, em seu pleno poder como mago, ele nada mais precisasse temer no mundo, nada.

No segundo mês do verão, toda a escola se reuniu novamente na Grande Casa para que, naquele ano, caíram em dias consecutivos, como um festival de duas noites, o que só acontece a cada 52 anos. Durante toda a primeira noite, a mais curta de lua cheia do ano, flautas tocaram nos campos, e as ruas estreitas de Thwil estavam cheias de tambores e tochas, a música cobrindo as águas iluminadas pela lua da baía de Roke. Ouando o sol se levantou, na manhã seguinte, os Cantores de Roke começaram a entoar os longos Feitos de Erreth-Akbe, que contam como as torres de Havnor foram construídas e falam das jornadas de Erreth-Akbe, da antiga ilha de Éa, por todo o Arquipélago e os domínios, até finalmente chegar ao mais distante domínio do Oeste na beira do mar Aberto, onde ele encontrou o dragão Orm. Seus ossos, na armadura destruída, encontram-se em meio aos ossos do dragão na praia da solitária Selidor, mas sua espada, no topo da torre mais alta de

celebrar a Noite da Lua e a Longa Dança,

os, todos juntos, homens e mulheres, dançaram na terra quente e no crepúsculo das estradas de Roke até as praias lá embaixo, com as batidas do tambor e o zumbido das gaitas e flautas. Eles dançaram no mar, naquela noite de lua cheia, e a música se perdeu no som dos quebra-mares. Conforme o leste clareava, eles voltaram subindo praias e estradas, os tambores silenciosos e somente as flautas tocando baixinho e agudas. Assim foi feito em todas as ilhas do Arquipélago, naquela noite: uma dança, uma música reun-

Havnor, ainda arde, vermelha, sob o pôr do sol acima do mar Interior. Quando o canto terminou, teve início a Longa Dança. Habitantes da cidade, mestres, alunos e fazendeir-

indo todas as terras divididas pelo mar.

Quando a Longa Dança terminou, a maior parte das pessoas dormiu durante todo o dia e voltou a se reunir à noite para comer e beber. Havia um grupo de jovens colegas, aprendizes e feiticeiros que trouxera

banquete particular num dos pátios da Grande Casa: Vetch, Jaspe e Ged estavam lá, além de seis ou sete outros e alguns rapazes jovens liberados por pouco tempo da torre solitária, pois até Kurremkarmerruk comparecera ao festival. Eles comiam, gargalhavam e faziam, por puro entretenimento, trugues que, na corte de um rei, pareceriam verdadeiras maravilhas. Um dos garotos iluminara o pátio com uma centena de estrelas de fogos-fátuo, coloridas feito joias, balançando numa procissão lenta entre eles e as estrelas reais; dois garotos jogavam boliche com bolas de chamas verdes e pinos que pulavam e quicavam para longe quando a bola se aproximava; tudo isso enquanto Vetch se mantinha sentado com as pernas cruzadas, comendo frango assado, levitando no ar. Um dos garotos mais novos tentou puxá-lo para a terra, mas Vetch simplesmente se deslocou um pouco mais para cima, para fora de

a própria refeição do refeitório para fazer um

quando, ele jogava longe um osso de galinha, que se transformava numa coruja e voava, regougando, entre as luzes das estrelas. Ged atirava nas corujas flechas feitas de migalhas de pão para abatê-las, e quando tocavam o solo, lá ficavam, osso e migalha; toda a ilusão desfeita. Ged também tentou se juntar a Vetch em pleno ar, porém, como lhe faltava o segredo do feitico, ele tinha que bater os braços para se manter no alto e todos riam de seus voos, suas batidas de braço e quedas. Ele seguiu com suas bobagens apenas pelas risadas, rindo com eles, pois, após aquelas duas longas noites de dança, luar, música e magia, seu humor estava ébrio e selvagem, pronto para qualquer coisa que pudesse acontecer.

alcance, e continuou, sorrindo. De vez em

Finalmente, ele baixou e ficou de pé suavemente, bem ao lado de Jaspe, e este, que nunca ria alto, afastou-se dizendo:

– O Gavião que não sabe voar...

Jaspe é uma pedra preciosa? – retrucou
Ged, sorrindo. – Ó, joia entre feiticeiros, ó,
Gema de Havnor, brilhe para nós!

O rapaz que criara as luzes dançantes enviou uma delas para dançar e reluzir acima da cabeça de Jaspe. Sem estar tão sereno quanto o normal, franzindo a testa, ele afastou a luz e a soprou para longe com um gesto.

- Estou cansado de garotos, de tanto barulho e tanta besteira – falou ele.
- Você está entrando na meia-idade,
 rapaz comentou Vetch lá de cima.
- Se o que você quer é silêncio e escuridão, a torre é uma ótima opção sugeriu um dos garotos mais novos.
 - E então, Jaspe? O que é que você quer?
- perguntou Ged.
- Quero a companhia de meus pares retrucou Jaspe. Vamos, Vetch. Deixe os aprendizes e suas brincadeiras.

Ged virou-se para encarar Jaspe.

 O que os feiticeiros têm que falta aos aprendizes? – quis saber.

Sua voz estava baixa, mas todos os outros garotos subitamente ficaram imóveis, pois em seu tom, assim como no de Jaspe, a malícia entre eles agora soava direta e clara como o aço sendo desembainhado.

- Poder falou Jaspe.
- Meu poder se iguala ao seu em qualquer ocasião.
 - Você está me desafiando?
 - Estou.

Vetch, que já descera de seu posto, se meteu entre eles, com uma expressão severa.

 Duelos de feitiçaria são proibidos para nós, e vocês sabem muito bem disso. Basta!

Ged e Jaspe ficaram parados, em silêncio, pois era verdade que conheciam a lei de Roke. Eles também sabiam que o que movia Vetch era o amor, enquanto eles eram movidos pelo ódio. Ainda assim, sua raiva foi contida, e não acalmada. Pouco depois, movendo-se um pouco para o lado como se quisesse que somente Vetch o escutasse, Jaspe falou, com seu sorriso frio: — Acho melhor você relembrar ao seu

amigo pastor de cabras a lei que o protege. Ele parece estar mal-humorado. Fico me perguntando: será que ele realmente acha que eu seria desafiado por ele? Um rapaz que cheira a cabras? Um aprendiz que não conhece nem a primeira transformação?

- Jaspe - retrucou Ged -, o que sabe você sobre o que eu sei ou deixo de saber?

Por um instante, sem dizer uma única palavra que fosse ouvida, Ged desapareceu de vista e, no lugar onde ele se encontrava, um grande falcão pairou, abrindo o bico curvo para gritar. Logo em seguida, Ged se pôs de pé novamente sob a luz bruxuleante da tocha; fitou Jaspe com olhar sombrio.

Jaspe dera um passo para trás, espantado; mas agora ele dava de ombros:

– Ilusão.

Os outros murmuraram algo. Vetch falou:

– Isso não foi ilusão. Foi uma transform-

ação real. E basta. Jaspe, ouça com atenção...

– Isso só prova que ele olhou o Livro das

Formas sem a permissão do mestre. E agora? Vá em frente, pastor de cabras. Gosto dessa armadilha que você está construindo para si mesmo. Quanto mais você tenta se mostrar igual a mim, mais você mostra quem é de verdade.

Ao ouvir isso, Vetch deu as costas para Jaspe e falou baixinho para Ged:

 Gavião, seja homem e esqueça isso agora, venha comigo e...

Ged olhou para o amigo e sorriu, mas tudo o que disse foi:

– Segure Hoeg um pouquinho para mim, está bem?

Ele pôs nas mãos de Vetch o pequeno otak, que, como sempre, estava em seu ombro. Ele nunca deixava ninguém além de Ged tocá-lo, mas foi para as mãos de Vetch e

- subiu em seu braço, agachando-se em seu ombro, com os olhos grandes e brilhantes fixos no dono.
- Ora falou Ged para Jaspe, baixinho como antes –, o que você vai fazer para se mostrar superior a mim, Jaspe?
- Não tenho que fazer nada, pastor de cabras. Mas vou lhe dar uma chance... uma oportunidade. A inveja o consome como uma minhoca numa maçã. Vamos libertar essa minhoca. Uma vez, no monte de Roke, você alardeou que os magos de Gont não fazem joguinhos. Venha ao monte de Roke agora e nos mostre o que é que eles fazem em vez disso. E, depois, talvez eu mostre a você um pouco de feitiçaria.
- Sim, eu gostaria de ver isso retrucou
 Ged.

Os garotos mais novos, acostumados a ver o mau humor de Ged irromper ao menor sinal de desprezo ou insulto, observaram-no maravilhados com sua calma agora. Vetch observou-o sem admiração, mas com um medo crescente. Tentou intervir mais uma vez, mas Jaspe falou: - Ora, fique fora disso, Vetch. O que você

vai fazer com a chance que eu lhe dei, pastor de cabras? Vai nos mostrar uma ilusão, uma bola de fogo, um encantamento para curar cabras com sarna?

- O que você gostaria que eu fizesse, Jaspe?

- Por mim, você pode invocar um espírito dos mortos! - disse o rapaz mais velho, dando de ombros.
 - Farei isso.
- Não fará, não. Jaspe o encarava, a raiva subitamente sobrepujando seu desprezo. – Você não fará isso. Não seria capaz. Você fala da boca para fora...
 - Juro pelo meu nome!

Ao ouvir isso, todos ficaram completa-

mente imóveis por um instante. Afastando-se de Vetch, que o teria fogos-fátuos dançantes acima da cabeça de todos se apagaram, baixando até o solo. Jaspe hesitou um segundo e, então, seguiu Ged. E o restante do grupo os acompanhou, arrastando-se mais atrás, em silêncio, curioso e com medo. As encostas do monte de Roke se erguiam, sombrias, na escuridão da noite de verão antes do nascer da lua. A presença daquela montanha onde muitas maravilhas foram realizadas era forte, como um fardo no ar ao redor deles. Enquanto se aproximavam da encosta, pensavam em como suas raízes eram profundas, mais profundas que o mar, estendendo-se até o fogo secreto, antigo e ce-

go do centro do mundo. Eles pararam numa subida a leste. Estrelas pendiam acima da grama preta além deles no cume da

montanha. Nenhum vento soprava.

impedido valendo-se de sua força, Ged saiu do pátio coberto sem olhar para trás. Os Ged caminhou uns poucos passos morro acima, afastando-se dos outros e, ao se virar, perguntou com voz límpida:

– Jaspe! Qual espírito devo chamar?

 Chame quem você quiser. Nenhum deles vai ouvi-lo – respondeu Jaspe, sua voz

falhando um pouco; de raiva, talvez.

Você está com medo? – retrucou Ged numa voz baixa, cheia de sarcasmo.
Ele não esperou a resposta de Jaspe, se é

que o garoto respondeu. Agora que estava no monte de Roke, o ódio e a ira haviam partido, substituídos por uma certeza plena. Ele não precisava sentir inveja. Sabia que seu poder, nessa noite, nesse solo escuro e encantado, era maior do que já fora, preenchendo-o até ele tremer com sensação de uma força contida a duras penas. Agora ele sabia que Jaspe estava muito abaixo dele e lhe fora enviado, talvez, apenas para levá-lo àquele lugar, naquela noite; não era seu rival, mas um mero servo do destino de Ged. Sob seus pés, ele sentiu as raízes da montanha descendo cada vez mais no escuro; acima de sua cabeça, ele viu os fogos secos e distantes das estrelas — entre eles, tudo o que havia estava sob suas ordens, sob seu comando. Ele estava no centro do mundo.

— Não tenham medo — falou, sorrindo. —

- Vou chamar o espírito de uma mulher. Vocês não precisam ter medo de uma mulher. Vou chamar Elfarran, a bela dama dos *Feitos de Enlad*.

 Ela morreu há mil anos seus ossos se
- Ela morreu há mil anos, seus ossos se encontram bem distante, sob o mar de Éa, e talvez nunca tenha existido.
- Será que anos e distâncias importam para os mortos? Será que as canções mentem? – perguntou Ged com a mesma ironia sutil. Então emendou: – Observem o ar entre as minhas mãos.

Ele se virou, se afastou dos outros e, então, ficou imóvel. Com um gesto lento e grandioso, ele abriu os braços; o gesto de boas-vindas que inicia uma invocação. Começou a falar.

Ged tipha lido as rupas desse feitico de

Ged tinha lido as runas desse feitiço de invocação no livro de Ogion havia mais de dois anos, e desde então nunca mais as vira. Ele as havia lido na escuridão. Agora, nessa escuridão, era como se ele voltasse a lê-las na página aberta diante dele à noite. Dessa vez, no entanto, ele compreendia o que estava lendo, falava em voz alta palavra por palavra, e via as indicações de como o feitiço deve ser evocado com o som da voz e o movimento do corpo e das mãos.

Os outros garotos ficaram parados, observando, sem dizer uma única palavra, sem se mexer, a não ser pelos que estremeciam um pouco: o grande feitiço estava começando a funcionar. A voz de Ged ainda estava baixa, mas mudara, passando a uma cantoria profunda. As palavras que ele dizia não eram conhecidas pelos outros. O rapaz

giu, rugindo na grama. Ged caiu de joelhos e chamou em voz alta. Então caiu para a frente, como se quisesse envolver a terra com os braços esticados, e, quando se levantou, trazia algo sombrio nas mãos e nos braços tensos. Algo tão pesado que ele tremia com o esforço para se colocar de pé. O vento quente gemia na relva alta e escura da montanha. Se

ficou em silêncio. Subitamente, o vento sur-

Os lábios de Ged sibilavam e murmuravam palavras de encantamento e então ele gritou claramente e em voz alta:

as estrelas estavam brilhando agora, nin-

E mais uma vez:

– Elfarran!

– Elfarran!

guém as via.

A massa disforme das trevas que ele erguera se dividiu. Partiu-se em mil pedaços e um carretel de luz reluziu entre os braços abertos, um brilho elíptico sutil que se estendia do chão até a altura de suas mãos erguidas. Dentro dele, se moveu uma silhueta com formato humano: uma mulher alta que olhava para trás, por cima do ombro. Seu rosto era belo e triste e estava tomado pelo medo. Somente por um momento o espírito bril-

hou. Então a luz amarelada entre os braços de Ged ficou mais forte ainda, ampliando-se e espalhando-se, um rasgo nas trevas da terra e da noite, uma abertura no tecido do mundo. Através da brecha ardeu uma claridade terrível. E daquela fenda disforme e luminosa saiu algo como um coágulo de sombra escura, rápido e horrível, que pulou diretamente no rosto de Ged.

Cambaleando sob o peso da criatura, Ged soltou um grito curto e rouco. O pequeno otak observava do ombro de Vetch e, guinchando alto, pulou como se fosse atacar.

Ged caiu, lutando e se contorcendo, enquanto a fenda brilhante nas trevas do mundo acima dele crescia e se esticava. Os massa sombria que se agarrava a Ged, rasgando sua carne. Era como um animal escuro, do tamanho de uma criança pequena, embora parecesse inchar e encolher, e não tinha cabeça ou rosto, somente quatro patas com as garras que pegavam e rasgavam. Vetch soltou uma exclamação aterrorizada, mas, ainda assim, esticou as mãos para tentar arrancar a coisa de Ged. Porém, antes que a tocasse, ele ficou paralisado, incapaz de se mexer. O brilho insuportável desapareceu e lentamente as bordas rasgadas do mundo se fecharam. Perto dali, uma voz falou tão baixinho quanto o murmúrio de uma árvore ou o barulho de uma fonte.

A luz das estrelas voltou a brilhar e a relva da encosta do morro embranqueceu

garotos que observavam fugiram, e Jaspe se curvou no solo, protegendo os olhos da terrível luz. Somente Vetch avançou correndo até o seu amigo. Por isso, apenas ele viu a trevas fora restaurado. A fera de sombras partira. Ged estava deitado, estirado, de costas; seus braços, abertos como se ainda mantivessem o gesto amplo das boas-vindas da invocação. Seu rosto estava escurecido pelo sangue e havia grandes manchas pretas em sua camisa. O pequeno otak encolhera-se no ombro dele, estremecendo. E, acima dele, via-se um homem idoso, cuja capa reluzia, pálida, sob a lua nascente: o arquimago Nemmerle. A ponta do cajado de Nemmerle pairava,

com a luz da lua que acabava de nascer. A noite fora curada. O equilíbrio entre luz e

A ponta do cajado de Nemmerle pairava, prateada, acima do peito de Ged. Tocou uma vez delicadamente acima do coração, uma vez nos lábios, enquanto o arquimago murmurava. Ged se moveu e seus lábios se abriram, sorvendo o ar sofregamente. Então o velho Nemmerle ergueu o cajado e cravou-o na terra, inclinando-se pesadamente sobre ele com a cabeça baixa, como se mal tivesse

forças para se manter de pé. Vetch ficou livre para se mover. Olhando

mens, e eles sempre tinham meios de chegar muito rapidamente quando havia necessidade, embora nenhum deles tivesse sido tão rápido quanto o arquimago. Agora eles pediam ajuda. Alguns dos que vieram foram embora com o arquimago, enquanto outros – Vetch entre eles – carregaram Ged para as câmaras do Mestre Herbalista. Durante toda a noite, o Mestre das Invocações ficou no monte de Roke, vigiando. Nada se movia ali na encosta onde a matéria do mundo fora rasgada. Sombra nenhuma veio rastejando sob o luar, procurando o rasgo através do qual poderia descer nova-

mente para o próprio domínio. Ela tinha escapado de Nemmerle e das muralhas-feitico

ao redor, viu que já havia outros ali: os Mestres das Invocações e das Transformações. É impossível realizar um ato de grande feiticaria sem despertar esses hoEles o deitaram na cama da câmara de cura, e o Mestre Herbalista cuidou das feridas que o rapaz trazia na face, no pescoço e no ombro. Eram profundas, irregulares e malignas. O sangue negro não coagulava, transbordando mesmo com os encantamentos e teias de folhas de periota colocadas sobre os machucados. Ged estava deitado, cego e mudo, com febre, feito um graveto em fogo lento, e não havia feitiço para esfriar o

Não muito longe, no pátio sem telhado onde ficava a fonte, o arquimago também

Ged sobreviveu.

que o queimava.

poderosas que cercavam e protegiam a ilha de Roke e agora estava à solta. Em alguma parte do mundo, se escondia. Se Ged tivesse morrido aquela noite, a sombra poderia ter tentado encontrar a porta que ele abrira e segui-lo para o reino da morte, ou qualquer local do qual viera; por isso, o Mestre das Invocações aguardou no monte de Roke. Mas jazia imóvel, mas frio, muito frio: somente seus olhos tinham vida e observavam a queda da água e o movimento das folhas sob a luz da lua. Os que estavam com ele não sabiam um único feitiço nem realizavam curas. Em silêncio, eles conversavam uns com os outros de vez em quando, e então voltavam a se virar e observavam seu senhor. Seu nariz aquilino, a testa alta e o cabelo branco alvejados pelo luar estavam da cor de ossos. Para controlar o feitiço desgovernado e afastar a sombra de Ged, Nemmerle gastara todo o seu poder e, com ele, sua força física se fora. Deitado, ele estava morrendo. Mas a morte de um grande mago, que muitas vezes na vida caminhara sobre as encostas secas e íngremes do reino da morte, é uma questão estranha: o moribundo segue com segurança, sem hesitação, pois sabe o caminho. Quando Nemmerle ergueu o olhar através das folhas da árvore, aqueles ao seu redor não sabiam se ele observava as estrelas

do verão que desapareciam na aurora ou as outras estrelas, que nunca se põem acima das montanhas, que não veem o amanhecer. O corvo de Osskil, que fora seu bichinho

de estimação durante trinta anos, se fora. Ninguém vira para onde.

 Ele foi voando antes do outro – falou o Mestre das Formas, durante a vigília.

O dia chegou quente e límpido. A Grande Casa e as ruas de Thwil estavam silenciosas. Voz nenhuma se erguia, até que, por volta do meio-dia, os sinos de ferro tocaram em voz alta, na Torre do Cantor, repicando de modo desagradável.

desagradável.

No dia seguinte, os Nove Mestres de Roke se reuniram em algum lugar debaixo das árvores escuras do bosque Imanente. Mesmo ali, eles ergueram nove muralhas de silêncio ao seu redor, de forma que pessoa ou poder nenhum pudessem falar com eles ou ouvi-los enquanto eles escolhiam, entre os magos de toda a Terramar, quem seria o novo

arquimago. Gensher de Way foi o escolhido. Um navio foi enviado pelo mar Interior até a ilha Way para levá-lo de volta a Roke. O Mestre dos Ventos de pé na popa criou um vento mágico, e rapidamente o navio partiu e desapareceu.

Desses acontecimentos, Ged nada soube. Durante quatro semanas daquele verão quente, ele ficou deitado, cego, surdo e emudecido, embora, às vezes, resmungasse e gritasse muito alto, feito um animal. Finalmente, quando os pacientes cuidados do Mestre Herbalista começaram a fazer efeito, as feridas foram se fechando e a febre o abandonou. Pouco a pouco, ele pareceu voltar a ouvir, embora não falasse. Num dia límpido de outono, o Mestre Herbalista abriu as venezianas do cômodo onde ele se encontrava. Desde a escuridão daquela noite no monte de Roke, Ged conhecera apenas as

trevas. Agora via o dia claro e o sol brilhando. Ele ocultou a face cheia de cicatrizes com as mãos e chorou. Ouando o inverno che

Quando o inverno chegou, ele somente conseguia falar com uma língua gaguejante, e o Mestre Herbalista o manteve ali, nas câmaras de cura, tentando aos poucos conduzir seu corpo e sua mente de volta à força. Era início de primavera, quando, finalmente, o mestre o liberou. Antes de qualquer coisa, Ged foi mandado para oferecer sua fidelidade ao arquimago Gensher, pois ele não fora capaz de juntar-se a todos os outros da escola quando Gensher chegou em Roke.

Nenhum de seus companheiros pudera visitá-lo nos meses de sua doença e, agora, vendo-o passar, alguns deles perguntavam:

- Quem é aquele?

Ele sempre fora ágil, magro e forte. Agora, combalido pela dor, seguia de modo hesitante, e não erguia sua face, cujo lado esquerdo estava branco por causa das cicatrizes. Ele evitava aqueles que o conheciam e os que não o conheciam, e foi direto até o

pátio da Fonte. Ali, onde uma vez ele tinha esperado Nemmerle, Gensher o aguardava. Como o antigo arquimago, o novo vestia

uma capa branca; mas como a maioria dos homens de Way e do domínio do Leste, Gensher tinha pele escura e seus olhos eram escuros debaixo das densas sobrancelhas.

Ged se ajoelhou e lhe jurou obediência e fidelidade. Por um instante, Gensher ficou em silêncio.

– Eu sei o que você fez – disse ele final-

mente –, mas não sei o que você é. Não posso aceitar sua fidelidade. Ged pôs-se de pé e apoiou a mão no tronco da jovem árvore ao lado da fonte para

tronco da jovem árvore ao lado da fonte para se equilibrar. Ele ainda era muito lento para encontrar palavras.

- Eu devo ir embora de Roke, senhor?
- Você quer ir embora de Roke?
- Não.
- O que você quer?
- Ficar. Aprender. Desfazer... o mal...

ilha, que mantêm criaturas malignas a distância. Se você sair agora, a coisa que libertou o encontraria no mesmo instante, entraria em você e o possuiria. Você não seria homem, mas um gebbeth, uma marionete que faz a vontade daquela sombra maligna que você trouxe para a luz. Você deve ficar agui até recobrar as forças e ter sabedoria suficiente para se defender dela, se é que algum dia terá. Mesmo agora, ela aguarda você. Sem dúvida, espera por você. Você a viu depois daquela noite? – Em sonhos, senhor. – Após uma pausa, Ged emendou, falando com dor e vergonha: - Senhor Gensher, não sei o que era... a coisa que saiu do feitiço e se lançou sobre mim... - Tampouco eu sei. Aquilo não tem

nome. Você nasceu com grande poder, mas o

 Nem o próprio Nemmerle poderia fazer isso. Não, eu não permitiria que você fosse embora de Roke. Nada o protege além do poder dos mestres aqui e as defesas desta vocou um espírito dos mortos, mas com ele veio um dos poderes da nãovida. Sem ser chamado, veio de um local onde não há nomes. Maligno, quer realizar o mal através de você. O poder que usou para chamá-lo lhe dá poder sobre você: estão conectados. É a sombra de sua arrogância, a sombra de sua ignorância, a sombra que você lançou. Uma sombra tem nome? Ged estava lá, enjoado e debilitado. Finalmente, falou: - Seria melhor se eu tivesse morrido. – Quem é você para julgar isso? Você, por quem Nemmerle deu a vida? Você está seguro aqui. Viverá aqui e seguirá com seus

estudos. Disseram que você era inteligente.

usou de maneira errada, para lançar um feitiço sobre o qual não tinha controle, sem saber como afetaria o equilíbrio de luz e trevas, vida e morte, bem e mal. E você foi movido a isso por vaidade e ódio. É de admirar que o resultado fosse a ruína? Você in-

Vá e faça seu trabalho. Faça-o muito bem. É tudo que você pode fazer. Então Gensher subitamente se foi, como fazem os magos. A água da fonte dançava

sob a luz do sol, e Ged observou-a um pouco e ouviu sua voz, pensando em Nemmerle.

Uma vez, naquele pátio, ele sentira que era uma palavra pronunciada sob a luz do sol. Agora, as trevas também tinham falado: uma palavra que não poderia ser desdita. Ele deixou o pátio, indo até seu antigo quarto na torre sul, que tinham mantido vazio para ele. Ficou ali sozinho. Quando o gongo chamou para o jantar, ele desceu, mas

mal falou com os outros rapazes na longa mesa e não ergueu seu rosto para eles, mesmo aqueles que o cumprimentaram com toda a gentileza. Então, após um ou dois dias, eles o deixaram em paz. Ficar em paz era seu desejo, pois ele temia o mal que poderia fazer ou dizer sem guerer. Nem Vetch nem Jaspe estavam ali, e ele

tos em relação aos quais ele se destacara estavam mais adiantados do que ele agora, por causa dos meses que perdera, e, na primavera e no verão, ele estudou com rapazes mais jovens. Nem assim brilhou entre os estudantes, pois as palavras de qualquer feitiço, mesmo o mais simples encantamento de ilusão, saíam hesitantes de sua língua, e suas mãos não eram firmes para fazê-los.

No outono, mais uma vez ele teve que ir

não perguntou sobre os dois. Todos os garo-

para a torre solitária, estudar com o Mestre dos Nomes. A tarefa que antigamente ele tanto temia agora o agradava, pois o silêncio era tudo o que ele procurava, além de um longo aprendizado no qual feitiços não fossem criados e aquele poder que ele sabia que ainda estava nele nunca seria chamado a agir.

Na véspera de Ged partir para a torre, à noite, um visitante foi a seu quarto; vestia

uma capa marrom de viajante e trazia um cajado de carvalho com calço de ferro. Ged pôs-se de pé ao ver o cajado do feiticeiro. — Gavião...

Ao ouvir a voz, ergueu o olhar: quem estava de pé ali, sólido e forte como sempre, era Vetch, com o rosto severo e escuro mais velho, porém o mesmo sorriso de sempre. Em seu ombro, via-se um pequeno animal empoleirado, com pelo malhado e olhos brilhantes.

Ele ficou comigo enquanto você estava doente, e agora lamento me separar dele. E lamento ainda mais me separar de você, Gavião. Mas estou voltando para casa. Aqui, Hoeg, vá para o seu verdadeiro mestre!
Vetch afagou o otak e o colocou no chão.

Ele caminhou, se sentou no estrado de Ged e começou a limpar o pelo com uma língua marrom e seca como uma pequena folha. Vetch soltou uma gargalhada, mas Ged não conseguiu sorrir. Ele se inclinou para

- esconder o rosto e afagou o otak. – Pensei que você não viria me ver, Vetch – falou.
- Ele não censurava o outro, mas Vetch respondeu:
- Eu não podia visitá-lo. O Mestre Herbalista me proibiu; e desde o inverno estive com o mestre no bosque. Eu não estava livre até receber meu cajado. Ouça com atenção: você também está livre, venha para o domínio do Leste. Há alegria nos pequenos vilarejos dali, e os feiticeiros são bem-vindos.
- Livre... murmurou Ged e, dando de ombros num pequeno gesto, tentou sorrir.

Vetch o encarou, não como ele costumava fazer, e não havia menos amor, porém havia mais feitiçaria, digamos. E ele falou bondosamente:

- Você não ficará preso a Roke para sempre.
- Ora... eu pensei, talvez eu possa ir ajudar o mestre na torre, ser um dos que

buscam nos livros e nas estrelas os nomes perdidos, e então... então não causar mais dano nenhum, e tampouco muito bem... - Talvez - disse Vetch. - Não sou

Talvez – disse Vetch. – Nao sou vidente, porém não vejo diante de você salas e livros, mas sim mares distantes e o fogo dos dragões, as torres das cidades, todas essas coisas que um gavião vê quando voa bem alto para muito longe.
E atrás de mim... o que você vê atrás de

mim? – perguntou Ged, levantando-se enquanto falava, de modo que o fogo-fátuo que ardia entre os dois, acima de suas cabeças, lançou sua sombra na parede e no assoalho. Então ele virou o rosto e falou, gaguejando: – Mas me diga aonde você vai, o que vai fazer.

 Vou para casa, ver meus irmãos e irmã de quem tanto falo. Eu a deixei quando ela era pequena e agora ela está prestes a receber seu novo nome... É estranho pensar nisso! E então vou procurar um trabalho como feiticeiro em alguma parte das hoje à noite e a maré já virou. Gavião, se um dia você seguir o caminho do leste, venha me ver. E se um dia precisar de mim, me avise e me chame pelo meu nome: Estarriol. Ao ouvir isso, Ged ergueu o rosto cheio de

pequenas ilhas. Ah, eu ficaria conversando com você, mas não posso, meu navio parte

cicatrizes e olhou nos olhos de seu amigo. – Estarriol – repetiu ele. – Meu nome é

Ged.

Então, silenciosamente, eles se des-

pediram, e Vetch se virou e seguiu o corredor de pedra, partindo de Roke. Ged se manteve de pé, imóvel por algum tempo, como se tivesse recebido uma grande

tempo, como se tivesse recebido uma grande notícia e devesse engrandecer o espírito para recebê-la. Vetch lhe dera um grande presente: dar-lhe a conhecer seu verdadeiro nome.

Ninguém sabe o verdadeiro nome de um homem, a não ser ele mesmo e seu nomeador. Ele pode escolher contar ao irmão, à esposa, a algum amigo, mesmo assim esses poucos nunca o usarão onde qualquer outra pessoa possa ouvi-los. Diante de outras pessoas, eles o chamarão, assim como os outros, pelo nome de uso, o apelido um nome como "Gavião", "Vetch", "Ogion", que significa "cone de abeto". Se homens comuns ocultam seu verdadeiro nome de todos, a não ser de uns poucos que amam e nos quais confiam plenamente, com muito mais razão o fazem também os feiticeiros, por serem muito mais ameaçadores e mais ameacados. Aquele que sabe o nome de um homem tem a vida desse homem nas mãos. Portanto, para Ged, que tinha perdido a fé em si mesmo, Vetch dera esse presente que somente um amigo pode dar: a prova de confiança inabalada e inabalável. Ged sentou-se no estrado e deixou o

Ged sentou-se no estrado e deixou o globo de fogo-fátuo se apagar, liberando, enquanto desaparecia, um leve odor de gás do pântano. Ele afagou o otak, que se esticou

confortavelmente e adormeceu no joelho do rapaz como se nunca tivesse dormido em outro lugar. A Grande Casa estava em silêncio. Ocorreu a Ged que era a véspera de sua própria passagem, o dia em que Ogion lhe dera o nome. Quatro anos se passaram desde então. Ele se recordava do frio da primavera na montanha que ele cruzara nu e sem nome. Ele começou a pensar nos outros poços brilhantes no rio Ar, nos quais ele costumava nadar; e na aldeia de Dez Amieiros sob as grandes florestas inclinadas da montanha; nas sombras da manhã do outro lado da rua empoeirada; no fogo pulando debaixo dos foles nas brasas do forjador numa tarde de inverno; na cabana sombria e fragrante da bruxa, onde o ar era pesado por causa da fumaça e dos feitiços tramados. Ele não pensava nessas coisas havia muito tempo. Agora elas voltavam à sua mente, nesta noite em que ele completava 17 anos. Todos os anos e locais de sua breve vida vieram ao

alcance de sua mente e formaram de novo uma unidade. Ele soube mais uma vez, finalmente, após este tempo perdido, longo e amargo, quem ele era e onde estava.

Mas aonde ele deveria ir nos anos seguintes, isso ele não conseguia enxergar; e temia fazê-lo. Na manhã seguinte, ele partiu, cruzando

a ilha com o otak montado em seu ombro, como costumava fazer. Desta vez, ele precisou de três dias, não dois, para caminhar até a torre solitária, e estava cansado até os ossos quando avistou a torre acima dos mares sibilantes e encrespados do cabo norte. Em seu interior, estava tão escuro e frio quanto ele se recordava e Kurremkarmerruk estava sentado em seu assento elevado, listando nomes. Ele olhou para Ged e disse, sem boas-vindas, como se o rapaz nunca tivesse se ausentado:

 Vá se deitar; cansado não se aprende nada. Amanhã você pode abrir o Livro das Realizações dos Criadores e aprender os nomes que há nele.

No fim do inverno, ele voltou à Grande Casa e se tornou feiticeiro. Dessa vez, o arquimago Gensher aceitou sua lealdade. Desde então, Ged estudou as artes elevadas e os encantamentos, passando das artes de ilusão para as verdadeiras obras de magia, aprendendo o que deveria saber para obter seu cajado de mago. O problema que tivera para falar os feitiços passou com o correr dos

ilusão para as verdadeiras obras de magia, aprendendo o que deveria saber para obter seu cajado de mago. O problema que tivera para falar os feiticos passou com o correr dos meses e a habilidade voltou às suas mãos: no entanto, ele nunca mais foi tão rápido para aprender quanto antes, depois de aprender uma longa e difícil lição do medo. Ainda assim, nenhum augúrio ou encontro nefasto se manifestou quando realizava os grandes feiticos, nem mesmo os de criação e forma, que são os mais perigosos. Ele chegou a se perguntar, algumas vezes, se a sombra que liberara poderia ter perdido as forças ou, de alguma forma, fugido deste mundo, pois ela nunca mais apareceu em seus sonhos. Mas em seu coração, Ged sabia que tal esperança era uma loucura.

Com os mestres e os antigos Livros da Tradição, Ged aprendeu o que podia sobre seres como a sombra que ele libertara; mas pouco havia para aprender. Nenhuma criatura desse tipo era descrita ou mencionada diretamente.

Havia, na melhor das hipóteses, aqui e ali, nos livros antigos, pistas de coisas que poderiam ser como aquele animal-sombra. Não era um fantasma de homem humano nem uma criatura dos poderes antigos da terra; ainda assim parecia ter uma ligação com eles. No Matéria dos Dragões, que Ged leu com muita atenção, havia a história de um dos poderes antigos, uma pedra falante que se encontrava numa região muito ao norte.

Após uma ordem da pedra, dizia o livro, ele falou para despertar um espírito morto

do reino dos mortos, mas como sua feitiçaria foi modificada pela vontade da pedra, com o espírito veio também uma criatura que não fora invocada e que o devorou de dentro para fora e caminhou com sua forma, destruindo os homens.

Mas o livro não dizia que criatura era essa nem contava o fim da história. E os mestres não sabiam de onde poderia vir uma sombra daquelas:

- Da nãovida dissera o arquimago.
 Eu não sei comentara o Mestre das
- Eu não sei comentara o Mestre das Invocações.

O invocador fora com frequência visitar Ged durante sua doença. Ele estava malhumorado e sério como sempre, mas agora Ged conhecia sua compaixão e o amava muito.

 Não sei. Da criatura, sei apenas isso: que somente um grande poder seria capaz de invocar tal coisa, e talvez somente um poder, somente uma voz, a sua voz. Mas o que, por sua vez, isso significa, eu não sei. Você descobrirá. Você tem que descobrir ou morrer, e pior do que morrer...

Ele falou em voz baixa e seus olhos es-

tavam sombrios quando encarou Ged.

– Quando você era garoto, pensava que

os magos pudessem fazer qualquer coisa. Eu também já achei isso. Todos nós já pensamos isso. E a verdade é que, à medida que o verdadeiro poder de um homem cresce e seu conhecimento se amplia, o caminho que ele pode seguir fica cada vez mais estreito, até ele finalmente nada escolher, mas ter de fazer apenas e tão somente o que deve fazer...

quimago o enviou para colaborar com o Mestre das Formas. Não se fala muito por aí sobre o que se aprende no bosque Imanente. Dizem apenas que feitiços não funcionam ali. Ainda assim o lugar é cheio de encantamento. Algumas vezes, as árvores daquele

Após o 18º aniversário de Ged, o ar-

prema ali, no interior do bosque. Se um dia as árvores morrerem, então sua sabedoria também vai morrer, e nesse dia as águas vão se erguer e afundar as ilhas de Terramar que Segoy ergueu das profundezas no tempo antes do mito - todas as terras onde habitam homens e dragões. Mas tudo isso são boatos; magos não falam sobre isso. Os meses se passaram e, finalmente, num dia de primavera, Ged retornou à Grande Casa. Não fazia ideia do que lhe pediriam a

seguir. À porta que dá para a trilha que corta os campos até o monte de Roke, um velho o

De início, Ged não o reconheceu, mas, então, forçando a mente, recordou-se dele

encontrou na entrada.

bosque são vistas; outras vezes, não são, e nem sempre elas estão no mesmo local ou na mesma parte da ilha de Roke. Dizem que as árvores do bosque também são sábias e que o Mestre das Formas aprende sua magia sucomo o homem que o deixara entrar na escola no dia de sua chegada, cinco anos atrás. O velho sorriu e o saudou, chamando-o

pelo nome, então perguntou:

- Você sabe quem eu sou?

Ged já tinha pensando antes em como sempre se falava nos Nove Mestres de Roke, embora ele conhecesse apenas oito: Mestre dos Ventos, Malabar, Herbalista, das Transformações, das Invocações, Cantor, dos Nomes, das Formas. Parecia que as pessoas se referiam ao arquimago como o nono. Mas, ainda assim, quando um novo arquimago precisava ser escolhido, os nove mestres se encontravam para elegê-lo.

- Acho que o senhor é o Mestre Porteiro
- respondeu Ged.
- Eu sou. Ged, você conseguiu entrar em
 Roke ao dizer o seu nome. Agora pode obter
 sua liberdade se disser o meu falou o
 homem idoso, que sorriu e esperou. Ged

Ele sabia mil modos, artes e meios de descobrir os nomes das coisas e dos homens. sem dúvida; tal habilidade era parte de tudo

ficou parado, confuso.

esgueirar por ela.

que ele aprendera em Roke, pois sem isso poderia haver pouca magia útil a ser feita. Mas descobrir o nome de um mago e mestre era outra história. O nome de um mago é muito mais bem escondido que um arenque no mar, mais bem guardado que o covil de um dragão. Um encantamento de investigação será rebatido por outro mais forte, truques sutis falharão, perguntas maliciosas

- serão maliciosamente frustradas, e a força será ruinosamente voltada contra si mesma. - O senhor guarda uma porta estreita, mestre – falou Ged finalmente. – Eu devo me sentar aqui fora, nos campos, creio, e jejuar até emagrecer o suficiente para me
- Pelo tempo que você quiser retrucou o Porteiro, com um sorriso.

Então Ged se afastou um pouco, sentouse debaixo de um amieiro na margem do riacho de Thwil e deixou seu otak correr, brincar na relva e revirar suas margens enlameadas atrás de caranguejos. O sol baixava, tardio e brilhante, pois a primavera estava avançada. Luzes de lanternas e fogosfátuos brilhavam nas janelas da Grande Casa e, morro abaixo, as ruas da cidadezinha de Thwil estavam cheias de escuridão. Corujas piavam sobre telhados e morcegos voavam rapidamente na atmosfera crepuscular acima do riacho. Ged estava sentado, imóvel, pensando em como poderia descobrir o nome do Mestre Porteiro: à força, por meio de um ardil ou de feitiçaria. Quanto mais ponderava, menos via saída; entre todas as artes da feitiçaria que ele aprendera nos cinco anos em Roke, não via qualquer uma que servisse para arrancar um segredo desse tipo de um tal mago. Ele se deitou no gramado e adormeceu

em seu bolso. Depois que o sol se ergueu, ele caminhou, ainda em jejum, até a porta da Casa e bateu. O Mestre Porteiro abriu. — Mestre — falou Ged —, não posso arran-

debaixo das estrelas, com o otak aninhado

- car o nome do senhor, por não ser forte o bastante, e não posso descobrir seu nome com um ardil, por não ser sábio o suficiente. Por isso, me contento em ficar aqui, e aprender ou servir, o que o senhor quiser. A menos que, por sorte, o senhor responda a uma pergunta.

 Faça a pergunta.

 - Qual é o seu nome?

O Porteiro sorriu e falou o próprio nome. Ged o repetiu e entrou pela última vez naquela Casa.

Quando ele a deixou novamente, vestia uma capa pesada azul-escura, presente da comunidade de Baixa Torninga, para onde ele se dirigia, pois eles estavam precisando de um mago ali. Ele trazia também um madeira de teixo, com calço de bronze. O Porteiro acenou-lhe um adeus e abriu a porta nos fundos da Grande Casa, a porta de chifre e mármore, e ele desceu pelas ruas de Thwil até um navio que o aguardava nas águas brilhantes pela manhã.

cajado da própria altura, entalhado em

Capítulo 5

O Dragão de Pendor

A oeste de Roke, numerosas entre as duas grandes terras de Hosk e Ensmer, encontram-se as Noventa Ilhas. A mais próxima de Roke é Serd, e a mais distante é Seppish, que fica praticamente no mar Pélnico. E se há de fato noventa ilhas é uma questão que nunca foi resolvida, pois, se contarmos apenas aquelas com nascentes de água doce, teremos setenta, mas, se contarmos todas as rochas, teríamos uma centena e não acabaríamos; e então a maré mudaria.

das e irritadas, sobem alto e descem baixo. Portanto, onde na maré alta poderia haver três ilhas, na baixa poderia haver apenas uma. Ainda assim, apesar de todo o perigo da maré, todas as crianças que sabem andar também sabem remar e têm um pequeno barco a remo; donas de casa remam através do canal para tomar uma xícara de chá de junco-vivo com a vizinha; caixeiros-viajantes anunciam suas mercadorias no ritmo da batida de seus remos. Todas as estradas são de água salgada, bloqueadas somente por redes erguidas de casa a casa do outro lado dos canais estreitos para pescar o pequeno peixe que se chama turbina, cujo óleo é a riqueza das Noventa Ilhas. Veem-se algumas pontes, mas não há grandes cidades. Todas as ilhotas estão cheia de fazendas e casas de pescadores, que se reúnem e formam comunidades a cada dez ou vinte ilhas. Uma

Os canais entre as ilhotas são estreitos e ali as ondas suaves do mar Interior, frustradelas era Baixa Torninga, mais a oeste, que não estava voltada para o mar Interior, mas para fora, para o oceano vazio, aquele canto solitário do Arquipélago onde se encontra apenas Pendor, a ilha destruída por dragões e, além dela, as águas do desolado domínio do Oeste.

Uma casa fora preparada ali para o novo

mago da comunidade. Ela se erguia sobre um morro, entre campos verdes de cevada, abrigada do vento oeste por um bosque de píndicos que agora estavam vermelhos e com flores. Da porta, viam-se outros telhados de sapê, bosques, jardins e outras ilhas com seus telhados, campos e morros – e entre eles os vários canais brilhantes e sinuosos do mar. Era uma moradia modesta, sem janelas, com chão de terra batida, mas uma casa melhor que aquela na qual Ged nascera. Os habitantes da ilha de Baixa Torninga, impressionados com o mago de Roke, pediram desculpas por sua humildade.

- Não temos pedra para as edificações falou um dos habitantes.
- Nenhum de nós é rico, embora ninguém passe fome – falou outro.

E um terceiro:

 Pelo menos, estará seca, pois eu mesmo cuidei de cobrir o telhado com palha, senhor.

Para Ged, era tão bom quanto qualquer palácio. Ele agradeceu sinceramente aos dezoito líderes da comunidade e eles foram para suas casas, cada um no próprio barco a remo para a ilha em que moravam, contar aos pescadores e às donas de casa que o novo mago era um jovem estranho e sombrio que falava pouco, mas com simplicidade e sem vaidade.

Talvez houvesse poucos motivos para vaidade no primeiro ano de Ged como mago. Magos treinados em Roke normalmente iam para cidades ou castelos servir grandes senhores que os tinham em alta conta. Já esses pescadores de Baixa Torninga, em tempos bruxa ou um feiticeiro simples para encantar as redes de pesca e cantar sobre os novos barcos, além de curar enfermidades de animais e homens. Mas, nos últimos anos, o velho dragão de Pendor tivera cria: nove filhotes, diziam, agora escondidos nas torres em ruínas dos Senhores dos Mares de Pendor, arrastando suas barrigas escamosas para cima e para baixo nas escadas de mármore e através das portas destruídas. Atrás de comida na ilha morta, eles logo voariam quando estivessem grandes e a fome tomasse conta deles. Um bando de quatro já fora visto acima das praias a sudoeste de Hosk, sem pousar, mas espiando os redis, celeiros e aldeias. A fome de um dragão demora a despertar, mas é difícil de saciar. Por isso, os habitantes da ilha foram a Roke e imploraram que um mago protegesse seu povo do

que se pressentia acima do horizonte a oeste. O arquimago julgara esse temor bem

normais, teriam entre eles não mais que uma

fundado.

– Não há conforto nesse lugar – dissera o arquimago a Ged no dia em que o fizera

arquimago a Ged no dia em que o fizera mago: – Nem fama nem riqueza; talvez nenhum risco. Você vai?

 Eu vou - respondera Ged; e não apenas por obediência.

Desde a noite no monte de Roke, seu desejo se manifestara contra a fama e o exibicionismo da mesma forma que um dia residira nisso. Agora ele sempre duvidava de sua força e temia ter de provar que possuía poder. Além disso, a conversa sobre dragões provocara uma grande curiosidade nele. Em Gont, não havia dragões fazia muitas centenas de anos e nenhum jamais voaria ao alcance do olfato, da visão ou do feitiço de Roke, de modo que ali também eles eram somente tema de histórias e canções, criaturas sobre as quais se falava, mas que nunca haviam sido vistas. Ged tinha aprendido tudo que podia sobre dragões na escola,

mas uma coisa era ler sobre eles e outra. encontrá-los. A oportunidade que se apresentava era excelente, e com veemência ele respondera: - Eu vou.

O arquimago Gensher tinha assentido com a cabeça, mas sua expressão era sombria.

- Me diga falara, por fim. Você teme ir embora de Roke? Ou está ansioso por isso?
- As duas coisas, senhor.

Mais uma vez, Gensher assentira com a cabeça.

 Eu não sei se faço o certo ao enviá-lo para longe de sua segurança aqui – falara em voz muito baixa. - Não consigo enxergar o seu caminho. Está tudo na escuridão. E há um poder no norte, algo capaz de destruí-lo: mas o que é e onde está, se se encontra em seu passado ou no porvir, não sei dizer: tudo são trevas. Quando os homens de Baixa Torninga vieram aqui, pensei imediatamente em você, pois parecia um local seguro e afastado, onde você teria tempo para reunir suas forças. Mas não sei se algum lugar é seguro para você ou para onde seu caminho o conduz. Não quero enviá-lo para a escuridão... De início, a casa debaixo das árvores em

flor parecia um local claro o suficiente para Ged. Ali ele vivia e observava com frequência o céu a oeste, mantendo o ouvido de mago atento ao som de asas escamosas. Mas nenhum dragão apareceu. Ged pescava no quebra-mar e cuidava de seu jardim. Ele passava dias inteiros refletindo sobre uma página, uma linha ou uma palavra dos Livros da Tradição que trouxera de Roke, sentado ao ar livre de verão, debaixo das árvores, enquanto o otak dormia a seu lado ou saía para caçar ratos nos bosques de relva e margaridas. E ele era o cura-tudo e fazedor de chuva do povo de Baixa Torninga sempre que lhe pediam. Não passava por sua cabeça que um mago devesse se envergonhar de praticar artes tão simples, pois ele fora uma criança-feiticeira em meio a pessoas mais pobres do que estas. No entanto, elas lhe pediam pouca coisa, tratando-o com espanto, em parte porque ele era um mago da ilha dos Sábios e, em parte, por causa de seu silêncio e do rosto cheio de cicatrizes. Apesar de jovem, essas características deixavam os homens pouco à

Contudo, ele fez um amigo, um carpinteiro fabricante de barcos que morava na ilha vizinha a leste. Seu nome era Pechvarry. Eles se conheceram no quebra-mar, onde Ged parou para observá-lo montar o mastro de um pequeno barco a vela. Ele ergueu o olhar para o mago, com um sorriso, e disse:

vontade com ele.

– Isto é praticamente o fim de um mês de trabalho. Acho que o senhor poderia ter feito isso num minuto, com uma palavra, não é, senhor?

– Talvez – respondeu Ged –, mas

seguinte, a menos que eu continuasse dizendo feitiços. Mas, se você quiser... – Ele parou. – O quê, senhor?

provavelmente afundaria no minuto

– Essa é uma pequena embarcação adorável. O barquinho não precisa de nada. Mas, se você quiser, eu posso fazer um feitiço de amarração nele, para ajudar a mantê-lo sólido; ou um feitiço de localização, para ajudar a trazê-lo do mar para casa.

Ele falava com hesitação, sem querer ofender o artesão, mas a expressão de Pechvarry se iluminou.

O barquinho é para o meu filho, senhor, e seria muita bondade, além de um gesto de amizade, se o senhor fizesse uns encantamentos nele.
 E o homem subiu até o quebra-mar para apertar a mão de Ged e agradecer-lhe ali mesmo.

Depois disso, muitas vezes eles trabalharam juntos: Ged urdia seus feitiços no trabalho de Pechvarry com os barcos que ele construía ou reparava e, em troca, aprendia com o artesão como se construía um barco e como se controlava um sem o auxílio da magia; essa habilidade era, de certa forma, rara em Roke. Com frequência, Ged, Pechvarry e seu filhinho, Ioeth, saíam pelos canais e lagoas, navegando ou remando um barco ou outro, até Ged se tornar um bom marinheiro e a amizade entre ele e o artesão se tornar fato consumado.

No fim do outono, o filho do carpinteiro adoeceu. A mãe mandou chamar a bruxa da ilha de Tesk, que era muito boa com curas, e tudo pareceu ficar bem por um dia ou dois. Então, no meio de uma noite de tempestade, Pechvarry bateu à porta de Ged, implorando que fosse com ele e salvasse a criança.

Ged correu para o barco com o homem e eles remaram com toda pressa através da escuridão e da chuva até a casa do carpinteiro. Ali o mago encontrou a criança sobre o estrado, sua mãe agachada em silêncio a seu lado, a feiticeira alimentando uma fumaça de raiz de córlio e cantando o *Canto Nágio*, que era o máximo que seu conhecimento permitia. Mas a mulher murmurou para Ged:

 Senhor mago, acho que esta é a febre vermelha. A criança vai morrer hoje à noite.
 Quando Ged se ajoelhou e pôs as mãos na

criança, pensou a mesma coisa. Por um instante, recuou. Nos últimos meses de sua longa doença, o Mestre Herbalista lhe ensinara muito sobre os conhecimentos de cura, e a primeira e última lição de todo aquele ensinamento foi esta: "Trate a ferida e cure a doença, mas deixe o espírito do moribundo partir."

A mãe, vendo seu movimento e entend-

endo o significado daquilo, gritou em voz alta, em desespero. Pechvarry abaixou-se ao lado dela e disse:

O senhor Gavião vai salvá-lo, mulher.
 Não precisa gritar! Ele está aqui agora. Ele

Ao ouvir o lamento da mãe e ver a confiança que Pechvarry tinha nele, Ged não conseguia seguer pensar na possibilidade de

decepcioná-los. Desconfiando de seu próprio iulgamento, ele pensou que, talvez, a criança pudesse ser salva se pudesse fazer a febre baixar. Ele falou: - Farei o melhor que puder, Pechvarry.

Ele pôs o garotinho numa banheira com água fria da chuva recém-caída e começou a recitar um dos feiticos contra a febre. O feitiço, porém, não funcionou nem se cristalizou, e no mesmo instante ele pensou que a criança ia morrer em seus braços.

Reunindo todo o seu poder de uma vez e sem pensar em si mesmo, enviou seu próprio espírito em busca do espírito da criança, para trazê-lo de volta para casa. Ele gritou o nome do garotinho:

– Ioeth!

consegue.

Pensando ter ouvido uma resposta fraca

nome das constelações: o Maço, a Porta, Aquele Que Vira, a Árvore. Eram as estrelas que nunca se põem, que não empalidecem pela chegada do dia. Ele seguira a criança moribunda longe demais. Ao se dar conta disso, ele se viu sozinho no lado escuro do morro. Era difícil se virar, muito difícil. Lentamente, Ged conseguiu. Aos poucos pôs um pé à frente para voltar a subir o morro, depois o outro. Passo a passo, ele seguiu, cada passo, dando tudo de si, cada

As estrelas não se moviam. O vento não soprava sobre o terreno íngreme e seco. Em

um mais difícil que o anterior.

em sua audição interior, ele prosseguiu e chamou mais uma vez. Então viu o garotinho descendo rápido uma encosta escura de um morro imenso, bem à sua frente. Não se ouvia som nenhum. As estrelas acima do morro não eram estrelas que seus olhos já tivessem visto. Ainda assim, ele conhecia o

todo o vasto reino das trevas somente ele se movia, devagar, subindo. Ele alcançou o topo do morro e viu a mureta baixa de pedras que havia ali. Do outro lado da mureta, encarando-o, havia uma sombra.

A sombra não tinha forma de homem nem de animal. Era disforme, mal podia ser vista, mas murmurou para ele, embora o sussurro não fosse constituído por palavras, e se esticou na direção de Ged. Ela estava ali, parada do lado dos vivos; ele, do lado dos mortos.

Ou ele descia o morro para as terras desertas e cidades sem luz dos mortos ou teria que cruzar a mureta e voltar à vida, onde a criatura disforme e maligna esperava por ele.

Seu cajado espiritual estava em sua mão e ele o ergueu bem alto. Com o movimento, a força tomou conta dele. Enquanto Ged pulava a mureta de pedras para cima da sombra, o cajado ardeu e, no mesmo instante, ficou branco; uma luz ofuscante naquele lugar sombrio. Ele pulou, deixando-se cair, e nada mais viu. Mas o que Pechvarry, sua mulher e a feiticeira viram foi isto: o jovem mago

parado no meio do feitiço e segurando a criança por algum tempo, imóvel. Então ele colocara o pequeno Ioeth delicadamente sobre o estrado e se levantara, ficando parado em silêncio, com o cajado na mão. Subitamente havia erguido o cajado bem alto e o objeto ardera com fogo branco como se o rapaz estivesse segurando um relâmpago; todos os utensílios domésticos na cabana pularam de modo estranho e vívido naquela chama momentânea. Quando seus olhos se livraram do deslumbramento, eles viram o iovem caído, encolhido no chão de terra batida, ao lado do estrado onde o menino jazia morto.

A Pechvarry pareceu que o mago também estava morto. Sua mulher chorava; ele estava completamente perplexo. No entanto, a speito dos magos e dos caminhos que um verdadeiro mago poderia seguir. Então ela cuidou para que Ged, frio e sem vida como estava, não fosse tratado como um homem morto, mas apenas doente ou em transe. Ele foi levado para casa e uma mulher idosa foi deixada lá para observar e ver se ele dormiria e acordaria ou se dormiria para sempre. O pequeno otak se escondeu nas vigas da casa, como fazia quando havia estranhos lá dentro. Ali ele ficou, enquanto a chuva tamborilava nas paredes, o fogo se extinguia e a

bruxa tinha um conhecimento ou outro a re-

borilava nas paredes, o fogo se extinguia e a noite, que desvanecia lentamente, fazia a mulher adormecer ao lado do braseiro. Então rastejou pelo chão e se aproximou do local em que Ged estava deitado rígido e imóvel na cama. O animalzinho começou a lamber as mãos e os pulsos do rapaz, detida e pacientemente, com a língua seca e marrom, da cor de uma folha. Agachado ao lado da cabeça de Ged, ele lambeu as têmporas do

de leve, seus olhos fechados. E muito lentamente, sob aquele toque delicado, Ged despertou. Acordou sem saber onde tinha estado, onde estava ou o que era a luz cinzenta e suave no ar perto dele – que era a luz da aurora chegando ao mundo. Então o otak se aninhou perto de seu ombro, como sempre, e adormeceu.

Mais tarde, quando Ged voltou a pensar

rapaz, a bochecha cheia de cicatrizes e, bem

naquela noite, percebeu que, se ninguém tivesse tocado nele quando ele estava deitado com o espírito perdido, se ninguém o tivesse, de algum modo, chamado de volta, ele poderia ter ficado perdido para sempre. Fora salvo pela sabedoria instintiva do animal que lambe o companheiro ferido para confortálo. Ged viu naquela sabedoria algo semelhante a seu próprio poder, algo tão profundo quanto a feiticaria. A partir de então ele passou a acreditar que sábio é aquele que nunca se separa das outras criaturas vivas, quer

elas falem ou não. Nos anos seguintes, ele ansiou por aprender tudo o que pode ser aprendido, em silêncio, dos olhos dos animais, do voo dos pássaros, dos gestos grandiosos e lentos das árvores. Agora ele saíra ileso, pela primeira vez,

daquela travessia que somente um mago

pode fazer de olhos abertos e que nem o maior dos magos pode fazer sem risco. Mas ele retornara para o sofrimento e o medo. O sofrimento era pelo amigo, Pechvarry; o medo, por si mesmo. Agora ele sabia por que o arquimago temera enviá-lo para longe e o que escurecera e até enevoara a visão do mago sobre seu futuro. Pois eram as próprias trevas que o aguardavam, a criatura sem nome, o ser que não pertencia ao mundo, a sombra que ele libertara ou criara. Em espírito, na mureta que separava vida e morte, ela o aguardara todos esses longos anos. E finalmente o encontrara ali. Estaria em seu rastro agora, buscando aproximar-se dele, para sugar sua força para dentro de si, esvaziar-lhe da vida e cobrir-se com a sua carne. Pouco depois, ele sonhou com a coisa

Pouco depois, ele sonhou com a coisa como um urso sem cabeça. Achou que ela tateava as paredes da casa em busca da porta. Não tivera um sonho assim desde que curara as feridas que a coisa lhe causara. Quando acordou, estava fraco e com frio, e as cicatrizes em seu rosto e ombro repuxavam e doíam.

Agora começava uma época ruim.

Quando ele sonhava com a sombra ou pensava nela, sempre sentia aquele mesmo temor frio: sua consciência e seu poder eram sugados dele, deixando-o confuso e perdido. Ele se irritou com a própria covardia, e isso não lhe fez bem. Procurou um pouco de proteção, mas nada havia: a criatura não era de carne, não estava viva, não era espírito nem tinha nome, não tinha outro ser além do que ele lhe dera – um poder terrível além das leis

sabia era que ela era atraída na direção dele e que tentaria realizar sua vontade através dele, já que era sua criatura. Mas sob qual forma poderia aparecer, uma vez que não tinha uma forma própria e real, como e quando viria, isso ele não sabia. Ele criou todas as barreiras de feiticaria

possíveis ao redor da casa e da ilha onde vivia. Essas muralhas de feitiços devem

do mundo iluminado pelo sol. Tudo que ele

sempre ser renovadas, e logo ele viu que, se consumisse toda a sua força nessas defesas, não teria utilidade para os habitantes da ilha. O que ele poderia fazer – entre dois inimigos – se um dragão viesse de Pendor?

Mais uma vez, ele sonhou. Dessa vez, no sonho, a sombra estava dentro de sua casa,

ao lado da porta, e vinha até ele em plena escuridão, murmurando palavras incompreensíveis. Ged acordou aterrorizado e enviou o fogo-fátuo através do ar, iluminando cada canto da pequena casa, até ver que não

e abandoná-los, sem defesa, ao iminente ataque do dragão. Havia apenas um caminho a seguir.

Na manhã seguinte, ele foi até os pescadores no atracadouro principal de Baixa Torninga e, ao encontrar o líder da ilha ali, falou:

— Eu preciso sair deste lugar. Estou em perigo e coloco vocês em perigo. Devo partir.

hado de sapê e gemendo nas grandes árvores sem folhas acima. Refletiu por um longo tempo. Uma raiva antiga despertara em seu coração. Ele não passaria pela espera inútil, não ficaria sentado, preso numa pequena ilha e resmungando feiticos inúteis de bloqueio e proteção. Ainda assim, ele não podia simplesmente fugir da armadilha: significaria trair a confiança dos moradores da ilha ataque do dragão. Havia apenas um caminho a seguir.

havia sombra em parte nenhuma. Então ele pôs lenha no carvão de sua braseira e ficou sentado, sob a luz da fogueira, ouvindo com atenção o vento de outono arranhando o tele acabar com os dragões em Pendor, de modo que a minha obrigação com vocês esteja terminada e eu possa ir embora livremente. Se eu fracassar lá, isso significa que eu também fracassaria quando eles viessem para cá, e é melhor saber disso agora do que mais tarde. O homem o encarou, de queixo caído.

Portanto, peço sua permissão para ir embora

– Senhor Gavião, há nove dragões lá!

- Oito ainda são jovens, pelo que dizem.
- Mas o mais velho...
- Mas o mais veino.
- Preste atenção: eu tenho que sair daqui. Peço sua permissão para livrá-los do perigo dos dragões primeiro, se eu for capaz.
- Como preferir, senhor falou o homem, triste.

Todos os presentes pensaram se tratar de um capricho ou de uma coragem louca do jovem mago e, cheios de pesar, o viram partir, imaginando que não teriam mais notícias dele. Alguns diziam que o rapaz simplesmente queria navegar pela costa de Hosk até o mar Interior, abandonando-os em tempos difíceis; outros, entre os quais Perchvarry, afirmavam que ele enlouquecera e ia atrás da própria morte. Durante quatro gerações de homens, to-

dos os barcos estabeleceram seu curso para se manter longe das praias da ilha de Pendor. Nenhum mago jamais combatera dragões ali, pois a ilha não se encontrava numa via marítima navegável e seus senhores eram piratas, traficantes de escravos, guerreiros, odiados por todos que habitavam as partes ao sul de Terramar. Por essa razão, ninguém queria vingar o Senhor de Pendor. Um dragão aparecera subitamente, vindo do oeste, precipitando-se sobre ele e seus homens, que estavam numa torre festejando, e os assara com as chamas de sua boca, levando todos os habitantes da cidadezinha aos gritos para o mar. Como ninguém reivindicou a posse da ilha, Pendor fora deixada ao dragão, com todos os seus ossos, suas torres e joias roubadas de príncipes mortos havia muito nas costas de Paln e Hosk. Ged sabia disso tudo muito bem e mais ainda, pois desde que fora para Baixa Torninga tivera em mente e refletira sobre

tudo o que havia aprendido a respeito de dragões. Enquanto conduzia o pequeno barco para oeste – sem remar nem usar sua habilidade de marinheiro que Pechvarry lhe ensinara, mas navegando por meio de feiticos com o vento mágico inflando sua vela, e um feitiço na proa e na quilha para não perder o rumo –, ele observava para ver a ilha morta erguer-se na linha do mar. Ele queria velocidade, por isso usou o vento mágico – pois temia o que estava atrás dele mais do que o que estava à sua frente. No entanto, à medida que o tempo passava, sua impaciência foi se transformando de medo em um tipo de coragem feliz. Pelo menos, ele buscava o perigo pela própria vontade; e

rápido vento mágico em sua vela e avistou as rochas de Pendor, as ruas tranquilas da cidadezinha e as ruínas das torres estreitas. Na entrada do porto, uma baía rasa em forma de crescente, ele deixou o feitico do vento se extinguir e parou o pequeno barco de modo que ficasse balançando sobre as ondas. Então ele invocou o dragão: Usurpador de Pendor, venha defender seu tesouro! Sua voz foi silenciada com o estrépito das ondas batendo nas praias sem cor; mas

dragões têm boa audição. Na verdade, um deles adejou de alguma ruína sem telhado da

quanto mais se aproximava, mais certeza tinha de que, ao menos dessa vez, talvez até o momento da própria morte, ele estava livre. A sombra não ousou segui-lo para dentro da boca do dragão. As ondas de cristas brancas corriam pelo mar cinzento e nuvens cinzentas se retorciam acima de sua cabeça com o vento do norte. Ele foi para oeste com o cidade como um imenso morcego negro, com asas finas e costas cheias de espinhos, voando em círculos no vento norte; veio até Ged. O peito do mago se encheu ao ver a criatura que era apenas um mito para seu povo. Ele riu e gritou:

 Vá chamar o mais velho, seu verme do vento!

Pois esse era um dos dragões jovens, gerado ali havia alguns anos por um dragão fêmea do domínio do Oeste, que depositara os imensos ovos de couro, como dizem que elas costumam fazer, em algum cômodo destruído e ensolarado da torre, antes de voar novamente para longe, deixando o dragão antigo de Pendor cuidando dos jovens enquanto eles rastejavam da casca feito lagartos malditos.

O jovem dragão não deu resposta. Não era um dos grandes. Talvez tivesse o comprimento de um navio de quarenta remos e era esguio como um verme, apesar da

rocha caindo. E o mar cinzento fechou-se sobre ele. Dois dragões semelhantes ao primeiro levantaram voo na base da torre mais alta. Como o primeiro, eles voaram na direção de Ged, que atingiu ambos, derrubando-os e afogando-os. E ele nem tinha erguido o caiado de mago ainda. Após algum tempo ali, três dragões vieram da ilha. Um deles era muito maior, cuspindo chamas pela boca. Dois vieram

voando na direção do rapaz, agitando as

ançava, abrindo a boca comprida e cheia de dentes enquanto deslizava feito flecha no ar, de tal modo que tudo que Ged teve que fazer foi prender suas asas e patas, deixando-as bem rígidas, com um único feitico certeiro, e lancá-lo longe, mar adentro, como uma

envergadura das asas negras e membranosas. Ele não tinha crescido ainda, não tinha voz nem a malícia típica dos dragões. Foi direto para Ged e seu barquinho, que balasas, mas o grande voava em círculos, muito ligeiro, para queimar Ged e seu barco com seu hálito de fogo. Não havia feitiço de amarração que capturasse os três, pois dois vieram do norte e um do sul. No instante em que notou isso, Ged realizou um feitiço de transformação e, num piscar de olhos, levantou voo e, em forma de dragão, se afastou do barco.

Abrindo as grandes asas e mostrando

suas garras, ele enfrentou os dois dragões à frente, arrasando-os com fogo, e então voltou-se para o terceiro, que era maior do que ele e também estava armado com fogo. Girando no vento, sobre as ondas cinzentas, eles se atacaram, avançaram, se enfrentaram até que a fumaça se agitou a seu redor, avermelhada e iluminada pelo brilho ofuscante de suas bocas em chamas. No mesmo instante, Ged voou muito alto e o outro o perseguiu. No meio de seu voo, Ged-dragão elevou as asas, parou e se lançou como um gavião, com as garras esticadas para baixo, atingindo o outro e cravando-as em seu pescoço e flanco. As asas negras se agitaram e o sangue negro do dragão escorreu, em grossas gotas, mar adentro. O dragão de Pendor se libertou e voou baixo e lentamente, até a ilha, onde se escondeu, rastejando para dentro de algum poço ou uma caverna na cidade em ruínas.

Ged reassumiu sua forma e voltou ao barco, pois era muito perigoso permanecer em forma de dragão por mais tempo do que o necessário. Suas mãos estavam escuras do sangue escaldante do verme, e ele fora chamuscado perto da cabeça com fogo, mas isso não era uma preocupação agora. Ele aguardou somente até que tivesse seu fôlego de volta, e então gritou:

 Seis eu vi, cinco eu matei, nove foi o que me prometeram: apareçam, vermes!

Criatura nenhuma se moveu nem voz falou por um longo tempo na ilha. Ouviamcos mudou de forma, inchando de um dos lados, como se um braço nascesse nela. Ele temeu a magia dos dragões, pois dragões velhos são muito poderosos e astutos, e possuem uma feitiçaria que tem diferenças e semelhanças com a dos homens. Mas, um momento depois, descobriu que não se tratava do truque de um dragão, mas de seus próprios olhos. O que ele imaginara ser parte

da torre era o ombro do dragão de Pendor se

erguendo lentamente.

se apenas ondas quebrando na praia. Então Ged percebeu que a torre mais alta aos pou-

Quando ele se pôs a caminhar, a cabeça com escamas, coroada com pontas e uma língua tripla, ergueu-se acima da torre destruída; as patas dianteiras, com garras, se apoiaram nas ruínas da cidade abaixo. Suas escamas eram cinzentas e negras, captando a luz do dia como pedras quebradas. Ele era esguio como um cão e imenso como uma montanha. Ged olhou, perplexo. Não havia

canção nem história que pudesse preparar sua mente para essa visão. Ele quase se deixou capturar, pois olhou nos olhos do dragão e não se pode fazer isso. Ele desviou a cabeça do olhar verde que o observava e ergueu diante de si o cajado, que parecia agora uma farpa, um graveto.

— Oito filhos eu tive, pequeno mago —

falou a voz rouca do dragão. – Cinco morreram e um está morrendo: basta. Você não vai conquistar meu tesouro matando-os.

– Eu não quero seu tesouro.

A fumaça amarela sibilou das narinas do dragão: era a sua risada.

 Você não quer vir para terra firme e ver meu tesouro, pequeno mago? Vale a pena dar uma olhada.

– Não, dragão.

Os dragões têm parentesco com o vento e o fogo. Eles não ficam à vontade no mar. Até então, essa fora a vantagem de Ged, e ele estava determinado a mantê-la, mas a faixa de água do mar entre ele e as grandes garras cinzentas não parecia mais uma vantagem tão grande assim.

Era difícil não olhar para os olhos verdes e observadores.

Você é um mago muito jovem – falou o dragão.
Eu não sabia que homens tão jovens adquiriam poder.
O dragão falava, assim como Ged, na lín-

gua antiga, pois essa ainda era a língua dos dragões. Embora o uso da língua antiga prenda um homem à verdade, isso não vale para os dragões. Como é a sua própria língua, eles são capazes de mentir ao falar nela, distorcendo as palavras verdadeiras para finalidades falsas, capturando o ouvinte desatento num labirinto de palavras-espelho, cada uma delas refletindo a verdade, mas levando a lugar nenhum. Ged fora advertido sobre isso com frequência, e quando o dragão falava, ele escutava com atenção e um ouvido desconfiado, cheias de dúvidas. Mas as

- palavras pareciam simples e claras.

 Você veio até aqui pedir a minha ajuda, pequeno mago?
 - Não, dragão.
- Ainda assim eu poderia ajudá-lo. Você vai precisar de ajuda em breve, contra aquilo que o persegue na escuridão.

Ged ficou parado, mudo. O dragão continuou:

– O que é aquilo que o persegue? Diga o

- nome para mim.
- Se eu pudesse nomeá-lo... Ged se interrompeu.

Fumaça amarela voluteou acima da comprida cabeça do dragão, vinda das narinas que eram duas covas arredondadas de fogo.

– Se você pudesse nomeá-lo, talvez

pudesse dominá-lo, pequeno mago. Talvez eu possa lhe dizer seu nome, quando eu for capaz de observá-lo de perto. E logo, logo aquilo vai se aproximar se você continuar aqui, na minha ilha. Aquilo o segue, não se aproxime, você deve fugir, fugir daquilo sem parar. Porém aquilo vai seguir você. Gostaria de saber o nome dele? Ged ficou de pé e em silêncio mais uma

importa aonde vá. Se não quiser que aquilo

vez. Ele não fazia ideia de como o dragão sabia sobre a sombra que ele libertara nem como o dragão poderia saber o nome dela. O arquimago dissera que a sombra não tinha nome. Ainda assim, os dragões têm a própria sabedoria e são de uma raça mais antiga que a do homem.

Poucos humanos podem adivinhar o que

um dragão sabe e como sabe, e esses poucos são os senhores dos Dragões. Para Ged, somente uma coisa era certa: embora o dragão pudesse muito bem estar falando a verdade, apesar de haver a possibilidade de ele ser de fato capaz de dizer a Ged a natureza e o nome da sombra – e, portanto, lhe dar o poder sobre ela –, ele o fazia para seus próprios fins.

- É muito raro finalmente observou o jovem - um dragão oferecer um favor aos homens.
- Mas é muito comum falou o dragão os gatos brincarem com os ratos antes de matá-los.
- Eu não vim para brincar nem para que bringuem comigo. Vim para negociar com você.

Afiada e cinco vezes maior do que qualquer espada, a ponta da cauda do dragão arqueou-se para cima, como a de um escorpião, acima das costas encouraçadas, ultrapassando a torre. Secamente, ele retrucou:

- Eu não negocio. Eu pego o que quero. O que você tem a me oferecer que eu não possa tirar de você à força quando quiser?
- Segurança. A sua segurança. Jure que você nunca vai voar para leste de Pendor e eu juro que não vou machucá-lo.

O som de algo arranhando saiu da

garganta do dragão como o barulho de uma avalanche, pedras caindo entre as montanhas. O fogo dançava na língua partida em três. Ele se ergueu mais alto, crescendo acima das ruínas.

– Você me oferece segurança! Você está

- voce me oferece segurança: voce esta me ameaçando! Com o quê?

– Com seu nome, Yevaud.

A voz de Ged estremeceu ao dizer o nome do dragão, embora o tenha feito de modo claro e em voz alta. Ao ouvir aquilo, o velho dragão ficou imóvel, completamente imóvel. Um minuto se passou, e outro; e então Ged, de pé em seu pedaço de barco oscilante, sorriu. Ele decidira se aventurar nesta missão mortal com base numa suspeita que se originara de antigas histórias populares sobre o dragão de Roke, uma suspeita de que o dragão de Pendor era o mesmo que destruíra o oeste de Osskil nos dias de Elfarran e Morred e fora expulso de Osskil por um mago, Elt, conhecedor de nomes. A suspeita se mostrara correta.

– Estamos quites, Yevaud. Você tem a força; eu tenho o seu nome. Quer negociar?

O dragão não respondeu.

Durante muitos anos ele se espalhara na ilha onde peitorais dourados e esmeraldas jaziam entre poeira, tijolos e ossos; ele observara sua ninhada de lagartos escuros brincando entre casas desmoronadas, testando suas asas nos penhascos; dormira por muito tempo sob o sol, sem despertar ao ouvir uma voz ou o barulho das velas. Ele envelhecera. Agora era difícil se mover, encarar o rapaz mago, o inimigo frágil, diante do qual, ao vero cajado, Yevaud, o velho dragão, recuou.

- Você pode escolher nove pedras preciosas do meu tesouro disse ele finalmente, sua voz sibilante e lamentosa em sua boca comprida.
 A melhor parte: você fica com o que escolher. Então vá!
 - Não quero suas pedras, Yevaud.
 - Não quero suas pedras, revaud.
 Aonde foi parar a ambição dos

sei a única coisa que pode salvá-lo. Um horror o persegue. Vou lhe dizer o nome dele. O coração de Ged pulou dentro dele e o rapaz apertou seu cajado com força, de pé e imóvel como o dragão se encontrava. Ele lutou um momento com uma esperança repentina, surpreendente. Não era pela própria vida que ele estava negociando. Um poder (e somente um) era o

que poderia lhe dar domínio sobre o dragão. Ele deixou a esperança de lado e fez o que

homens? Eles adoravam pedras brilhantes antigamente, no Norte... Eu sei o que você quer, mago. Eu também posso lhe oferecer segurança, pois sei o que pode salvá-lo. Eu

precisava fazer. Não é isso que estou pedindo, Yevaud. Quando ele falava o nome do dragão era

como se segurasse a imensa criatura com uma coleira fina e frágil, apertando seu pescoço. Ele podia sentir a antiga malícia e a experiência dos homens no olhar do dragão

que repousava sobre ele, ele podia sentir as garras de aço, longas como o antebraço de um homem, e o couro duro como pedra, além do fogo devastador que se esgueira da garganta do dragão: e ainda assim a coleira sempre apertando. - Yevaud! Jure pelo seu nome que você e

seus filhos nunca irão ao Arquipélago. Chamas irromperam subitamente, bril-

hantes e barulhentas, da boca do dragão, e ele gritou: – Eu juro pelo meu nome!

O silêncio desceu sobre a ilha e então Yevaud baixou a grande cabeça.

Quando voltou a erguê-la e olhou, o feiticeiro já tinha ido, a vela do barco um ponto branco nas ondas a leste, dirigindo-se para as ilhas decoradas de joias dos mares interiores. Então, em sua ira, o velho Dragão de Pendor se ergueu, quebrando a torre com as contorções do corpo e batendo as asas que se estendiam por toda a largura da cidade em

ruínas. Mas seu juramento o detinha, e ele não voou para o Arquipélago nem dessa vez, nem nunca mais.

Capítulo 6

Caçado

A ssim que Pendor desapareceu sob a linha do horizonte atrás dele, Ged olhou para o leste e sentiu medo de a sombra invadir mais uma vez seu coração. Era difícil trocar o perigo brilhante dos dragões por aquele horror sem forma e sem esperança. Ele deixou o vento mágico diminuir e navegou com o vento comum, pois não desejava velocidade agora. Ged nem sequer tinha um plano claro do que deveria fazer. Ele devia fugir, como o dragão dissera;

mas para onde? Para Roke, pensou, pois ali, pelo menos, estaria protegido e poderia receber conselhos dos sábios. No entanto, primeiro, ele teve que ir a

Baixa Torninga mais uma vez contar sua história aos habitantes da ilha. Quando se espalhou a notícia de que ele retornara cinco dias depois de sua partida, metade dos habitantes da comunidade veio remando e correndo amontoar-se à sua volta, observá-lo e ouvi-lo. Ele contou sua história, e um homem quis saber:

- Mas ninguém viu esses espantosos dragões mortos e dragões domesticados... E se ele...?
- Quieto! falou abruptamente o líder dos habitantes da ilha, pois sabia, assim como a maioria das pessoas, que um mago pode ter meios sutis de contar a verdade e pode até mantê-la para si mesmo, mas que, se ele diz uma coisa, essa coisa é como ele diz.

medo havia sido destruído e se puseram a comemorar. Cercaram o jovem mago e pediram que contasse a história várias vezes. Mais habitantes da ilha vieram e pediram que a contasse novamente. Ao anoitecer, ele iá não precisava mais contá-la. Os outros podiam fazer isso por ele – e melhor. Logo os cantores da aldeia a adaptaram a uma melodia antiga e começaram a cantar a Canção do Gavião. Acenderam-se fogueiras não apenas nas ilhas de Baixa Torninga, mas em comunidades ao sul e a leste. Pescadores contavam as novidades aos berros, de barco em barco e de ilha em ilha: o mal havia sido evitado, os dragões nunca viriam de Pendor! Aquela noite – aquela única noite – foi de alegria para Ged. Sombra nenhuma poderia se aproximar dele em meio à claridade das fogueiras em agradecimento que ardiam em

cada morro e praia, através dos círculos de

Esse é o poder dos magos. Então eles se maravilharam e começaram a sentir que seu dançarinos risonhos que giravam a seu redor, cantando-lhe louvores, balançando suas tochas na noite tempestuosa de outono, de tal modo que centelhas se elevaram, densas, brilhantes e breves, acima do vento. No dia seguinte, ele se encontrou com

Pechvarry, que observou:

– Eu não sabia que era tão poderoso, meu senhor.

Havia medo em sua voz, pois ele tinha ousado fazer amizade com Ged, mas também havia reprovação. Ged não salvara um menininho, embora tivesse matado dragões.

Depois disso, Ged sentiu novamente a inquietação e a impaciência que o tinham levado a Pendor e o fizeram sair de Baixa Torninga. No dia seguinte, embora eles estivessem dispostos a mantê-lo ali pelo resto de sua vida, elogiando-o e admirando-o, ele deixou a casa do morro, sem bagagem além de seus livros, o cajado e o otak empoleirado em seu ombro. os canais das Noventa Ilhas, sob as janelas e varandas das casas que davam para a água, além dos píeres de Nesh, das pastagens chuvosas de Dromgan, dos fedorentos barracões de Geath, a notícia de seus feitos se antecipara a ele. As pessoas assobiavam a *Canção do Gavião* quando ele passava e brigavam para fazê-lo pernoitar em sua casa e contar sua história sobre os dragões. Quando finalmente ele chegou a Serd, o capitão do navio a quem ele pediu passagem até

Ele partiu num barco a remo com uma dupla de jovens pescadores de Baixa Torninga que queriam a honra de ser seus barqueiros. Sempre que eles seguiam remando entre as embarcações que coroavam

Então Ged deu as costas às Noventa Ilhas; mas assim que o navio dobrou o porto Interior de Serd e levantou a vela, um vento

– É um privilégio para mim, senhor

Roke fez uma mesura ao responder:

mago, e uma honra para o meu navio!

tranho, pois o céu invernal estava claro e o clima parecia ameno naguela manhã. De Serd a Roke, eram apenas 48 quilômetros, e eles seguiram navegando. O pequeno barco, como a maior parte dos barcos de mercadores do mar Interior, trazia a vela alta que serve para capturar o vento, e o capitão era um marinheiro habilidoso, orgulhoso de sua capacidade. Então indo ora para o norte ora para o sul eles rumaram para leste. Nuvens e chuva vieram com o vento, que mudava de direção e se inclinava com tanta força que o perigo de naufrágio era considerável.

se aproximou, forte, vindo do leste. Era es-

- Senhor Gavião - falou o capitão do navio ao jovem, que estava a seu lado, em lugar de honra na popa, embora pouca dignidade pudesse ser resguardada debaixo daquele vento e da chuva que molhava todos até os ossos através das capas encharcadas -, você poderia dizer, quem sabe, uma palavra a este

- vento?
 Estamos perto de Roke?
- Lá percorremos poucos
- Já percorremos pouco mais da metade do caminho. Mas nesta última hora não fizemos nenhum avanço, senhor.

Ged falou com o vento, que soprou com menos força; durante algum tempo, a tripulação seguiu bem. Então, de repente, grandes rajadas vieram soprando do sul e encontraram novamente aquelas que eles tinham deixado para trás a oeste. As nuvens se romperam e fervilharam no céu, e o capitão do navio berrou, cheio de raiva:

 Este temporal de loucos sopra por todos os lados de uma vez! Somente um vento mágico vai nos tirar deste tempo, senhor!

Ged pareceu melancólico ao ouvir isso, mas o navio e seus homens estavam em perigo por causa dele, então ele levantou o vento mágico em sua vela. Finalmente, o barco começou a navegar direto para o leste, e o capitão voltou a ficar animado. No mantivesse o feitiço, o vento mágico foi se reduzindo, ficando mais fraco, até o navio parecer pairar, imóvel, sobre as ondas por um minuto, com a vela caída, em meio a todo o tumulto de chuva e vento. Então, com um estalido o mastro veio girando e o navio saltou e se lançou para o norte, feito um gato assustado.

entanto, pouco a pouco, embora Ged

Ged, agarrando-se, pois o barco quase virou de lado. O homem esbravejou e gritou que não

Volte para Serd, capitão! - ordenou

O homem esbravejou e gritou que não faria isso:

– Um mago a bordo, e eu, o melhor marinheiro daqui, com o navio mais fácil de manejar... Voltar?

Então, o navio virou novamente quase como se um redemoinho tivesse pego a quilha do barco. Ele também teve que se segurar para permanecer a bordo, e Ged lhe disse:

- Deixe-me em Serd e navegue aonde quiser. Este vento não está soprando contra seu navio, mas contra mim.
 Contra você, um mago de Roke?
- Você nunca ouviu falar do vento de
- voce nunca ouviu faiar do vento de Roke, capitão?
- Sim, ele mantém os poderes malignos longe da ilha dos Sábios, mas o que isso tem a ver com você, um domador de dragões?
- Isso é entre mim e a minha sombra respondeu Ged rapidamente, como faz um mago; e ele não disse mais uma única palavra enquanto seguiam com velocidade e vento constantes, debaixo de céu claro, de volta para o mar de Serd.

Havia um peso e um temor em seu coração quando ele subiu as docas de Serd. Os dias ficavam cada vez mais curtos com a proximidade do inverno e o crepúsculo chegou cedo. Com o anoitecer, a inquietação de Ged sempre aumentava, e agora dobrar uma esquina parecia-lhe uma ameaça, e ele

tinha que se esforçar para não ficar olhando para trás, por cima do ombro, procurando algo. Ele foi à Taberna do Mar de Serd, onde viajantes e mercadores comiam juntos as boas refeições proporcionadas pela comunidade e podiam dormir no salão comprido e cheio de vigas, como dita a hospitalidade das prósperas ilhas no mar Interior.

Ele guardou um pouco de carne do jantar e, mais tarde, ao lado da fogueira, convenceu o otak a sair da dobra de seu capuz, onde ele se encolhera durante todo o dia, tentando fazê-lo comer. Afagou-o e murmurou para ele:

- Hoeg, hoeg, pequenino, caladinho...

Mas o animalzinho não comeu e se esgueirou para dentro do bolso de Ged para se esconder. Por causa disso – pela própria insegurança e pela aparência da escuridão nos cantos do grande cômodo -, ele sabia que a sombra não estava muito distante.

Ninguém no lugar o conhecia: eram

viajantes de outras ilhas que nunca tinham ouvido a Canção do Gavião. Ninguém falou com ele. Ele finalmente escolheu um estrado e se deitou, mas durante toda a noite permaneceu de olhos abertos, no salão cheio de vigas, em meio a estranhos adormecidos. A noite inteira ele tentou escolher seu caminho, planejar aonde iria, o que faria: mas cada escolha, cada plano trazia uma antecipação de desgraça. Em cada caminho que ele poderia percorrer estava a sombra. Somente Roke estava livre dela, mas ele não podia ir para lá, proibido pelos feitiços antigos que mantinham a segurança da perigosa ilha. O fato de o vento de Roke estar se rebelando contra ele era prova de que a criatura que o caçava devia estar muito perto agora.

Aquela criatura não tinha corpo, era cega à luz do sol, uma criatura de um reino sem luz, um não lugar, atemporal. Ela devia segui-lo ao longo do dia, cruzando os mares na escuridão. A criatura ainda não tinha substância nem ser sobre o qual a luz do sol brilhasse; e então, canta-se nos *Feitos de Hode*: "A aurora faz a terra e o mar, das sombras produz a forma, conduzindo os sonhos para o reino da escuridão." Mas, se alguma vez a sombra alcançasse Ged, poderia sugar seu poder e retirar dele o próprio peso, o calor e a vida, além da vontade que o movia.

Essa era a maldição que ele vislumbrava em todos os caminhas. E ale achia que no

do mundo iluminado pelo sol, e podia assumir forma visível somente em sonhos ou

em todos os caminhos. E ele sabia que poderia ser atraído por astúcia para essa desgraça, pois a sombra, como sempre mais forte ao ficar perto dele, poderia agora ter força suficiente para colocar poderes malignos – ou homens malignos – a seu serviço, mostrando a Ged falsas maldições ou falando com ele na voz de um estranho. Até onde ele sabia, a criatura estava à espreita em um dos homens que dormia neste ou naquele canto

do salão cheio de vigas da Taberna do Mar à noite, a criatura das trevas que se esgueirava, encontrando um apoio em uma alma sombria ali, esperava, observava Ged e, mesmo agora, se alimentava de sua fraqueza, de sua incerteza, de seu medo.

Era muito mais do que ele podia supor-

tar. Ele devia confiar na sorte e correr para onde o acaso o levasse. Ele se levantou ao primeiro sinal do amanhecer e partiu apressadamente sob o brilho diminuto das estrelas até as docas de Serd, decidido a pegar o primeiro navio que o aceitasse. Uma galé estava carregando óleo de turbina; devia partir ao pôr do sol e se dirigir ao Grande Porto de Havnor. Ged pediu uma passagem ao capitão. O cajado de um mago é passaporte e pagamento na maioria das embarcações. Eles o levaram a bordo de boa vontade, e uma hora depois o barco partiu. O espírito de Ged se elevou quando os quarenta remos longos se ergueram e a batida do música vivaz para ele. E ainda assim ele não sabia o que faria em Havnor ou para onde iria depois de lá. O norte era tão bom quanto qualquer direção.

tambor que mantinha o ritmo criou uma

Ele mesmo vinha do norte; talvez encontrasse um navio para levá-lo de Havnor até Gont, e ele poderia reencontrar Ogion. Ou poderia encontrar algum navio partindo para

além dos domínios, tão longe que a sombra

perderia seu rastro e abandonaria a caçada. Além dessas vagas ideias, não havia plano em sua mente, e ele não via um único curso que devesse seguir. Ele devia apenas fugir...

Aqueles quarenta remos levaram o navio por cerca de 240 quilômetros de mar invernal antes do pôr do sol do segundo dia desde que haviam saído de Serd. Eles chegaram ao porto em Orrimy, na praia leste da grande região de Host, pois essas galés mercantis do mar Interior se mantêm no litoral e passam a noite atracadas sempre que podem. Ged foi a terra firme, pois ainda estava de dia, e perambulou pelas ruas íngremes da cidade portuária, sem objetivo e tristonho. Orrimy é uma cidade antiga, construída

sobretudo de pedras e tijolos, murada contra os senhores fora da lei do interior da ilha de Hosk; os armazéns nas docas são como fortes e as casas dos mercadores são fortificadas, com torres. Ainda assim, para Ged, que perambulava pelas ruas, aquelas mansões grandiosas pareciam véus, atrás dos quais se escondia a escuridão vazia; e pessoas que passavam por ele, concentradas em seus negócios, não lhe pareciam reais, mas sombras mudas de homens. À medida que o sol ia se pondo, ele desceu novamente para as docas e, mesmo ali, em plena luz vermelha, com o vento do anoitecer, mar e terra, assim como ele, pareciam obscurecidos silenciosos.

Aonde vai, senhor mago?

de trás.

Virando-se, ele viu um homem vestido de cinza, que portava um cajado de pesada madeira que não era de mago. O rosto do estrangeiro estava oculto por seu capuz mas

cumprimentou-o alguém subitamente, vindo

madeira que não era de mago. O rosto do estrangeiro estava oculto por seu capuz, mas Ged sentiu que os olhos que não via encontraram os dele. Dando alguns passos para trás, ele ergueu o próprio cajado de teixo entre ele e o estranho.

Com uma voz delicada, o homem perguntou:

- Do que tem medo?
- Daquilo que me persegue.
- E daí? Eu não sou a sua sombra.

Ged parou em silêncio e soube que, de fato, esse homem, não importava o que fosse, não devia ser temido: ele não era uma sombra, um fantasma nem uma criaturagebbeth. Em meio ao silêncio seco e à obscuridade que descera sobre o mundo, ele

manteve a voz inalterada e um pouco de

solidez. Agora puxara o capuz para trás. Tinha uma cabeça calva, estranha, costurada, um rosto cheio de linhas. Embora sua voz não denunciasse isto, ele parecia ser um velho.

– Eu não o conheço – falou o homem de cinza –, embora acredite que não nos encontramos por acaso. Eu ouvi uma história sobre um jovem, um homem cheio de cicatrizes, que, através da escuridão, conquistou um grande domínio. Eu não sei se é a sua história, mas vou lhe dizer: vá até a corte da Terrenon se precisa de uma espada para lutar contra as sombras. Um cajado de teixo não vai ser suficiente.

Esperança e desconfiança lutavam na mente de Ged enquanto ele ouvia com atenção. Um homem da magia rapidamente aprende que poucos encontros são casuais – para o bem ou para o mal.

– Em qual região fica a corte da Terrenon? – Em Osskil.

Ao ouvir aquele nome, Ged viu sobre a relva verde, por um instante, graças a um truque da memória, um corvo negro que erguia o olhar para ele de esguelha, com um olho que parecia pedra polida e falava; mas as palavras foram esquecidas.

 Aquela região tem um nome sombrio – disse Ged, sempre encarando o sujeito de cinza, tentando avaliar o tipo de homem que ele era.

Seus trejeitos indicavam que poderia ser um feiticeiro, um mago até; ainda assim, por mais ousado que parecesse ao falar com Ged, havia uma estranha expressão de derrota nele, quase a aparência de um enfermo, prisioneiro ou escravo.

- Você vem de Roke respondeu ele. –
 Os magos de Roke dão um nome sombrio às feitiçarias diferentes das deles.
 - Que tipo de homem é você?
 - Um viajante, um comerciante de Osskil.

Estou aqui a negócios – falou o homem de cinza.

Quando o jovem Ged parou de fazer perguntas, o homem lhe desejou uma boa noite falando baixinho e partiu pelas ruas íngremes e estreitas acima do cais.

Ged se virou, hesitante, pensando se devia prestar atenção àquele sinal ou não, e fitou o norte. A luz avermelhada desaparecia rapidamente dos morros e do mar. O crepúsculo cinzento chegava e, em seu rastro, a noite.

Ged subitamente decidiu e se apressou ao longo do cais até alcançar um pescador que dobrava as redes:

- O senhor sabe de algum navio neste porto que vá para o norte... para Semel ou as Enlades?
- Aquela galera ali, de Osskil, talvez pare nas Enlades.

Com a mesma pressa, Ged seguiu até o grande navio que o pescador apontara, uma galera de sessenta remos, estreita como uma cobra, com a proa entalhada e incrustada com discos de concha de loto, as escotilhas pintadas de vermelho, com a runa Sifl traçada em cada uma delas, em preto. Parecia um navio sombrio e ligeiro, disposto a lançar-se ao mar, com toda a tripulação a bordo. Ged foi atrás do capitão do navio e pediu que o homem lhe desse uma passagem para Osskil. – Você pode pagar?

- Tenho alguma habilidade com ventos.
- Eu também sou fazedor de chuva. Você tem algo a oferecer? Dinheiro?

Em Baixa Torninga, os habitantes pagaram Ged da melhor maneira que puderam com peças de chifre usadas pelos comerciantes no Arquipélago; ele pegara somente dez peças, embora quisessem lhe dar mais. Ele as mostrou ao osskiliano, mas o outro balançou a cabeça.

Não usamos essas peças. Se não tem

- como pagar, não tenho lugar a bordo para você.
- Você precisa de braços? Eu já remei numa galé.
- Sim, estamos com dois homens a menos. Encontre o seu assento então – falou o capitão do navio e não lhe deu mais atenção.

Então, pousando o cajado e a bolsa de livros debaixo do banco dos remadores, Ged foi, durante dez amargos dias de inverno, um remador daquele navio do norte. Eles partiram de Orrimy de manhã bem cedo e, naquele dia, Ged pensou que não conseguiria prosseguir com o trabalho. Seu braço esquerdo estava, de certa forma, enfraquecido pelas antigas feridas, e as remadas nos canais nas proximidades de Baixa Torninga não o tinham treinado para o incansável movimento do longo remo da galera ao som das batidas do tambor.

Cada turno nos remos durava duas ou

três horas, quando outro grupo de remadores assumia os bancos, mas o tempo de descanso parecia suficiente somente para todos os músculos de Ged enrijecerem, e então já estava na hora de voltar aos remos. O segundo dia foi pior, mas depois disso ele se acostumou com o trabalho e prosseguiu muito bem.

Não havia nada parecido com a camarad-

agem entre os membros da tripulação que ele encontrara a bordo do Sombra em sua primeira ida a Roke. Os marinheiros dos navios das Andrades e de Gont são parceiros comerciais, colaboram para o lucro comum, enquanto os mercadores de Osskil usam escravos e servos ou contratam homens para remar, pagando-os com pequenas moedas de ouro. Ouro é algo valioso ali. Mas não é uma fonte de camaradagem ali ou entre os dragões, que também adoram ouro. Como metade da tripulação era de servos, forçados a trabalhar, os oficiais do navio eram baixavam seus chicotes nas costas de um remador que trabalhasse para pagar a passagem, mas não há muita solidariedade numa tripulação na qual alguns são acoitados e outros não. Os companheiros de Ged pouco conversavam uns com os outros - e menos ainda com ele. Eram em sua maioria homens de Osskil, que não falavam a língua hárdica, mas um dialeto próprio. Eram homens severos, com pele pálida, bigodes pretos caídos e cabelos compridos. Kelub, o vermelho, era o modo como eles se referiam a Ged. Embora soubessem que era um mago, não lhe demonstravam nenhuma consideração, apenas um tipo de cautela maliciosa. E ele mesmo não estava com nenhuma vontade de fazer amigos. Mesmo em seu banco, envolvido pelo ritmo poderoso das remadas, um entre sessenta remadores num barco navegando velozmente sobre mares cinzentos, ele se sentia exposto, indefeso. Quando

senhores de escravos grosseirões. Eles nunca

capa para dormir, tinha sonhos malignos, de que ele não conseguia se lembrar ao acordar, embora parecessem pender sobre o navio e seus homens, de tal modo que ele desconfiava de todo mundo.

Todos os homens livres de Osskil carregavam uma faca comprida presa à cintura. Um dia, num intervalo de turno, enquanto compartilhavam o almoço, um desses ho-

chegavam a portos estrangeiros no cair da noite e ele, esgotado, se enrolava em sua

- Você é escravo ou perjuro, Kelub?
- Nem uma coisa nem outra.

mens perguntou a Ged:

- Por que não tem faca, então? Medo de lutar? – perguntou o homem, Skiorh, em tom de zombaria.
 - Não.
 - Seu cãozinho luta por você?
- Otak falou outro homem, que ouvia com atenção. – Não é um cão, é um otak – e falou alguma coisa na língua de Osskil que

fez Skiorh olhar de cara feia e dar meia-volta, afastando-se. Nem bem ele se virou, Ged notou uma

mudança em sua face, um movimento de suas feições, como se, por um momento, alguma coisa o transformasse, o usasse, olhasse de esguelha através de seus olhos para Ged. Ainda assim, no instante seguinte, Ged o viu de frente, e ele parecia o homem de sempre. Por isso, tentou se persuadir de que o que vira era o próprio medo, o próprio temor refletido nos olhos do outro. Mas, naquela noite, quando ancoraram em Esen, ele sonhou, e Skiorh estava em seu sonho. Depois disso, o mago evitou o homem o máximo que pôde. A ele também parecia que o outro se mantinha longe, e mais nenhuma palavra foi trocada entre eles.

As montanhas coroadas com neve de Havnor mergulharam atrás deles ao sul, borradas pela névoa do início de inverno. Eles seguiram remando até a boca do mar de Éa, acima de sua baía, no oeste das Enlades, assombradas por mitos. Em todos os portos a que chegaram, os tripulantes foram mantidos no navio e não puseram os pés em terra firme. Então, à medida que um sol vermelho se erguia, eles remavam no mar de Osskil na direção dos ventos do norte que sopravam livremente na vastidão sem ilhas do domínio do Norte. Através daquele mar amargo, eles entregaram sua carga intacta, indo, no segundo dia, de Berila para o porto em Neshum, a cidade mercantil da região leste de Osskil. Ged viu um litoral baixo açoitado pelo vento chuvoso, uma cidade cinzenta, escondida atrás dos compridos quebra-mares de

pedra que constituíam seu porto, com morros sem árvores debaixo de um céu escurecido pela neve. Eles tinham ido além da luz

onde muito tempo atrás Elfarran se afogou, além das Enlades. Passaram dois dias no porto de Berila, a Cidade de Marfim, branca solar do mar Interior. Homens da guilda dos mares de Neshum

subiram a bordo para descarregar a mercadoria: ouro, prata, joias, sedas finas e tapeçarias. Eram os bens preciosos que os Senhores de Osskil acumulavam. Os homens livres da tripulação foram dispensados. Ged parou um deles para perguntar o caminho; até ali a desconfiança que ele sentia de todos evitara que lhes dissesse aonde se dirigia, mas agora, de pé e sozinho numa terra estranha, tinha que pedir orientações. O homem seguiu em frente impacientemente dizendo que não conhecia o local, mas Skiorh, ouvindo, falou:

 A corte da Terrenon? Nas charnecas de Keksemt. Eu vou por essa estrada.

Skiorh não era a companhia que Ged escolheria, mas, sem conhecer o idioma nem o caminho, eram poucas as opções. Nem importava tanto assim, pensou Ged; ele mesmo não escolhera ir até ali. Fora conduzido e

agora continuava a ser. Puxou o capuz por cima da cabeça, pegou o cajado e a bolsa e acompanhou o osskiliano através das ruas da cidade e das subidas nos morros cheios de neve. O pequeno otak não estava em seu ombro, mas escondido no bolso da túnica de couro de ovelha, debaixo de sua capa, como costumava fazer no frio. Os morros se estendiam por charnecas sombrias até onde a vista alcançava. Eles caminharam em silêncio, e o silêncio do inverno desceu sobre toda a região.

de caminharem alguns quilômetros, sem enxergar aldeia ou sítio em direção nenhuma e pensando que não havia comida. Skiorh virou a cabeça por um momento,

- Falta muito? - perguntou Ged depois

Skiorh virou a cabeça por um momento, puxando o próprio capuz, e falou:

Não muito.

Era um rosto feio, pálido, grosseirão e cruel, mas Ged não temia homem nenhum, embora pudesse temer o local aonde um neve fina e arbustos sem folhas. De tempos em tempos, outras trilhas a cruzavam ou se ramificavam. Agora que a fumaça das chaminés de Neshum estava oculta atrás dos morros na tarde que escurecia, não havia sinal do caminho que eles deveriam seguir ou que haviam percorrido. Somente o vento soprava sempre do leste. E quando eles já caminhavam havia muitas horas, Ged pensou ter visto, muito longe, nos morros a noroeste, para onde eles se encaminhavam, um arranhão minúsculo contra o céu, como um dente branco. Mas a luz do dia curto estava diminuindo e na subida seguinte da estrada ele não foi capaz de distinguir a coisa, torre, árvore ou o que quer que fosse, mais claramente do que antes. Vamos até lá? – perguntou apontando.

homem o conduzia. Ele acenou com a cabeça e os dois prosseguiram. A estrada era apenas uma cicatriz em meio ao descampado de desgaste longo de dias e noites difíceis no navio. Ele estava com a sensação de que tinha caminhado uma eternidade e que andaria para sempre ao lado desse ser silencioso, numa região silenciosa, que escurecia. Cautela e intenção estavam embotadas nele. Ged caminhava num sonho muito longo e não ia a lugar nenhum. O otak se remexeu em seu bolso, e um temor pequeno e vago também despertou em sua mente. Ele se obrigou a falar: - A noite e a neve estão próximas. Falta

Após uma pausa, o outro respondeu, sem

muito, Skiorh?

Não muito.

se virar:

Skiorh não respondeu, mas seguiu caminhando com dificuldade, enrolado na capa grosseira com o capuz pontudo de pelos, típico de Osskil. Eles tinham caminhado muito, e Ged seguia a seu lado, sonolento por causa do passo constante na caminhada e do

Mas sua voz não soou como a de um homem, mas a de um animal, rouca e sem lábios, que tenta falar.

Ged parou. A seu redor, morros vazios se estendiam sob a tardia luz do crepúsculo. Neve escassa girava num pequeno torvelinho.

– Skiorh! – chamou ele.
O outro se deteve e deu meia-volta. Não

havia rosto debaixo do capuz pontudo.

Antes que Ged pudesse falar um feitiço

ou reunir suas forças, o gebbeth falou e chamou em sua voz grossa:

— Ged!

– Ged! Então o jovem não conseguiu realizar a

transformação, pois estava preso no próprio ser. Teria que enfrentar indefeso o gebbeth. Também não conseguiria chamar ajuda nessa região estranha, onde nada lhe era conhecido e ninguém atenderia ao seu chamado. Ele estava ali, sozinho, sem mais nada entre ele e o inimigo além do cajado de teixo na mão direita. A criatura que havia devorado a mente de

Skiorh e possuía sua carne fez o corpo dar um passo na direção de Ged estendendo seus braços para ele. Uma onda de horror invadiu o rapaz, e ele girou o cajado e o fez bater no capuz que ocultava a face da sombra. Capuz e capa caíram com o violento golpe, como se neles não houvesse nada além de vento, e então, contorcendo-se e agitando-se, voltaram a se erguer. O corpo de um gebbeth fora esvaziado da verdadeira substância e se assemelhava a uma concha ou vapor na forma de homem, carne irreal cobrindo a sombra real. Contorcendo-se e ondulando como se fosse soprada ao vento, a sombra abriu seus braços e foi até Ged, tentando agarrá-lo como havia feito no monte de Roke. Se conseguisse, jogaria fora o invólucro de Skiorh e entraria em Ged, devorando-o de dentro para fora,

apropriando-se dele, que era tudo que a

criatura desejava. Ged o golpeou novamente com seu cajado fumegante enquanto a criatura avançava, depois tentou mais uma vez, mas então deixou cair o cajado, que ardia, queimando sua mão. Ele recuou no mesmo instante e correu.

O gebbeth o seguiu. Ficava a um passo dele, incapaz de alcançá-lo e, no entanto, sem se distanciar. Ged não olhou para trás. Correu e correu, através da região vasta e crepuscular, onde não havia lugar para se esconder. O gebbeth, em seu assobio rouco, chamou-o pelo nome outra vez e, embora isso retirasse seus poderes de mago, não tinha poder sobre a resistência de seu corpo e não era capaz de fazê-lo parar.

A noite se adensou ao redor do caçador e

da presa, a neve soprou, fina, ao longo da trilha que Ged não podia mais enxergar. A pulsação latejava em seus olhos, a respiração ardia em sua garganta, ele não estava realmente correndo, mas tropeçando e

alcançá-lo, ficando sempre um pouco atrás. Ele começara a murmurar e resmungar para o rapaz, chamando-o, e ele sabia que durante toda a vida aquele sussurro estivera em seus ouvidos, pouco abaixo do limiar da audição, mas agora ele podia ouvi-lo, e ele tinha que desistir, ceder, parar. Ainda assim ele seguia se esforçando, lutando contra essa longa e sombria vontade. Pensou ter notado luz em alguma parte diante de si, e acreditou ter ouvido uma voz à sua frente, em algum lugar

cambaleando à frente: ainda assim o incansável perseguidor não parecia capaz de

acima dele, chamando:
– Venha! Venha!

Ele tentou responder, mas não tinha voz. A luz pálida ficou mais forte e brilhou através de um estreito portão à sua frente: ele não conseguia ver os muros, mas enxergou o portão. Ged parou diante daquela visão, e o gebbeth agarrou sua capa, repuxando as laterais para tentar segurá-lo por trás. Com

virar para fechá-la atrás de si contra o gebbeth, mas suas pernas não o sustentaram. Ele cambaleou, esticando a mão em busca de apoio. Luzes surgiram no ar e piscaram em seus olhos. Ele sentiu que estava caindo e, mesmo assim, que fora amparado; mas sua mente, completamente exaurida, deslizou rumo à escuridão.

as últimas forças, o mago mergulhou através daquela porta de brilho débil. Ele tentou se

Capítulo 7

O voo do Gavião

ed acordou e, por um longo tempo, ficou deitado, ciente apenas de que era muito bom estar desperto, pois não imaginara voltar a acordar e ver a luz, a ampla e simples luz do dia a seu redor. Era como se estivesse flutuando naquela luminosidade ou à deriva num barco em águas muito calmas. Finalmente, percebeu que estava na cama, mas não uma na qual já tivesse dormido. Ela se encontrava numa estrutura sustentada por quatro compridas pernas

de seda cheios de penas, razão pela qual ele tinha a sensação de estar flutuando. Acima de toda essa estrutura, havia um toldo escarlate. Dos dois lados, a cortina estava puxada, e Ged viu um quarto com paredes e assoalho de pedra. Através de três janelas altas, ele viu a charneca, nua e marrom, com neve aqui e ali, sob a suave luz do sol de inverno. O cômodo devia estar bem acima do solo, pois dava para uma grande vista da região.

Uma coberta de cetim deslizou para o

entalhadas e os colchões eram grandes sacos

lado enquanto Ged se sentava, e ele notou que estava vestido com uma túnica de seda e prata, como um senhor. Numa cadeira ao lado da cama, botas de couro e uma capa forrada com pelo de pellawi estavam dispostas para ele. Ele ficou sentado por algum tempo, calmo e apático, como se estivesse sob um encantamento, e então se pôs de pé, esticando a mão para pegar seu cajado. Mas não havia cajado.

Sua mão direita estava queimada na palma e nos dedos, mas haviam passado bálsamo e a enfaixado. Agora ele sentia a dor do ferimento e o corpo todo dolorido. Ele ficou de pé, sem se mover durante al-

gum tempo. Então, murmurou, não muito alto nem com esperança:

- Hoeg... hoeg...

Pois a pequena e leal criatura também se fora, a pequena alma silenciosa que um dia o conduzira de volta do reino da morte. Será que estava com ele na noite anterior quando ele fugira? Será que fora a noite passada ou muitas noites atrás? Ele não sabia. Tudo estava embotado e obscuro em sua mente: o gebbeth, o cajado ardente, a corrida, o murmúrio, o portão. Nada disso voltava a ele claramente. Nem mesmo agora. Ele murmurou o nome do bichinho de estimação mais uma vez, sem esperança de resposta, e lágrimas surgiram em seus olhos.

Um pequeno sino tocou em algum lugar

dele, do outro lado do cômodo, e uma mulher entrou:

— Bem-vindo, Gavião — falou ela, sorrindo.

Ela era jovem e alta, vestida de branco e prata, com uma rede de prata coroando seus

ao longe. Um segundo sino retiniu do lado de fora de seu quarto. Uma porta se abriu atrás

cata de água negra. Tenso, Ged fez uma mesura.

cabelos, que desciam, lisos, como uma cas-

- Você não se lembra de mim, acredito.
- Lembrar, senhora?

Ele nunca vira uma mulher que pudesse se comparar à beleza dela, a não ser uma vez em sua vida: Senhora de O, que tinha ido com seu senhor ao festival em Roke. Ela era uma chama leve e vivaz, mas a mulher diante de si era como a lua nova e branca.

Pensei mesmo que você não lembraria
 falou, sorrindo.
 Mas por mais esquecido
 que você seja, é bem-vindo aqui como um

- velho amigo.

 Que lugar é este? indagou Ged, falando lentamente e com dificuldade.
- Ele achou difícil falar com ela e difícil desviar o olhar dela. As roupas principescas que ele vestia lhe eram estranhas, as pedras nas quais se encontrava, pouco familiares, o próprio ar que respirava lhe era desconhecido; ele não era ele mesmo, não era quem ele sempre tinha sido.
- Esta fortaleza se chama corte da Terrenon. O meu senhor, Benderesk, é o soberano desta região, das Charnecas de Keksemt ao norte até os montes de Os, e o guardião da pedra preciosa, a Terrenon. Quanto a mim, aqui em Osskil me chamam Serret, Prata, em sua língua. E você, eu sei, algumas vezes é chamado de Gavião e se tornou mago na ilha dos Sábios.
- Eu não sei quem sou. Antigamente,
 tinha poder, mas acho que o perdi disse
 Ged, baixando os olhos para a mão

queimada.

– Não! Você não o perdeu, ou só o perdeu

para ganhá-lo de volta dez vezes mais forte. Você está a salvo do que o trouxe até aqui, meu amigo. Há muros poderosos ao redor desta torre e nem todos são feitos de pedra. Aqui você pode descansar e recuperar as suas forças, além de encontrar uma força diferente e um cajado que não queimará até virar cinzas em sua mão. Um caminho ruim pode levá-lo a um bom fim, afinal. Agora venha comigo, deixe-me mostrar nosso domínio.

Ela falava com tanta delicadeza que Ged mal ouvia, movido apenas pela promessa da voz. Ele a seguiu.

O quarto ficava bem no alto daquela torre que se erguia como um dente pontiagudo no topo do morro. Descendo as escadas sinuosas de mármore, ele acompanhou Serret, passando por ricos cômodos e corredores, janelas altas voltadas para norte, oeste, sul e leste, acima dos morros baixos e marrons que se estendiam, sem casas nem árvores, imutáveis sob o céu de inverno banhado de sol. Só bem ao norte havia pequenos picos brancos contra o azul, e ao sul podia-se imaginar o brilho do mar. Servos abriam as portas e ficavam para-

dos esperando Ged e a dama passarem; todos eram de Osskil, pálidos e severos. Ela também tinha a pele clara, mas, ao contrário deles, falava bem a língua hárdica, e inclusive, pareceu a Ged, com o sotaque de Gont. Mais tarde naquele dia, ela o levou para conhecer seu marido, Benderesk, Senhor da Terrenon. Com o triplo de sua idade, muito pálido e magro, de olhos embaçados, senhor Benderesk saudou Ged com cortesia fria e sombria, pedindo que ficasse pelo tempo que precisasse. Então, pouco mais teve a dizer, e nada perguntou sobre as viagens de Ged ou o inimigo que o levara até ali; nem a senhora Serret tocou nesses assuntos.

Se isso era estranho, era somente parte da estranheza do lugar e de sua presenca nele. A mente de Ged não parecia clara. Ele não conseguia ver as coisas objetivamente. Ele viera por acaso até a torre-fortaleza, e todo acaso era mero desígnio; ou ele viera por desígnio, e todo desígnio era obra do mero acaso. Ele partira para o norte. Um estranho em Orrimy lhe dissera para procurar ajuda ali; um navio de Osskil estava esperando por ele; Skiorh o guiara. Quantas dessas coisas seriam obra da sombra que o perseguia? Ou será que nenhuma delas era? Será que ele e seu perseguidor haviam sido atraídos até ali por algum outro poder e ele se deixara seduzir, seguido pela sombra, que se apropriou de Skiorh e o usou como sua arma quando chegou o momento oportuno? Devia ter sido assim. Como dissera Serret, a sombra fora barrada na corte da Terrenon. Ele não sentira sinal ou ameaça de sua presença furtiva desde que despertara na torre. Mas o que

que alguém se deparasse ao acaso. Mesmo no embotamento de seus pensamentos, ele começou a perceber isso. Nenhum outro estranho chegara a esses portões. A torre se erguia distante e remota, com a parte de trás na direção de Neshum, a cidade mais próxima. Nenhum homem vinha até a fortaleza, nenhum homem a deixava. Suas janelas davam para a desolação. Ged olhou para fora dessas janelas enquanto se mantinha no quarto alto da torre, dia após dia, triste. Sempre estava frio na torre, por isso tantos tapetes e tapeçarias penduradas, tantas roupas com ricos forros, além das amplas lareiras de mármore. Era

então o levara ali? Pois não era um lugar com

um frio que chegava aos ossos, à medula, e que não se podia expulsar. Ao pensar em como havia encarado seu inimigo, mas fora derrotado e fugira, uma vergonha fria também se instalara no coração de Ged, uma que não poderia ser eliminada. Em sua mente, Gensher, o arquimago, franzindo a testa, no meio deles, e Nemmerle, além de Ogion – e até a bruxa que lhe ensinara seu primeiro feitiço: todos o encaravam e ele sabia que traíra sua confiança. Ele implorou, dizendo: – Se eu não tivesse corrido, a sombra ter-

todos os mestres de Roke estavam reunidos.

ia me possuído: ela já tinha toda a força de Skiorh e parte da minha. Eu não podia lutar: ela sabia o meu nome. Tive que fugir. Um gebbeth-mago seria um poder terrível para o mal e a ruína. Eu tive que fugir.

No entanto, ninguém daqueles que o ouviam em sua mente lhe respondia. E ele observava a neve cair, fina e incansável, nas terras vazias abaixo da janela, e sentia o frio crescer dentro de si, até parecer que não havia sentimento nenhum nele, exceto um tipo de cansaço.

Então passou muitos dias assim, em pura infelicidade. Quando saía de seus aposentos, estava silencioso e taciturno. A beleza da nesta corte estranha, rica, de bons modos e ordenada, ele sentia como se tivesse nascido e crescido para ser pastor de cabras mesmo. Eles o deixavam sozinho quando ele desejava e, quando não conseguia mais suportar seus pensamentos e observar a neve que caía por muito mais tempo, frequentemente Serret o encontrava em um dos salões curvos, cobertos com tapeçarias e iluminados pelas

Senhora da Fortaleza confundia sua mente, e

tochas, na parte inferior da torre, e ali eles conversavam. A Senhora da Fortaleza não se animava, ela nunca ria, embora em geral sorrisse. Ainda assim, ela conseguia fazer Ged relaxar com apenas um sorriso. Com ela, ele começou a esquecer sua vergonha. Não tardou para que eles se encontrassem todos os dias para ter longas conversas, em voz baixa, ociosamente, um pouco longe das mulheres que sempre acompanhavam Serret, perto da lareira ou na janela dos cômodos altos da torre.

lo, como um velho feiticeiro que ficara preparando feiticos a noite inteira. Quando ele se juntava a Ged e Serret para o jantar, sentava-se em silêncio, erguendo, algumas vezes, o olhar para a jovem esposa com uma expressão séria de posse. Então Ged sentia pena dela. Ela era como um cervo branco enjaulado, como um pássaro branco de asas cortadas, como um anel de prata no dedo de um homem velho. Ela era mais um item da coleção de Benderesk. Quando o senhor os deixava, Ged ficava com ela, tentando anim-

O velho senhor ficava na maior parte do tempo nos próprios aposentos, saindo pela manhã para ir de um lado a outro dos pátios internos cheios de neve do torreão do caste-

ar sua solidão enquanto ela animava a dele.

— Que joia é essa que dá nome ao seu castelo? — perguntou ele, quando os dois se sentaram, conversando sobre os pratos e os cálices de ouro vazios no salão de jantar cavernoso, iluminado por velas.

- Você nunca ouviu falar dela? Ela é famosa.
- Não. Eu sei apenas que os Senhores de Osskil têm tesouros famosos.
- Ah, esta joia brilha mais do que todos eles. Você gostaria de vê-la? Venha!
 Ela sorriu, com uma expressão ousada e

zombeteira, como se tivesse um pouco de medo do que fazia, e conduziu o jovem pelos corredores estreitos da base da torre e por escadas no subsolo até uma porta trancada que ele nunca tinha visto. Ela abriu a porta com uma chave de prata e ergueu o olhar para Ged com aquele mesmo sorriso enquanto fazia isso, como se o desafiasse a segui-la. Além de porta, via-se uma passagem curta e uma segunda porta, que ela destrancou com uma chave de ouro, e, além dessa, mais uma terceira porta, que ela abriu com uma das grandes palavras de desamarração. Atrás daquela última porta, sua vela lhes mostrou um pequeno cômodo semelhante à cela de uma masmorra: assoalho, paredes e teto de pedra áspera, sem mobília, vazio.

— Você a vê? — perguntou Serret

 Você a vê? – perguntou Serret. Enquanto Ged olhava ao redor do cômodo, seu olho de mago reparou em uma das pedras que constituíam o piso. Era áspera e úmida como as outras, um paralelepípedo pesado e disforme: ainda assim ele sentiu o poder dela como se a pedra lhe falasse em voz alta. Sua respiração ficou presa em sua garganta e a náusea tomou conta dele por um instante. Essa era a pedra fundamental da torre. Era o centro de tudo, e era fria, muito fria; nada poderia jamais aquecer aquele pequeno cômodo. Era uma coisa muito antiga: um espírito velho e terrível aprisionado naquele bloco de pedra. Ele não respondeu "sim" nem "não" a Serret. Apenas ficou parado, imóvel, e, no mesmo instante, com um olhar rápido e curioso para

ele, ela apontou para a pedra.

 Essa é a Terrenon. Você não está se perguntando por que mantemos uma joia tão preciosa trancada na sala de tesouros mais profunda?
 Ainda assim, Ged não respondeu, per-

manecendo em silêncio, cauteloso. Ela poderia o estar testando, mas ele pensou que Serret não tinha ideia da natureza da pedra para ser capaz de ficar perto dela com tanta tranquilidade. Ela não sabia o suficiente para temê-la.

- Fale-me sobre os poderes dela pediu ele finalmente.
- Ela foi feita antes de Segoy erguer as ilhas do mundo do mar Aberto. Foi feita quando o próprio mundo estava sendo produzido e vai persistir até o fim. Para ela, o tempo é nada. Se você pousar a mão sobre ela e fizer uma pergunta, ela responderá de acordo com o poder que há em você. Ela tem uma voz, se você souber escutar. Falará de coisas que foram, são ou serão. Ela falou

viesse para esta região. Você quer lhe fazer uma pergunta? – Não. – Ela responderá.

sobre a sua vinda muito antes que você

Eu não quero fazer pergunta nenhuma.
Ela poderia contar como derrotar seu inimigo.

Ged permaneceu mudo.

- Você tem medo da pedra? perguntou ela, como se fosse algo difícil de acreditar.
 - Sim respondeu ele.

No frio e no silêncio mortais do cômodo, cercados por muitas paredes de feitiçaria e pedra, sob a luz da única vela que ela segurava, Serret mais uma vez lançou um olhar a Ged com olhos reluzentes.

- Gavião, você não tem medo... disse ela.
- Mas não vou falar com aquele espírito
 retrucou o rapaz, encarando-a e retrucando com ousadia grave:
 Minha senhora,

aquele espírito está selado numa rocha, e a rocha está trancada por um feitiço de amarração, um feitico de cegueira e o encantamento de bloqueio e proteção, além de muralhas triplas de fortaleza numa região desolada, não por ser preciosa, mas porque pode trazer à luz um grande mal. Eu não sei o que lhe disseram quando você veio para cá. Mas você, que é jovem e tem bom coração, nunca deveria tocar nela nem olhar em sua direção. Não vai lhe trazer nenhum bem. Eu já toguei nela. Já conversei com ela

e ouvi sua resposta. Ela não me causou mal nenhum.

Serret deu meia-volta e eles passaram novamente pelas portas e passagens, até que, sob a luz das tochas das amplas escadas da torre, ela soprou e apagou sua vela. Eles se despediram com poucas palavras.

Naquela noite, Ged dormiu pouco. O que o mantinha acordado não era pensar na sombra; ao contrário, aquele pensamento era desprezo ou mágoa. Quando finalmente se deitou para dormir, os lençóis de seda da cama estavam frios como gelo, e ele sempre acordava no escuro pensando na pedra e nos olhos de Serret. No dia seguinte, ele a encontrou no salão curvo de mármore cinzento, iluminado agora

pelo sol que vinha do oeste, onde frequentemente ela passava as tardes jogando ou te-

- Senhora Serret, eu a afrontei. Me per-

– Não – retrucou ela, divertida, e repetiu:

cendo com as criadas.

doe - disse Ged.

Não...

fora praticamente afastado de sua mente pela imagem, que sempre retornava, da pedra na qual fora fundada a torre, e pela visão do rosto de Serret, claro e sombrio sob a luz da vela, virado para ele. Repetidas vezes, ele sentiu seus olhos nele, e tentou decidir que expressão exibiam aqueles olhos quando ele se recusou a tocar na pedra, se

Ela dispensou as servas que a acompanhavam e, quando ficaram a sós, ela se virou para Ged e disse: - Meu convidado, meu amigo, você vê

muito claramente, mas, talvez, você não veja

- tudo o que deve. Em Gont, em Roke, eles ensinam alta feiticaria, mas não toda. Aqui é Osskil, a terra dos corvos, não são terras hárdicas: magos não as governam nem conhecem muita coisa a seu respeito. Há acontecimentos que não são abordados pelos mestres do Sul, e há coisas aqui que não foram listadas pelos nomeadores. O que não se conhece se teme. Mas você nada tem a temer agui na corte da Terrenon. Um homem mais fraco teria, de fato. Você, não. Você nasceu com o poder de controlar aquilo que se encontra na sala selada. Disso eu sei. É por essa razão que você está aqui agora. Eu não compreendo.
- Porque meu senhor Benderesk não foi totalmente sincero com você. Eu serei.

Venha, sente-se ao meu lado. Ele se sentou ao lado dela no banco de janela fundo e acolchoado. A luz do sol poente os envolveu, inundando-os com um

brilho no qual não havia calor; nas charnecas abaixo, que já mergulhavam na sombra, havia uma mortalha branca e opaca sobre a terra. Agora ela falava em voz muito baixa:

- Benderesk é senhor e herdeiro da Terrenon, mas ele não pode usá-la, não pode fazer com que ela sirva à sua vontade. Nem eu posso, sozinha ou com ele. Não temos a habilidade ou o poder. Você tem os dois.
 - Como você sabe disso?
- Pela própria pedra! Ela me falou da sua chegada. Ela sabe quem é o senhor dela. Ela esperou você chegar. Antes mesmo de você nascer, ela esperava você, esperava aquele que poderia dominá-la. E aquele que pode fazer a Terrenon responder o que ele pergunta e fazer o que ele quer tem poder sobre

quimago! Ela é sua, basta pedir.

Mais uma vez, ela ergueu os olhos brilhantes e estranhos para ele, e seu olhar o atingiu de tal modo que ele tremeu como se estivesse com frio. Ainda assim, havia medo no rosto de Serret, como se ela quisesse sua ajuda, mas fosse orgulhosa demais para pedir. Ged estava perplexo. Ela colocara sua mão sobre a dele enquanto falava; seu toque

era leve e sua mão parecia estreita e pálida perto da dele, forte e escura. Ele implorou:

o próprio destino: força para esmagar qualquer inimigo, mortal ou de outro mundo: clarividência, conhecimento, riqueza, domínio e feitiçaria a seu comando que poderiam humilhar o próprio ar-

– Senhora Serret! Não tenho mais esse poder. Já tive, mas desperdicei. Não posso ajudá-la, não sou útil a você. Mas sei de uma coisa: os poderes antigos da terra não devem ser usados pelos homens. Eles nunca foram entregues às nossas mãos, e em nossas mãos criam somente a ruína. Meios malignos, fim maligno. Eu não fui atraído para cá; fui impelido, e a força que me impediu age em prol da minha destruição. Não posso ajudar. — Aquele que abre mão do próprio poder,

algumas vezes, se enche de um poder maior ainda – disse ela, sorrindo, como se os temores e escrúpulos de Ged fossem infantis. – Pode ser que eu saiba mais do que você

sobre o que o trouxe aqui. Um homem falou com você nas ruas de Orrimy? Era um mensageiro, um servo da Terrenon. Antigamente, fora um mago, mas abriu mão de seu cajado para servir a um poder maior que o de qualquer mago. E você veio de Osskil, e nas charnecas tentou enfrentar uma sombra com seu cajado de madeira; e por pouco nós conseguimos salvá-lo, pois essa coisa que o persegue é mais traiçoeira do que calculamos e já sugou grande parte de sua força... Somente a sombra pode enfrentar a sombra. Somente as trevas podem derrotar

escuridão. Ouça, Gavião! Do que você precisa para derrotar a sombra, que o aguarda do lado de fora destas paredes? — Eu preciso daquilo que não tenho como

saber. O nome dela.

- A Terrenon, que conhece todos os nascimentos e mortes, e seres antes e depois da morte, não nascidos e imortais, o mundo da luz e o das trevas, dirá o nome a você.
 - E o preço?
- Não há preço. Eu lhe digo que ela lhe obedecerá e servirá a você como sua escrava.

Abalado e atormentado, ele se calou. Ela lhe estendera as mãos e agora as mantinha sobre as suas, olhando fixamente para o rosto dele. O sol se fundira com a névoa que velava o horizonte, e o ar ficara denso demais, mas seu rosto brilhava com aprovação e triunfo enquanto ela o observava e via sua vontade abalada em seu íntimo. Baixinho, ela murmurou:

Você será mais poderoso que todos os

homens, um rei entre eles. Você governará e eu governarei com você...

No mesmo instante, Ged se pôs de pé e, com mais um passo, pôde ver, bem na curva da parede do cômodo, ao lado da porta, o Senhor da Terrenon, que estava parado, ouvindo com atenção, e esboçava um sorriso.

Os olhos de Ged se desanuviaram, assim como sua mente. Ele baixou o olhar para Serret.

É a luz que derrota a escuridão – gaguejou Ged. – A luz.

Ao dizer isso, ficou evidente, como se as próprias palavras fossem a luz que mostrasse a ele: fora atraído para aquele lugar, usaram seu medo para conduzi-lo. Assim que o capturassem, eles o manteriam ali. Eles o salvaram da sombra porque não queriam que ele fosse possuído por ela até se tornar escravo da pedra. Quando sua vontade fosse dominada pelo poder da pedra, então eles deixariam a sombra penetrar as muralhas,

pois um gebbeth era um escravo melhor que um homem. Se ele tivesse tocado alguma vez na pedra ou falado com ela, estaria totalmente perdido. Ainda assim, da mesma forma que a sombra não fora capaz de alcançá-lo e agarrá-lo, a pedra não tinha conseguido tomar conta dele – não ainda. Ele quase cedera – mas não. Não havia permitido. É muito difícil para o mal se apropriar da alma que não o consente.

Ele estava parado entre os dois que haviam cedido, que tinham consentido, olhando de um para o outro, quando Benderesk se adiantou:

Eu lhe disse – falou o Senhor da Terrenon, com a voz rouca, para sua esposa – que ele escaparia de nossas mãos, Serret.
Eles são tolos inteligentes, esses feiticeirinhos de Gont. E você é uma tola também, mulher de Gont, por pensar que podia enganar a mim e a ele, e comandar a nós dois com a sua beleza, usando a Terrenon para os

próprios fins. Mas eu sou o Senhor da Pedra, eu, e isso é o que eu faço à minha esposa desleal: – *Ekavroe ai oelwantar*... Era um feitiço de transformação, e as

mãos compridas de Benderesk se ergueram para modelar a esposa encolhida numa criatura odiosa: porco, cão ou bruxa horrorosa. Ged deu um passo à frente e baixou as mãos de Benderesk com a própria mão, dizendo apenas uma breve palavra ao fazê-lo. E embora ele não tivesse cajado, estivesse em terreno estrangeiro e maligno, sua vontade prevaleceu. Benderesk ficou parado, imóvel, os olhos enevoados fixos e com ódio, sem enxergar, sobre Serret.

Venha – falou ela com voz trêmula. –
 Gavião, venha rápido, antes que ele invoque os Servos da Pedra...

Como se fosse um eco, um murmúrio percorreu a torre, através das pedras do assoalho e das paredes, um murmúrio trêmulo e seco, como se a própria Terra estivesse falando.

Agarrando a mão de Ged, Serret correu com ele através de passagens e salões, e des-

ceram as escadas compridas e retorcidas. Os dois saíram num pátio onde a derradeira luz prateada ainda pendia acima da neve suja e pisada. Três dos servos do castelo barraram seu caminho, sinistros, como se tivessem desconfiado de alguma armação dos dois contra seu mestre.

 Está ficando escuro, senhora – falou um deles.

E outro emendou:

- A senhora não pode sair agora.
- Saiam do meu caminho, seus imundos!gritou Serret, na língua sibilante de Osskil.

Os homens recuaram e se encolheram no chão, contorcendo-se, e um deles soltou um grito alto.

 Nós temos que passar pelo portão, não há outra saída. Você consegue vê-lo? Consegue encontrar o portão, Gavião?

- Ela puxou sua mão, mas ele hesitou. Qual feitiço você jogou neles?
- Quai fettiço voce jogou neles?
 Eu injetei chumbo quente na medula
- deles. Morrerão por causa disso. Rápido, ele vai soltar os servos da pedra e eu não consigo encontrar o portão, há um grande encantamento nele. Rápido!

Ged não sabia o que ela queria dizer, pois, para ele, o portão encantado era tão fácil de ver quanto o arco de pedra através do qual ele o avistava. O rapaz conduziu Serret através do arco, cruzando a neve que não fora pisada do pátio e, então, dizendo um feitiço de abertura, guiou-a através do portão da muralha de feitiços.

Quando passaram pela entrada para o crepúsculo prateado da corte da Terrenon, Serret mudou. Ela não estava menos bela sob a luz das charnecas, mas havia uma aparência selvagem de feiticeira em sua beleza, e Ged a reconheceu, afinal – a filha do Senhor de Re Albi, filha de uma feiticeira de Osskil,

acima da casa de Ogion, havia muito tempo, e o mandara ler aquele feitico que libertara a sombra. Mas ele passou pouco tempo pensando nisso, pois agora olhava a seu redor com todos os sentidos alertas. buscando aquele inimigo, a sombra, que estaria à espreita dele em algum lugar fora das muralhas mágicas. Poderia ser o gebbeth ainda, vestido com a morte de Skiorh, ou poderia estar escondido na escuridão crescente, aguardando para agarrá-lo e misturar-se com sua carne viva. Ele sentiu sua proximidade, mas não a viu. No entanto, ao olhar à frente ele notou uma criatura pequena e escura enterrada pela metade na neve, a alguns passos do portão. Ele se inclinou e, então, delicadamente, ergueu-a nas duas mãos. Era o otak, com o pelo fino e curto manchado com sangue coagulado e o pequeno corpo leve, rígido e frio. Transforme-se! Transforme-se! Eles

que zombara dele nas campinas verdes

braço e apontando para a torre que se erguia atrás deles como um dente alto e branco no crepúsculo. Das janelas próximas à sua base, cri-

estão vindo! - gritou Serret, agarrando seu

aturas escuras avançavam, batendo as asas compridas, circulando lentamente acima das muralhas na direção de Ged e Serret, que se encontravam na encosta, desprotegidos. O murmúrio que eles ouviram no interior da fortaleza aumentara muito, um tremor e gemido na terra debaixo de seus pés.

A raiva encheu o coração de Ged, uma onda quente de ódio contra todas as criaturas mortalmente cruéis que o enganavam, prendiam e perseguiam.

Transforme-se! – gritou Serret para ele
 e, com um feitiço sussurrado rapidamente,
 ela se encolheu até se tornar uma gaivota cinzenta e fugiu.

Mas Ged se inclinou e arrancou uma folha de relva selvagem que despontava seca

segurou a folha e, enquanto falava com ela em voz alta, na língua verdadeira, ela aumentou de tamanho e ficou mais grossa. Quando terminou, ele segurava um grande cajado de feiticeiro. Nenhuma chama vermelha ardeu ou se consumiu quando as criaturas escuras voadoras da corte da Terrenon se lançaram sobre ele, que atingiu suas asas com o cajado: ele ardeu somente com o fogo mágico branco que não queima, mas afasta as trevas.

e frágil da neve onde o otak jazia morto. Ele

torpes, que pertenciam a eras muito anteriores à das aves, dos dragões ou do homem, havia muito esquecidos pela luz do dia, mas invocados pelo poder antigo, maligno e imemorial da pedra. Eles atacaram Ged, lançando-se sobre ele. O rapaz sentiu o roçar semelhante ao da foice de suas garras perto dele e ficou enjoado com o seu fedor de morte. Ele se defendeu e golpeou com

As criaturas voltaram a atacar: animais

ardente feito de raiva e uma folha colhida na relva. E, de repente, como corvos que fugissem assustados da carnica, todos eles ergueram voo e partiram para longe, batendo asas em silêncio na direção para a qual Serret, em forma de gaivota, fugira. Suas amplas asas pareciam lentas, mas elas a faziam voar rápido, cada batida conduzindo-os poderosamente em pleno ar. Uma gaivota não poderia superar aquela velocidade. Rapidamente, como já fizera em Roke, Ged assumiu a forma de um grande falcão: não o gavião, como eles o chamavam, mas o

ferocidade, lutando contra eles com o cajado

falcão-peregrino, que voa como uma flecha, veloz feito o pensamento. Com asas listradas, pontudas e fortes, ele voou e foi atrás de seus perseguidores. A atmosfera escureceu e, entre as nuvens, estrelas brilharam. Mais à frente, ele viu o bando escuro voando diretamente para um ponto em pleno ar. Além daquele amontoado, via-se o mar, pálido outra, e nenhuma gaivota voava à frente delas, acima do mar pálido.

Elas já se voltavam para Ged, vindo rapidamente e com dificuldade, com os bicos de ferro bem abertos. Ele, girando uma vez acima das criaturas, deu o grito do falcão, com ira desafiadora, e então se lançou na direção das praias baixas de Osskil, por cima dos quebra-mares.

As criaturas da pedra voaram em círculos, durante algum tempo, grasnando, e uma

a uma bateram laboriosamente as asas de volta para as charnecas. Os poderes antigos não cruzam o mar, pois cada um está preso a uma ilha, um certo local, uma certa caverna,

como o último brilho do dia. Veloz, Ged-falcão se lançou sobre as criaturas da pedra, e elas se espalharam enquanto ele entrava no meio delas, como ondas criadas quando um seixo era lançado num rio. Mas elas capturaram sua presa. Havia sangue no bico de uma e penas brancas presas às garras de voltaram para a fortaleza, onde talvez o Senhor da Terrenon, Benderesk, tenha chorado ao vê-los retornar – ou rido. Mas Ged prosseguiu, com asas de falcão, louco como falcão, como uma flecha infalível, como um pensamento inesquecível, sobre o mar de Osskil e para o leste rumo ao vento de inverno e à noite.

Ogion, o Silencioso, voltara para casa em Re

rocha ou nascente. As emanações escuras

Ogion, o Silencioso, voltara para casa em Re Albi depois de suas perambulações de outono. Ele se tornava mais silencioso, mais solitário do que nunca, com o passar dos anos. O novo Senhor de Gont, que se encontrava na cidade abaixo, nunca ouvira uma palavra sua, embora tivesse subido até o Ninho do Falcão para obter ajuda do mago num certo empreendimento pirata na direção das Andrades. Ogion, que conversava com aranhas em suas teias e fora visto cumprimentando árvores alegremente, Ilha, que foi embora insatisfeito. Talvez houvesse insatisfação ou inquietação na mente de Ogion também, pois ele passara todo o verão e o outono sozinho no alto da montanha e somente agora, próximo ao Retorno do Sol, ele voltara para sua lareira. Na manhã seguinte ao retorno, ele se levantou tarde e, querendo uma xícara de chá de junco-vivo, saiu para pegar água da nascente que corria um pouco mais abaixo de sua casa, na encosta. As margens da pequena e agitada poça formada pela fonte estavam congeladas, e o musgo seco entre as pedras estava riscado com flores de gelo. Era pleno dia, mas o sol não iluminaria o poderoso ombro da montanha pela hora seguinte: todo o lado oeste de Gont, das praias ao pico, estava silencioso, escuro e limpo na manhã de inverno. Enquanto o mago ficava parado ao lado da fonte e olhava por cima das terras in-

clinadas, do porto e das distâncias cinzentas

nunca dissera uma palavra ao Senhor da

ergueu o olhar e levantou um pouco o braço. Um grande falcão baixou e se aproximou com asas que batiam com um som alto e pousou em seu pulso. Como uma ave de rap-

do mar, asas bateram acima dele. O homem

ina treinada, agarrou-se ali, mas não se via coleira, fita ou sino. As garras se enterraram com força no pulso de Ogion; as asas listradas tremeram; o olho dourado e arredondado estava agitado e opaco.

— Você é o mensageiro ou a mensagem? —

falou Ogion, em voz baixa, para o falcão. – Venha comigo... Enquanto falava, o falcão o encarava.

Ogion ficou um minuto em silêncio. – Eu acho que lhe dei o nome – falou e

- Eu acno que ine dei o nome - falou e caminhou para entrar em casa, ainda trazendo a ave no pulso.

Ele colocou o falcão junto à lareira, perto do calor do fogo, e lhe ofereceu água. A ave não bebeu. Então Ogion começou a dizer um feitiço, em voz muito baixa, urdindo a rede de magia com as mãos, mais do que com palavras. Quando o feitiço formou uma única trama, ele falou baixinho, sem olhar para a ave na lareira:

— Ged.

Ged

Ele aguardou durante algum tempo. Então, virou-se, pôs-se de pé, e foi até o jovem, que tremia e estava com os olhos embaçados, parado diante do fogo.

Ged usava roupas estrangeiras, ricamente ornadas de pele, seda e prata, mas as vestes estavam rasgadas e rígidas por causa da água salgada e ele estava imóvel, emaciado e curvado, com o cabelo escorrido sobre o rosto cheio de cicatrizes.

Ogion retirou-lhe dos ombros a capa principesca suja e o conduziu até a alcova, onde o aprendiz um dia dormira, e o fez deitar-se sobre o catre ali, deixando-o após murmurar um encantamento para o sono. Sabendo que Ged não trazia a fala humana em si agora, Ogion não lhe dirigiu palavra.

tos –, Ogion tinha pensado que seria um jogo agradável assumir, por qualquer uma das artes mágicas, a forma que quisesse homem ou animal, árvore ou nuvem -, brincando de se transformar em mil seres. Como mago, ele aprendera o preço dessa brincadeira, isto é, o perigo de perder a si mesmo, de afastar-se da verdade. Quanto mais um homem fica numa forma que não lhe é própria, maior é este perigo. Todo aprendiz de feiticeiro aprende a história do mago Bordger, de Way, que gostava de tomar a forma de urso, e tanto fez, e tantas vezes, que o urso cresceu nele e o homem desapareceu. Ele se tornou um urso e matou o próprio filho na floresta, sendo depois caçado e morto. E ninguém sabe quantos dos golfinhos que pulam nas águas do mar Interior já foram homens, homens sábios, que trocaram sua sabedoria e seu nome pela alegria do mar infinito.

Quando era garoto – como todos os garo-

à fúria e à tremenda ansiedade e, quando ele voou de Osskil, não havia outra coisa em seu pensamento: superar ao mesmo tempo a pedra e a sombra, para escapar às terras frias e traiçoeiras e voltar para casa. A raiva do falcão e sua selvageria eram semelhantes às suas e se tornaram suas, e sua vontade de voar se tornara a vontade do falcão. Portanto, ele passara sobre Enlad, descendo para tomar água numa poça na floresta solitária, mas rapidamente voltara a voar, por medo da sombra que vinha atrás dele. Por isso ele cruzara a grande via marítima chamada de Boca de Enlad, e seguira em frente, do leste ao sul, os montes de Oranea desaparecendo à sua direita e os de Andrad, ainda menos nítidos, à sua esquerda, com somente o mar à sua frente; até por fim, diante dele, erguerse das ondas uma única onda imutável, sempre mais elevada, o cume branco de Gont. Sob toda a luz e a escuridão daquele

Ged assumira a forma do falção em meio

enxergara com os olhos do animal, esquecendo os próprios pensamentos. Ele conhecera finalmente apenas o que o falcão conhece: a fome, o vento, o modo de voar. Ele voou para o refúgio certo. Havia poucas pessoas em Roke – e somente uma em

grande voo, ele usara as asas do falcão e

Gont – que poderiam tê-lo feito voltar a ser homem.

Quando acordou, estava selvagem e silencioso. Ogion não lhe dirigiu palavra, mas lhe

cioso. Ogion não lhe dirigiu palavra, mas lhe deu carne, água, e deixou que se sentasse, encolhido, junto ao fogo, sinistro como um grande falcão esgotado e soturno. Quando a noite veio, ele adormeceu. Na terceira manhã, aproximou-se do fogo onde o mago estava sentado, fitando as chamas, e chamou:

- Mestre...
- Bem-vindo, rapaz disse Ogion.
- Eu voltei para o senhor da mesma forma que parti: um tolo – falou o jovem,

com a voz rouca e grossa. O mago esboçou um sorriso e fez um gesto para que Ged se sentasse perto da

gesto para que Ged se sentasse perto da lareira à sua frente e pôs-se a preparar um pouco de chá para eles. A neve caía, a primeira do inverno nos

declives baixos de Gont. As janelas de Ogion estavam bem fechadas, mas os dois conseguiam ouvir a neve úmida caindo baixinho no telhado, e a imobilidade profunda da neve ao redor de toda a casa. Eles ficaram sentados ali, perto do fogo, por um longo tempo, e Ged contou ao antigo mestre a história dos anos que se passaram desde que ele navegara de Gont a bordo do navio chamado Sombra. Ogion não lhe fez perguntas e, quando Ged acabou, manteve o silêncio por um longo tempo, calmo, ponderando. Então, levantouse, pôs pão, queijo e vinho na mesa, e eles comeram juntos. Quando terminaram e arrumaram o cômodo, Ogion falou:

Você traz cicatrizes amargas, rapaz.

Não tenho força contra a coisa - respondeu Ged.

Ogion balançou a cabeça, mas não disse uma única palavra durante algum tempo. Respirou fundo e finalmente falou:

- Estranho. Você teve força suficiente para superar o feitiço de um mago em seu próprio domínio, em Osskil. Você teve força suficiente para resistir às tentações e enfrentar o ataque dos servos dos poderes antigos da Terra. E em Pendor você teve força suficiente para enfrentar um dragão.
- Eu tive sorte em Osskil, não força retrucou Ged, estremecendo novamente ao pensar no frio mortal, como se estivesse num sonho, da corte da Terrenon. E quanto ao dragão, eu sabia seu nome. A coisa maligna, a sombra que me persegue, essa não tem nome.
- Todas as coisas têm um nome falou
 Ogion, com tanta certeza que Ged não ousou
 repetir o que o arquimago Gensher lhe

dissera, que as forças malignas que ele havia libertado não tinham nome. O dragão de Pendor, realmente, tinha se

oferecido para lhe dizer o nome da sombra, mas ele dera pouca confiança à oferta, nem acreditara na promessa de Serret de que a pedra lhe diria o que ele precisava saber.

— Se a sombra tem um nome — disse Ged

- afinal –, não acho que ela vá parar e me dizer...
- Não concordou Ogion. Nem você parou e disse seu nome para ela. Mas ela sabia. Nas charnecas de Osskil, ela o chamou pelo nome, o nome que eu lhe dei. É estranho, estranho...

Ele voltou a ficar pensativo. Finalmente, Ged falou:

– Eu vim aqui pedir seu conselho, não seu refúgio, mestre. Não vou trazer a sombra até o senhor, e ela não vai tardar a chegar aqui se eu ficar. Uma vez o senhor a expulsou deste mesmo cômodo...

- Não; aquilo foi um prenúncio disso, a sombra de uma sombra. Eu não conseguiria mandá-la embora agora. Somente você poderia fazer isso.
 Mas fico impotente diante dela. Será
- que há algum lugar... Sua voz sumiu antes que ele fizesse a pergunta. – Não há lugar seguro – falou Ogion com
- delicadeza. Não se transforme novamente, Ged. A sombra quer destruir o seu ser verdadeiro. Ela quase conseguiu isso, ao fazê-lo entrar no ser do falcão. Não, eu não sei aonde você deveria ir. Ainda assim, tenho uma ideia do que você deveria fazer. É uma coisa difícil de dizer para você.

O silêncio de Ged exigia a verdade e Ogion acabou respondendo:

- Você deve dar meia-volta.
- Dar meia-volta?
- Se você seguir em frente, se você continuar fugindo, não importa para onde vá, você vai encontrar o perigo e o mal, pois ele o

Ged nada falou.

- Eu falei o seu nome na nascente do rio
Ar - disse o mago -, um riacho que desce da
montanha para o mar. Um homem pode

conduz, escolhe aonde você vai. Você é que tem de escolher. Perseguir o que o persegue.

montanha para o mar. Um homem pode saber para onde ele vai, mas apenas se der meia-volta e retornar ao começo e mantiver esse começo em seu ser. Se ele não for um graveto que gira e submerge no riacho, ele deve ser o próprio riacho, todo ele, desde a nascente até o mar. Você retornou para

ança de força.

– Aí, mestre? – repetiu Ged, com terror

Gont, você retornou para mim, Ged. Agora, dê meia-volta e busque a nascente e o que se encontra diante da fonte. Aí está a sua esper-

na voz. – Onde?

Ogion não respondeu.

Caçar o caçador.

 Se eu der meia-volta – falou Ged após algum tempo –, se, como o senhor diz, eu caçar o caçador, creio que a caçada não será longa. Todo o desejo dela é me encontrar cara a cara. Duas vezes ela o fez e duas vezes me derrotou.

– Da terceira não passa – disse Ogion.

Ged cruzava o cômodo de um lado para outro, da porta até a lareira.

- Se ela me derrotar completamente falou ele, talvez questionando Ogion, talvez questionando a si mesmo –, ficará com o meu conhecimento e o meu poder e vai usálos. Agora ela ameaça apenas a mim. Mas se me dominar e me possuir, fará um grande mal através de mim.
 - É verdade. *Se* ela derrotar você.
- Ainda assim, se eu fugir de novo, com certeza ela vai me encontrar... E já gastei toda a minha força nessa fuga.

Ged andou mais um pouco e, então, subitamente, virou-se e se ajoelhou diante do mago.

– Eu caminhei ao lado de grandes magos

e vivi na ilha dos Sábios, mas o senhor é o meu verdadeiro mestre, Ogion – disse ele, com amor e uma alegria sombria. – Bom – retrucou Ogion. – Agora você

sabe. Antes tarde do que nunca. Mas você será meu mestre, no fim. Ele se pôs de pé, aumentou o fogo até ter

uma boa chama, pendurou a chaleira sobre o fogo e, então, vestindo um casaco de pelo de ovelha, falou:

Eu tenho que cuidar das minhas cabras. Fique de olho na chaleira por mim, rapaz.
Quando ele voltou, salpicado de neve e

pisando forte para soltar a neve das botas de pele de cabra, trazia um galho comprido e áspero de teixo. No fim da breve tarde e mais uma vez após a ceia, ele se sentou, sob a luz do lampião, com o galho, uma faca, uma pedra de lixar e magia. Muitas vezes ele passou as mãos ao longo da madeira como se buscasse uma falha qualquer. Muitas vezes ormecia pensava que era uma criança na cabana da feiticeira, na aldeia de Dez Amieiros, numa noite de nevasca, sob a escuridão iluminada pelo fogo, o ar pesado com cheiro de ervas e fumaça e sua mente flutuando em sonhos enquanto ele ouvia o canto longo e baixinho dos feitiços e feitos dos heróis que lutaram contra os poderes das trevas e venceram ou perderam, em ilhas longínquas, havia muito tempo.

enquanto trabalhava ele cantava baixinho. Ged, ainda esgotado, ouvia, e enquanto ad-

Aqui está – falou Ogion, entregandolhe o cajado terminado. – O arquimago lhe deu o teixo, uma boa escolha. Eu a mantive.
Eu queria o galho para um arco, mas é melhor assim. Boa noite, filho.

Enquanto Ged, que não encontrava palavras para agradecer, virava-se na direção da alcova, Ogion o observava e disse, muito baixinho para que o rapaz ouvisse:

- Meu jovem falcão, voe em paz!

Ged já se fora. Mas ele havia deixado, à maneira dos magos, uma mensagem com runas prateadas na pedra da lareira, que desaparecia conforme Ogion lia:

Na fria aurora, quando Ogion acordou,

"Mestre, saí para caçar."

Capítulo 8

A caçada

ed partira pela estrada de Re Albi na escuridão do inverno, antes do nascer do sol, e antes do meio-dia chegou ao porto de Gont. Ogion lhe dera perneiras decentes, além de camisa, colete de couro e pele para substituir as belas roupas osskilianas, mas Ged tinha guardado a capa ricamente forrada com pelo de pellawi para a jornada no inverno. Portanto, munido de vestimenta apropriada, andando apoiado no cajado escuro, ele chegou ao Portão da Terra,

e os soldados que descansavam apoiados em dragões entalhados ali não precisaram olhar duas vezes para ver o mago. Eles afastaram as lanças e o deixaram entrar sem fazer perguntas, observando-o enquanto ele seguia rua abaixo.

No cois o na casa do guildo do mar. Cod.

No cais e na casa da guilda do mar, Ged perguntou se havia algum navio indo para o norte ou o oeste, para Enlad, Andrad, Oranea. Todos lhe responderam que agora, tão perto do Retorno do Sol, nenhum navio partiria do porto de Gont. Disseram-lhe que nem os barcos pesqueiros passariam pelos Promontórios Fortificados num tempo como aquele.

Ofereceram-lhe jantar na guilda do mar:

Ofereceram-lhe jantar na guilda do mar; um mago raramente precisa pedir comida. Ele se sentou durante algum tempo com aqueles estivadores, carpinteiros e fazedores de chuva, divertindo-se com a conversa lenta e esparsa e com os resmungos na língua de Gont. Ele estava com um grande desejo de ficar em Gont e abandonar toda a feiticaria e aventura, esquecer todo o poder e o horror, viver em paz, feito qualquer homem, no solo conhecido e amado de sua terra natal. Esse era o seu desejo; mas sua vontade era outra. Ele não ficou muito tempo na guilda do mar nem na cidade depois de descobrir que os navios não sairiam do porto. Partiu, caminhando ao longo da orla da baía, até chegar ao primeiro sinal de pequenas aldeias que se encontravam ao norte, na cidade de Gont, e ali ele ficou perguntando para os pescadores se algum deles estava disposto a lhe vender um barco.

O que concordou era um homem velho e mal-humorado. O barco, com mais de 3 metros, com tábuas justapostas, estava tão torto e avariado que mal daria para navegar, mas ainda assim o homem cobrou um preço muito alto por ele: o feitiço de segurança no mar por um ano para o próprio barco, para ele e para o filho. Pois os pescadores de Gont nada temiam – nem mesmo os magos –, a não ser o mar. Esse feitiço de segurança no mar, que eles

valorizavam tanto no Arquipélago Norte, nunca salvou um homem seguer de ventos tempestuosos nem de ondas tempestuosas; no entanto, lançado por alguém que conheça os mares da região e os caminhos de um barco, além da técnica do marinheiro, resulta em um pouco de segurança diária para o pescador. Ged preparou o encantamento com sinceridade, trabalhando nele durante toda aquela noite e no dia seguinte, sem omitir nada, com segurança e paciência – embora durante todo o tempo o medo o deixasse tenso e seus pensamentos percorressem vias obscuras, tentando imaginar como a sombra apareceria para ele segui-la, e se o faria em breve, e onde. Quando o feitico foi lançado, ele estava exausto. Dormiu aquela noite na cabana do pescador, numa rede feita de tripas de baleia, e se levantou ao amanhecer

cheirando a arenque seco. Ged seguiu até a enseada debaixo do penhasco norte, onde seu novo barco se encontrava. Ele o empurrou nas águas tranquilas do embarcadouro e, no mesmo instante, o barco começou a fazer água. Com agilidade de um gato, Ged subiu a bordo e ajeitou as tábuas tortas e cavilhas apodrecidas, tanto com ferramentas quanto com encantamentos, como ele costumava fazer com Pechvarry em Baixa Torninga. Os habitantes da aldeia se re-

uniram em silêncio, não muito perto, para observar suas mãos rápidas e ouvir a voz baixa. Esse serviço também foi feito com paciência, até o fim, e o barco ficou sólido e seguro. Então ele colocou, no lugar do mastro, o cajado que Ogion lhe fizera, fixando-o com feiticos, e prendeu nele um metro de madeira resistente. Debaixo da madeira, Ged teceu uma vela de feitiços, um tecido quadrado e branco como a neve do cume de Gont acima deles. Ao verem isso, as mulheres

ao mastro, Ged fez surgir um leve vento mágico. O barco se moveu para a água, virando na direção dos Promontórios Fortificados, do outro lado da grande baía. Quando os pescadores silenciosos que observavam viram a embarcação deslizar com a vela rápido como o voo de um maçarico, eles fizeram uma saudação, sorrindo e batendo os pés na praia, sob o vento frio. Ged olhou para trás, por um instante, e os viu comemorando, debaixo do vulto íngreme e escuro do penhasco norte, acima dos quais os campos de neve da montanha se erguiam até as nuvens. Ele cruzou a baía na embarcação, passando pelos Promontórios Fortificados, chegando ao mar de Gont, estabelecendo seu curso para o norte, na direção de Oranea e

arquejaram com inveja. Então, de pé junto

retornando por onde ele viera. Ged não tinha planos nem estratégias além de refazer seus passos. Seguindo o voo do falção durante dias e com os ventos de Osskil, a sombra não havia como prever. Mas, a menos que se retirasse mais uma vez para o domínio dos sonhos, ela não deveria deixar de se encontrar com Ged, que vinha por mar aberto. No mar, ele desejou encontrá-la, se isso

poderia perambular ou seguir em linha reta,

tivesse que acontecer. Não sabia ao certo por quê, mas ele sentia pavor de encontrar a criatura novamente em terra firme. No mar, insurgiam-se tempestades e monstros, mas não havia mal: o mal está na terra. E não havia mar nem fonte nem rio na terra de trevas que Ged visitara. Embora o mar fosse um perigo para ele no clima difícil da estação, aquele perigo, aquela mudança e aquela instabilidade pareciam-lhe uma defesa e uma oportunidade. E quando ele se depara-

perigo para ele no clima difícil da estação, aquele perigo, aquela mudança e aquela instabilidade pareciam-lhe uma defesa e uma oportunidade. E quando ele se deparasse com a sombra, no limite de sua loucura, talvez, finalmente, ele pudesse agarrar a coisa ao mesmo tempo que ela o agarrasse, e então arrastá-la com o peso de seu corpo e de sua própria morte para a escuridão do mar

profundo, do qual, dessa forma, ela não voltaria a se erguer. Portanto, ao menos sua morte colocaria fim ao mal que ele libertara em vida. Ele navegou o mar turbulento, acima do

qual nuvens pendiam e se deslocavam feito imensos véus mortuários. Agora ele não erguia vento mágico, mas usava o vento mundano, que soprava do noroeste; e enquanto ele mantivesse a substância de sua vela tecida por feitiços com uma palavra murmurada continuamente, a própria vela se deslocaria para capturar o vento. Não ter usado aquela mágica lhe custara manter o barquinho num trajeto sinuoso em mar tempestuoso. E ele prosseguiu, mantendo a vigília em todos os lados. A mulher do pescador lhe dera dois pães e um jarro de água, e após algumas horas, quando avistou a rocha Kameber, a única ilha entre Gont e Oranea, ele comeu e bebeu, pensando, grato, na silenciosa mulher de Gont que lhe tempestade de neve fraca. Não se ouvia som nenhum além do estalido baixinho do barco e do leve barulho das ondas batendo na proa. Nem barco nem ave passavam. Nada se movia, além da água e das nuvens que se deslocavam, nuvens que ele lembrava vagamente como se flutuassem a seu redor, quando ele, na forma de um falção, voara para leste nesse mesmo curso. Naquela ocasião, ele baixara os olhos para o mar cinzento da mesma forma que erguia o olhar para o céu cinzento agora. Não havia nada à frente quando ele olhou ao redor. Ged se pôs de pé, tremendo e cansado de olhar e examinar o nevoeiro

O que você está esperando, sombra?

vazio.

resmungou ele.

oferecera comida. Ele navegou e passou pela paisagem obscura de terra, seguindo agora mais para o oeste, sob um chuvisco leve e úmido que, em terra firme, poderia ser uma Não se ouviu resposta, nenhum movimento obscuro entre as névoas e as ondas escuras, mas ele sabia com mais e mais certeza agora que a criatura não estava longe e que buscava cegamente sua trilha fria. No mesmo instante, ele gritou em voz bem alta:

– Eu, Ged, Gavião, estou aqui e invoco a minha sombra!

O barco rangeu, as ondas estalaram, o vento sibilou um pouco sobre a vela branca. Alguns momentos se passaram. Ainda assim, Ged esperou, com uma das mãos no mastro de teixo do barco, fitando o chuvisco gelado que lentamente se conduzia, em linhas irregulares, pelo mar, na direção norte. Então, ao longe, sob a chuva e por cima da água, ele viu a sombra que se aproximava.

Ela se livrara do corpo do remador Ski-

orh, de Osskil, e não o seguia na forma de gebbeth, através dos ventos e sobre o mar. Tampouco assumira a forma de animal na qual ele a vira no monte de Roke e em seus Ged e em sua luta com ele nas charnecas, ela drenara seu poder, sugando-o para dentro de si: e talvez a invocação de Ged, em voz alta e em plena luz do dia, lhe dera ou a obrigara a assumir forma e aparência. Certamente agora ela parecia um homem, embora, por ser uma sombra, não tivesse sombra. Então ela se aproximou pelo mar, longe da Boca de Enlad e na direção de Gont, uma criatura malfeita e obscura, pisando desequilibrada nas ondas e examinando o vento conforme se aproximava. E a chuva fria era soprada através dela. Como a criatura enxergava pouco durante o dia e como ele a havia chamado, Ged a viu antes que ela o visse. Ele a conhecia, como

sonhos. Ainda assim, tinha uma forma, mesmo sob a luz do dia. Em sua busca por

Na terrível solidão do mar de inverno, Ged parou e viu a criatura que ele temia. O

ela o conhecia, entre todos os seres, todas as

sombras.

conseguia dizer se ela se movia ou não. Agora ela o tinha visto. Embora nada houvesse na mente dele além do horror e do medo do toque dela, a dor fria e escura que sugara sua vida, ainda assim ele esperava, imóvel. Então, no mesmo instante, ele falou em voz alta e chamou o vento mágico forte e súbito para a vela branca, e seu barco pulou, cruzando as ondas cinzentas na direção da criatura que pairava no vento. Em extremo silêncio, a sombra, que oscilava, deu meia-volta e fugiu. Seguiu com o vento para o norte. O barco de Ged seguiu com seu vento mágico: era a velocidade da sombra contra a habilidade do mago, o vento chuvoso contra ambos. E o

jovem gritou para o seu barco, para a vela e o vento, e para as ondas mais à frente, como

vento parecia soprá-la para mais longe do barco, e as ondas passaram debaixo dele, deixando seus olhos confusos cada vez que a criatura parecia se aproximar mais. Ged não um caçador grita para seus cães quando o lobo passa correndo diante dele, e trouxe para a vela urdida de feitiços um vento que teria rasgado qualquer uma que fosse de tecido e que conduziu seu barco no mar como espuma soprada, para mais perto do que nunca da criatura, que fugia.

A sombra se virou num semicírculo, apar-

A sombra se virou num semicírculo, aparentando, ao mesmo tempo, estar mais livre e obscura, menos como um homem, mais como mera fumaça sendo soprada ao vento; ela se dobrou para trás e correu com o vento, como se voltasse para Gont.

Com a mão e um feitiço, Ged virou o barco, e ele saltou como um golfinho na água, girando, naquela guinada rápida. Ele seguiu mais rápido que antes, mas a sombra ficou ainda mais difusa aos seus olhos. A chuva, misturada com granizo e neve, descia sobre suas costas e a bochecha esquerda, e ele não conseguia enxergar mais do que 100 metros à frente.

mais forte e Ged perdesse a sombra de vista. Ainda assim, ele tinha certeza de seu caminho, como se seguisse a trilha de um animal na neve, em vez de um fantasma fugindo sobre a água. Embora o vento soprasse em seu caminho agora, ele mantinha o vento mágico e cantante na vela e, em seu percurso, flocos de espuma eram lançados pela proa pontiaguda do barco.

Não tardou para que a tempestade ficasse

Por um longo tempo, a caça e o caçador mantiveram o estranho curso, e o dia escurecia rapidamente. Ged sabia que, nesse ritmo forte que assumira nas últimas horas, devia estar ao sul de Gont, navegando rumo a Spevy ou Torheven, ou mesmo passando pelas ilhas, em direção ao domínio Aberto. Ele não sabia dizer. Não importava. Ele estava caçando, seguindo, e o medo se adiantava a ele.

No mesmo instante, ele viu a sombra não muito longe. O vento mundano diminuíra e a

tempestade dera lugar a uma névoa gelada, irregular e densa. Através da névoa, ele avistou a sombra, voando um pouco para a direita de seu curso. Ele falou ao vento e navegou, virando o leme e seguindo atrás, embora, mais uma vez, sua busca fosse cega: o nevoeiro se adensara rápido, rasgado e tornando-se vapor onde encontrava o vento mágico, fechando-se ao redor do barco numa palidez indistinta que prejudicava a luz e a visão. Quando Ged enunciou a primeira palavra do feitico para afugentar a neblina, ele viu a sombra mais uma vez, ainda à direita de seu curso, mas muito próxima, movendose lentamente. O nevoeiro soprou através da cabeça indistinta e sem rosto; tinha a silhueta da de um homem, só que a todo instante se deformava e adquiria outros contornos. Ged inclinou o barco mais uma vez, pensando que enviara o inimigo para o solo: naquele instante, a sombra desapareceu e foi o barco que se chocou contra as rochas que a visão. Ele quase caiu, mas se agarrou ao mastro-cajado antes da próxima onda atingilo. Era imensa e jogou o barco para cima, para fora da água. Ainda agarrado à embarcação, Ged foi puxado para trás quando as ondas recuaram, de modo que ele se encontrou em águas profundas e a salvo de bater nas rochas até a onda seguinte. Cego por causa do sal da água e sem conseguir respirar, ele tentou manter a cabeça à tona e resistir à imensa força do mar. Havia um banco de areia um pouco afastado das rochas; Ged o avistou algumas vezes enquanto tentava nadar e se livrar da onda seguinte. Com toda a força e com o poder do cajado em seu auxílio, ele tentou alcançar a praia. Mas não conseguiu se aproximar. A onda e o recuo da maré o lançavam para a frente e para trás, como um trapo, e o frio do mar profundo rapidamente tirou o calor de seu corpo e o enfraqueceu, até que Ged não conseguia

névoa que soprava havia ocultado de sua

a praia, não sabia para onde estava virado. Havia apenas um turbilhão de água a seu redor, debaixo e acima dele, cegando-o, sufocando-o, afogando-o.

mais mover os braços. Ele não via as rochas e

Uma onda cresceu sob o nevoeiro irregular e o pegou, rolando-o sem parar e jogando-o sobre a areia, como um graveto.

Ali ele ficou. Ainda apertava o cajado de teixo com as duas mãos. Ondas menores o arrastaram, tentando puxá-lo da areia em seu movimento de recuo, e a neblina se abriu e fechou acima dele. Pouco tempo depois, a chuva de granizo o castigou.

Após um longo tempo ele se moveu.

Ergueu-se apoiado nas mãos e nos joelhos e começou a engatinhar lentamente pela praia, para longe da beira da água. Agora era noite escura, mas ele murmurou para o cajado, e um pequeno fogo-fátuo pendeu a seu redor. Com a chama para guiá-lo, ele se esforçou para avançar, pouco a pouco, na direção das

dunas. Estava cansado, cheio de dores e com frio, e engatinhar pela areia molhada, numa noite sibilante de mar tempestuoso, foi a coisa mais difícil que ele já fizera. Uma ou duas vezes lhe pareceu que o barulho alto do mar e o vento haviam cessado e que a areia úmida se tornara terra sob suas mãos, e ele sentiu o olhar imóvel de estrelas estranhas em suas costas: mas não ergueu a cabeça, apenas seguiu rastejando. Depois de algum tempo, ele ouviu a própria respiração entrecortada e sentiu o vento amargo lançar a chuva contra seu rosto.

O movimento trouxe um pouco de calor novamente a seu corpo, e depois de rastejar até as dunas, onde as rajadas de vento e chuva eram menos violentas, ele conseguiu ficar de pé. Ele pronunciou um feitiço para obter uma luz mais forte de seu cajado, pois o mundo estava completamente nas trevas. Apoiando-se no cajado, ele continuou

seguindo em frente, tropeçando e parando,

adentro. Então, ao subir uma duna, ele ouviu o mar de novo, mais alto, não atrás, mas à sua frente: as dunas se inclinavam novamente até outra praia. Não era uma ilha; Ged se encontrava num simples banco de areia. um pouco de terra no meio do oceano. Ele estava cansado demais para se desesperar, mas soltou uma espécie de soluço e ficou parado ali, sem saber o que fazer, apoiando-se no cajado, por um longo tempo. Com determinação, virou-se para a esquerda, de modo que o vento soprasse suas costas, pelo menos, e se arrastou para descer

durante mais ou menos um quilômetro terra

a duna elevada, procurando uma abertura em meio à relva misturada ao gelo onde ele pudesse se abrigar. Enquanto erguia o cajado para ver o que se encontrava à sua frente, ele captou um brilho fraco na beirada mais distante do círculo formado pelo fogo-fátuo: uma parede de madeira umedecida pela chuva.

Era uma cabana ou um casebre, pequeno e desgastado, como se uma criança o tivesse construído. Ged bateu à porta baixa com o cajado. Ela permaneceu fechada. O mago empurrou a porta e entrou, quase dobrandose ao fazer isso. Ele não conseguia ficar ereto

no interior da cabana. Havia pedaços vermelhos de carvão na braseira e, com seu pouco brilho, Ged distinguiu um homem com cabelo branco comprido, agachado, apavorado, contra a parede oposta, e outra pessoa, homem ou mulher – ele não sabia dizer –, examinando-o de um montinho de trapos ou peles no chão.

— Não vou machucar vocês – murmurou

Eles não disseram nada. Ged olhou de um para o outro. Seus olhos estavam arregalados de pavor. Quando ele baixou o cajado, quem estava no montinho de trapos se escondeu, dando um gemido. Ged tirou a capa, pesada de tanta água e tanto gelo, se despiu e se

Ged.

Me dê algo para me enrolar – falou ele.
 Ged estava rouco e mal conseguia falar
 por causa dos dentes batendo e dos fortes

encolheu diante da braseira.

por causa dos dentes batendo e dos fortes tremores que o sacudiam. Se eles o ouviram, não responderam. Ele esticou a mão e pegou um trapo do monte que servia de cama: aquilo um dia tinha sido a pele de uma cabra, agora eram trapos e gordura negra.

de medo, mas Ged não prestou atenção. Ele se esfregou até ficar seco e então murmurou: – O senhor tem madeira? Aumente um pouco o fogo, meu velho. Eu vim até vocês

Quem estava debaixo do monte-cama gemeu

por necessidade, não quero lhes fazer mal. O velho não se moveu, observando-o

num estupor de medo.

– O senhor me entende? Não fala a língua hárdica? – Ged fez uma pausa e então perguntou: – Kargad?

Ao ouvir aquela última palavra, o velho assentiu de imediato, acenou com a cabeça,

conversa. Ele descobriu madeira empilhada perto de uma parede, alimentou o fogo por si mesmo, e então, com gestos, pediu água, pois havia ingerido água do mar, o que o deixara enjoado. Agora ele estava morrendo de sede. Curvando-se, o velho apontou uma grande concha que continha água e empurrou na direção do fogo outra concha na qual se viam tiras de peixe seco. Assim, de pernas cruzadas junto ao fogo, Ged bebeu e comeu um pouco e, quando recuperou força e clareza suficientes, o rapaz se perguntou onde estaria. Mesmo com o vento mágico, ele não podia ter navegado até

as terras de Kargad. Esta ilha devia estar fora do domínio, a leste de Gont, mas a oeste de Karego-At. Parecia estranho que houvesse pessoas habitando um lugar tão pequeno e tão solitário, uma mera faixa de areia; talvez

como uma marionete antiga e triste. Mas como essa era a única palavra que Ged conhecia na língua de Kargad, esse foi o fim da eles fossem náufragos, mas ele estava cansado demais para criar enigmas na mente a respeito deles. Ged ficou girando sua capa perto do cal-

or. O pelo prateado de pellawi secou rápido, e, assim que a lã do lado externo ficou minimamente cálida, se não seca, ele se enrolou na capa e esticou os braços para a braseira.

 Podem dormir, boa gente – disse ele aos hospedeiros silenciosos, e baixou a cabeça no chão de areia, adormecendo.
 Ele passou três noites na ilha sem nome,

pois na primeira manhã acordou com os músculos doloridos, febril e enjoado. Ficou deitado como um pedaço de madeira, próximo ao braseiro da cabana durante todo o dia e toda a noite. Na manhã seguinte, acordou rígido e com dores, mas recuperado. Voltou a vestir as roupas encrustadas com sal, pois não havia água suficiente para lavá-las, e saiu numa manhã cinzenta e cheia de vento para dar uma olhada no local aonde a

sombra o levara.

Era uma faixa de areia rochosa com 2 quilômetros de largura, no máximo, e um pouco mais que isso de comprimento, repleta de montes de areia e rochas. Não se viam árvore nem arbusto crescendo, apenas plantas aquáticas. A cabana se encontrava numa depressão das dunas e o velho e a

numa depressão das dunas, e o velho e a mulher viviam ali na mais completa desolação do mar vazio. A cabana fora construída ou, antes, montada, usando-se tábuas e galhos soltos. A água vinha de um pequeno poço de água salobra ao lado da cabana; a comida eram peixes e moluscos, frescos ou secos, além de musgo. As peles desgastadas na cabana e uma pequena porção de agulhas de ossos e anzóis, e os fios que usavam como linha de pesca, não vinham de cabras, como Ged pensara à primeira vista, mas das focas de pele manchada. E, com efeito, esse era o tipo de local ao qual as focas vão para criar os filhotes no verão. Mas ninguém mais ia a um lugar assim. Os idosos tinham medo de Ged não porque pensassem que ele fosse um espírito ou um feiticeiro, mas somente porque ele era um homem. Eles tinham se esquecido de que havia outras pessoas no mundo. O temor sombrio do velho nunca di-

minuía. Quando ele pensava que Ged estivesse se aproximando para tocá-lo, se encolhia, olhando para ele de cara feia, por baixo da massa de cabelos brancos sujos. No início, a mulher idosa resmungava e se escondia debaixo da pilha de trapos sempre que Ged se mexia, mas, quando ele adormeceu febril na cabana escura, ele a viu agachar-se para observá-lo com um olhar estranho, embotado de desejo. Depois de algum tempo ela trouxe água para ele beber. Quando ele se sentou para pegar a concha de suas mãos, ela ficou com medo e a derrubou, derramando toda a água. Então chorou e limpou os olhos com os cabelos compridos brancoacinzentados. Agora ela o observava enquanto ele descia até a praia, estruturando um novo barco

com a madeira e as tábuas do que tinha desaparecido no litoral. Ele usou a enxó do velho e um feitiço de amarração. Não era reparo nem construção de navio, pois ele não tinha

madeira adequada suficiente, e teve que suprir todas as suas necessidades com feitiçaria pura. Ainda assim, a idosa não observou seu trabalho maravilhoso da mesma forma que o observava, com o

mesmo desejo nos olhos. Após algum tempo, ela se afastou e voltou com um presente: um punhado de moluscos que tinha catado nas rochas. Ged os comeu enquanto ela os deu para ele, molhados com água do mar e crus, e agradeceu. Aparentando ganhar coragem, ela foi até a cabana e voltou com algo nas mãos: um maço amarrado com um pano.

ela foi até a cabana e voltou com algo nas mãos: um maço amarrado com um pano. Timidamente, observando seu rosto durante todo o tempo, ela desembrulhou a coisa e a ergueu para que ele a visse. Eram as vestes de brocado de seda de

uma criança pequena, rígidas, com pérolas, manchadas com sal e amareladas por causa dos anos. No pequeno corpinho, as pérolas estavam bordadas com a forma que Ged conhecia: a flecha dupla dos Irmãos-Deuses do Império Kargad, encimadas pela coroa de um rei.

A mulher idosa, enrugada e suja, vestida

com pele de foca mal costurada, apontou para o pequeno vestido de seda e para si mesma e sorriu: um sorriso doce, ingênuo, como o de um bebê. De algum esconderijo costurado na saia do vestido, ela retirou um pequeno objeto e o entregou a Ged. Era um pedaço de metal escuro, um pedaço de joia quebrada, talvez o semicírculo de um anel. Ged olhou para o objeto, mas ela fez um gesto para que ficasse com ele, e não se contentou até ele pegar. Então ela acenou com a cabeça e voltou a sorrir: tinha lhe dado um presente. Mas o vestido, ela o enrolou com cuidado em seus trapos oleosos e caminhou com dificuldade de volta à cabana para esconder a peça adorável. Ged guardou o anel quebrado no bolso da túnica com quase o mesmo cuidado, pois seu

coração estava cheio de piedade. Agora ele imaginava que aqueles dois poderiam ser filhos de alguma casa real do Império Kargad. Um tirano ou usurpador que temia derramar sangue real os enviara para se tornarem náufragos, viver ou morrer, em uma ilha de Karego-At fora do mapa. Um deles era um garoto de 8 ou 10 anos, talvez, e o outro, uma princesa, um bebê gordinho, com vestes de seda e pérolas. E eles tinham vivido sozinhos, durante quarenta, cinquenta anos, sobre uma rocha no oceano, o príncipe e a princesa da Desolação. Mas a verdade dessa suposição ele soube

Mas a verdade dessa suposição ele soube apenas alguns anos mais tarde, quando a busca pelo anel de Erreth-Akbe o conduziu às terras de Kargad e às tumbas de Atuan. A terceira noite na ilha clareou até um nascer do sol pálido e calmo. Era o dia do Retorno do Sol, o dia mais curto do ano. O

pequeno barco de madeira, magia, escombros e feiticos estava pronto. Ele tinha tentado contar aos idosos que os levaria para qualquer terra, Gont, Spevy ou os Tórikles. Ele os deixaria mesmo em alguma praia deserta de Karego-At, se tivessem pedido, embora as águas de Kargad não fossem um local seguro para um habitante do Arquipélago se aventurar. Mas eles não deixariam a ilha. A mulher idosa parecia não compreender o que ele queria dizer com os gestos e as palavras silenciosas. O homem compreendeu e se recusou a ir. Toda a sua lembrança de outras terras e outros homens era um pesadelo infantil de sangue, gigantes e gritos: Ged podia ver isso em seu rosto, enquanto ele fazia que não com a cabeça

repetidamente.

Então naquela manhã Ged encheu uma bolsa de pele de foca com água do poço e, como não podia agradecer aos idosos pelo fogo e pela comida nem tinha presente para a mulher como gostaria, ele fez o que podia: pôs um encantamento no poco salgado. A água jorrou através da areia, doce e clara como qualquer nascente da montanha nas alturas de Gont. E nunca secou. Por causa dela, aquele local de dunas e rochas agora está no mapa e traz seu nome; os marinheiros a chamam de ilha da Nascente. Mas a cabana se foi e as tempestades de muitos invernos não deixaram vestígio dos dois que viveram e

Eles continuaram escondidos na cabana, como se temessem observar, quando Ged partiu de barco do extremo sul da ilha de areia. Ele deixou que o vento mundano, que vinha firme do norte, enchesse a vela feita com o tecido mágico e seguiu velozmente pelo mar.

morreram ali sozinhos.

Agora a busca marinha de Ged era uma questão estranha, pois ele bem sabia que era um caçador que não conhecia nada sobre a criatura que caçava nem onde, em toda a Terramar, ela poderia se encontrar. Ele teve que cacá-la por meio de palpites, por instinto, por sorte, mesmo enquanto ela o caçava. Um era cego ao ser do outro, Ged ficava confuso com as sombras impalpáveis assim como a sombra ficava confusa pela luz do dia e as coisas sólidas. Uma certeza, porém, ele tinha: agora ele era o caçador e não a caça. Pois a sombra, depois de tê-lo enganado nas rochas, poderia tê-lo à sua mercê durante todo o tempo em que ficara inconsciente na praia e confuso na escuridão das dunas tempestuosas, mas ela não tinha esperado por essa chance. Ela o enganara e fugira uma vez, sem ousar encará-lo. Nesse momento, ele percebeu que Ogion tivera razão: a sombra não poderia sugar seu poder se Ged se voltasse contra ela. Portanto, ele

deveria continuar assim, manter-se em seu encalço, embora seu rastro estivesse frio nos mares amplos e ele nada tivesse para guiá-lo, além da sorte do vento mundano soprando para o sul e uma leve ideia ou intuição em sua mente de que o sul ou o leste eram o caminho certo a seguir. Antes do anoitecer, ele viu a distância, do seu lado esquerdo, a extensa e sutil beirada de uma grande região, que devia ser Karego-At. Ele estava na rota marítima daquele povo branco e bárbaro. Ele manteve um olhar atento a qualquer navio ou galé e recordou, conforme navegava no crepúsculo vermelho, aquela manhã de sua infância na aldeia de Dez Amieiros, os guerreiros emplumados, o fogo, a névoa. E, ao pensar naquele dia, ele

entendeu subitamente, com o coração pesado, como a sombra o enganara com seu próprio truque, trazendo aquela névoa em volta dele no mar como se o tirasse de seu próprio passado, cegando-o para o perigo e atraindo-o para a própria morte. Ele continuou o curso para o sudeste, e a terra firme sumiu de vista conforme a noite

descia sobre o lado leste do mundo. As depressões das ondas estavam completamente escuras, mas seus cumes brilhavam ainda com um reflexo claro e avermelhado do oeste. Ged cantou em voz alta a Cânticos de inverno e os Feitos do jovem rei dos quais ele se lembrava, pois essas canções são entoadas no festival do Retorno do Sol. Sua voz era clara, mas diminuiu para nada no silêncio vasto do mar. A escuridão desceu

rápido, bem como as estrelas invernais. Ao longo de toda a noite mais longa do ano ele acordou, observando as estrelas se

erguerem na direção de sua mão esquerda e girarem acima da cabeça, afundando nas águas escuras distantes à direita, à medida que o longo vento invernal o levava para o sul sobre um mar invisível. Ele conseguia dormir de vez em quando, mas era uma embarcação, mas uma mistura de encantamento e feiticaria. O restante eram meras tábuas e madeira soltas que, caso ele negligenciasse os feiticos de transformação e amarração, em breve se espalhariam e boiariam como pequenos destrocos sobre as ondas. A vela também, tecida de magia e ar, não resistiria contra o vento se ele dormisse, mas voltaria a ser um sopro de vento. Os feiticos de Ged eram coerentes e potentes, mas quando a matéria na qual tais feitiços são urdidos é pouca, o poder que os mantém deve ser renovado a cada instante. Portanto, ele não dormiu naquela noite. Ele teria viajado mais fácil e rapidamente como falção ou golfinho, mas Ogion o advertira a não mudar a própria forma, e ele sabia o valor dos conselhos de Ogion. Por isso ele navegou para o sul, debaixo das estrelas que iam para o oeste, e a longa noite passou lentamente,

interrompido por um despertar brusco. O barco que ele navegava não era, na verdade,

até o primeiro dia do novo ano iluminar todo o mar. Pouco depois do nascer do sol, ele avistou

terra firme, mas avançava devagar naquela direção. O vento mundano diminuíra com o nascer do dia. Ele ergueu um leve vento mágico até a vela, para levá-lo até lá. O temor o

invadira novamente, o pavor penetrante que o impelia a dar meia-volta e fugir. E ele seguiu aquele medo como um caçador segue os vestígios, as trilhas amplas e abruptas das garras de um urso, que pode a qualquer momento voltar-se contra ele, vindo dos arbustos. Pois agora ele estava perto: ele sabia. Era uma terra de aparência curiosa, que se erguia acima do mar conforme ele se aproximava. O que, de longe, lhe parecia ser uma parede montanhosa se dividia em várias cadeias íngremes e extensas, ilhas separadas talvez, entre as quais o mar corria em estreit-

os filetes ou canais. Ged analisara as muitas cartas e mapas na torre do Mestre dos mapas do Arquipélago e dos mares interiores. Ele estava longe do domínio do Leste agora e não sabia qual ilha poderia ser. Tampouco havia pensado muito a respeito. Era o medo que se antecipava a ele, que se esgueirava às escondidas e o aguardava entre declives e florestas da ilha. Era para o medo que Ged navegava.

Nomes, em Roke, mas eram, sobretudo, os

Agora os penhascos coroados com a floresta escura cresciam e erguiam-se acima do barco, as ondas que quebravam na costa sopravam respingos contra sua vela, conforme o vento mágico o empurrava entre dois grandes cabos até um trecho de mar que corria diante dele e penetrava na ilha, não mais largo que o comprimento de duas galés. O mar, confinado, era incansável e se agitava nas beiradas íngremes. Não havia praia, pois os penhascos desciam diretamente na água, que jazia, escura, próxima ao reflexo frio de suas alturas. Não havia vento, e tudo estava muito silencioso. A sombra o enganara, atraindo-o para as

truque? Será que ele trouxera a criatura até ali ou será que ela o trouxera até uma armadilha? Ele não sabia. Ele apenas conhecia o tormento do medo e a certeza de que devia seguir em frente e fazer o que precisasse para resolver isso: cacar o mal, seguir seu terror até a fonte. Com muita cautela, navegou, observando à sua frente, atrás, abaixo e acima dos penhascos, de cada lado. Ele deixara a luz do sol do novo dia para trás, em mar aberto. Ali tudo estava escuro. A abertura na costa parecia um portão remoto e brilhante quando ele olhou para trás. Os penhascos se agigantavam cada vez mais alto acima de sua cabeça à medida que ele se aproximava do sopé da montanha do qual eles nasciam, e a trilha de água se estreitava mais. Ele examinou acima, na fissura escura, à direita e à

charnecas de Osskil e para bater nas rochas no nevoeiro, e agora seria um terceiro esquerda dos grandes declives, cheios de cavernas e rochedos, onde árvores se aninhavam com suas raízes em pleno ar. Nada se movia. Agora ele chegara ao fim de uma pequena ilha, uma massa rochosa enrugada, alta e sem marcas contra a qual, estreitandose na largura de um pequeno regato, as ondas do mar batiam fracamente. Pedregulhos caídos, troncos apodrecidos e raízes de árvores retorcidas deixavam apenas um trecho estreito para se navegar. Ele se encontrava numa armadilha escura debaixo das raízes da montanha silenciosa. Nada se movia à frente ou acima dele. Tudo estava mortalmente paralisado. Ele não podia ir

Ged virou o barco, movendo-o cuidadosamente com feitiço e um remo improvisado para que não batesse nas rochas debaixo d'água nem ficasse preso nas raízes e nos galhos que se esticavam, até estar outra vez virado para fora. Ele estava prestes a voltar

adiante.

para o local de onde viera quando, de repente, as palavras se congelaram em seus lábios e seu coração ficou frio em seu peito. Ele olhou para trás, por cima do ombro. A sombra estava de pé atrás dele, no barco. Se ele tivesse perdido um segundo, estar-

ia acabado; mas estava preparado e se lançou para capturar e agarrar a criatura, que se agitava e tremia ali, ao alcance de sua mão. Nenhum feitico lhe serviria agora, mas apenas a própria carne de Ged, sua vida, contra o não vivo. Ele não disse uma única palavra, mas atacou, e o barco se lançou e inclinou com o súbito movimento. E uma dor percorreu seus braços até o peito, tirando-lhe o fôlego; um frio congelante o preencheu e ele deixou de enxergar: ainda assim, nada havia nas mãos que apertavam a sombra - escuridão, ar.

Ele tropeçou para a frente, segurando o mastro para impedir sua queda, e a luz atingiu seus olhos. Ele viu a sombra estremecer e se afastar dele, encolhendo-se, e então se esticar nas alturas por cima dele, por cima da vela, durante um instante. Depois, feito fumaça negra ao vento, a sombra girou e fugiu, sem forma, para dentro da água, na direção do portão brilhante entre os despenhadeiros.

Ged caiu de joelhos. O pequeno barco feito de feiticos se inclinou mais uma vez e balançou até parar nas águas inquietas. Ele se agachou, dormente, sem pensar, lutando para respirar até por fim sentir a água fria subir debaixo de suas mãos avisando-o de que ele devia prestar atenção ao barco. Os feiticos de amarração estavam enfraquecendo. Ele se pôs de pé, agarrando-se ao cajado que fazia as vezes de mastro e refez o feitico de amarração da melhor forma que conseguiu. Estava com frio e cansado; suas mãos e seus braços estavam doloridos e já não tinha poder. Queria se deitar naquele local escuro onde mar e montanha se

encontravam e dormir, dormir na água que se movia incansavelmente.

Ele não sabia dizer se a evalustão era fruto

Ele não sabia dizer se a exaustão era fruto de um feitiço que lhe fora posto pela sombra em fuga ou se viera do frio amargo de seu toque, ou ainda, da mera fome e da necessidade de sono, além do desgaste de suas forças; mas ele lutou contra ela, forçando-se a erguer um leve vento mágico contra a vela e seguir pela trilha marítima escura por onde a sombra fugira.

Todo o terror se fora. Toda a alegria se

fora. Não era mais uma perseguição. Ele não era a caça nem o caçador agora. Pela terceira vez eles tinham se encontrado e se tocado: Ged tinha, pela própria vontade, se voltado para a sombra, buscando segurá-la com mãos vivas. Ele não a segurara, mas tinha forjado uma ligação entre os dois, uma conexão que não tinha interrupção. Não havia necessidade de caçar a criatura, de rastreála, nem sua fuga ajudaria nisso. Ela não

conseguiria escapar. Quando eles tivessem que estar na mesma hora e no mesmo local para o último encontro, eles estariam. Mas, até lá, e em qualquer lugar, não

haveria descanso nem paz para Ged, dia ou noite, em terra firme ou no mar. Agora ele sabia – e o conhecimento lhe custara caro – que sua tarefa nunca tinha sido desfazer o que fizera, mas terminar o que começara.

Ele navegou entre os despenhadeiros escuros e, no mar, a manhã estava clara, com um vento leve soprando do norte.

Ele bebeu a pouca água que encontrou no

cantil de pele de foca e navegou as terras mais a oeste até chegar a um amplo desfiladeiro e uma segunda ilha a oeste. Então ele reconheceu o local, trazendo à mente as cartas marinhas do domínio do Leste. Eram as Mãos, um par de ilhas solitárias que estendem seus dedos-montanhas para o norte, na direção das terras de Kargad. Ele navegou entre as duas ilhas e, quando a tarde

da ilha a oeste. Ele tinha visto uma aldeia ali, acima da praia, onde um regato descia até o mar. Ged pouco se importava com a forma com que iam recebê-lo, contanto que conseguisse água, o calor do fogo e sono. Os aldeões eram pessoas grosseiras e tímidas. Ficaram impressionadas com o cajado de mago, cautelosas diante de um rosto desconhecido, mas foram hospitaleiras com alguém que vinha sozinho, pelo mar, antes da tempestade. Eles lhe deram carne e bebida em abundância, além do conforto do fogo e de vozes humanas falando a língua hárdica. Por fim – e esta foi a melhor parte

-, eles lhe deram água quente para tirar o frio e o sal do mar e uma cama onde poderia

dormir.

escurecia, com nuvens de tempestade vindo do norte, ele chegou à praia, na costa sudeste

Capítulo 9

Iffish

ed passou três dias naquela aldeia da parte oeste da ilha das Mãos, recuperando-se e aprontando o barco, que não era construído com feitiços e destroços do mar, mas sim com madeira sólida bem encaixada e calafetada, com um mastro robusto e uma vela; ele poderia navegar facilmente e dormir quando precisasse. Como a maioria dos navios do norte e dos domínios, ele tinha tábuas que se sobrepunham, presas umas às outras para dar

resistência em alto-mar; cada uma das outras partes era robusta e bem-feita. Ged reforçou a madeira do barco com feitiços, pois acreditava que talvez fosse longe nele. O barco fora construído para carregar dois ou três homens, e o velho a quem ele pertencia disse que ele e seus irmãos cruzaram altosmares e tempo ruim com o barco e que este se comportara elegantemente.

Ao contrário dos astutos pescadores de Gont, o velho, por medo ou por admirar sua feitiçaria, teria dado o barco de presente a Ged. Mas ele pagou o homem à maneira dos magos, curando seus olhos da catarata que estava em vias de cegá-lo. Então o velho, muito contente, lhe disse:

– Nós chamamos o barco Sanderling,

mas você pode chamar de *Velonge* e pintar um olho de cada lado da proa, e meus agradecimentos vão cuidar dessa madeira cega para você e mantê-lo longe de rochas e recifes. Pois eu tinha me esquecido de quanta luz há no mundo, até você devolvê-la a mim. Ged também fez outros serviços nos dias em que ficou naquela aldeia, sob as íngremes florestas da Mão, à medida que seu poder voltava. Eram pessoas como as que ele conhecera na infância, no vale norte de Gont, embora fossem mais pobres. Com elas, Ged se sentia em casa, como se nunca tivesse es-

tado nas cortes dos ricos, e conhecia as amargas necessidades delas sem ter que perguntar. Por isso, ele ergueu encantamentos de cura e proteção sobre as crianças que não andavam ou tinham aspecto doentio, e feitiços de multiplicação nos míseros rebanhos de cabras e ovelhas dos habitantes da ilha. Ele pôs a runa Simn em bilros e teares, os remos do barco e as ferramentas de bronze e pedra lhe foram trazidos para que pudessem desempenhar bem sua função; e escreveu a runa Pirr nas cumeeiras das cabanas, para proteger a casa e seus moradores do fogo, do vento e da loucura.

bem abastecido com água e peixe seco, Ged ainda ficou mais um dia na aldeia, ensinando ao jovem trovador os Feitos de Morred e as Canções de Havnor. Muito raramente um navio do Arquipélago alcançava as Mãos: canções feitas havia uma centena de anos eram novidade para seus habitantes, e eles ansiavam ouvir sobre os heróis. Se Ged estivesse livre do que lhe estava reservado, teria de bom grado ficado uma semana ou um mês para cantar o que sabia para eles, pois as grandes canções seriam conhecidas numa ilha nova. Mas ele não estava livre e partiria na manhã seguinte, navegando direto para o sul através dos amplos mares do domínio. A sombra partira para lá. Ele não precisava lançar feitiços para saber disso: tinha certeza, como se houvesse um fino cordão unindo os dois – por mais milhas, mares e terras que houvesse entre eles. Por isso, ele

prosseguiu seguro, sem pressa e sem

Quando o barco *Velonge* estava pronto e

esperança pelo caminho que deveria seguir, e o vento do inverno o conduziu para o sul.

Ele navegou por um dia e uma noite no mar solitário e, no segundo dia, alcançou uma pequena ilha, que lhe disseram que se chamava Vemish. No pequeno porto, os habitantes o fitaram com expressão desconfiada, e logo seu feiticeiro apareceu correndo. Ele olhou com ar severo para Ged e então fez uma mesura e falou com uma voz ao mesmo tempo pomposa e aduladora:

— Senhor mago, perdoe a minha ousadia

e nos honre aceitando de nós qualquer coisa de que o senhor possa precisar em sua viagem: comida, bebida, tecido para vela, cordame e frangos recém-assados, que minha filha está buscando neste momento. Creio ser prudente, no entanto, que o senhor siga seu caminho assim que for conveniente. O povo está alarmado. Não faz muito tempo, no dia antes de ontem, uma pessoa foi vista cruzando a pé nossa ilha, do norte para o sul,

e nenhum barco foi visto partindo com a pessoa a bordo. Parecia que não tinha sombra. Quem a viu diz que guardava semelhanças com o senhor.

Ao ouvir isso, Ged fez uma mesura com a cabeça, virou-se e voltou para as docas de Vemish, indo embora na embarcação sem olhar para trás. Ged não via vantagem em assustar os moradores da ilha nem em se tornar inimigo daquele feiticeiro. Ele preferia voltar a dormir no mar e refletir sobre as notícias que o feiticeiro lhe dera, pois ele ficara seriamente confuso com isso.

O dia terminou e a noite passou com chuva fria, murmurando sobre o mar durante as horas escuras até a aurora cinzenta. O vento suave do norte ainda empurrava o Velonge. No início da tarde, a chuva e o nevoeiro sumiram, e o sol brilhou de vez em quando. No fim da tarde, Ged viu bem à frente do curso as montanhas azuis e baixas de uma grande ilha, iluminadas pela luz solar de inverno que se deslocava. A fumaça das lareiras pairava, azul, acima dos telhados de ardósia de pequenas cidades entre as montanhas, uma visão agradável na vasta mesmice do mar.

Ged acompanhou uma frota de pesca até

Ged acompanhou uma frota de pesca até o porto e, ao subir as ruas da cidade no anoitecer dourado de inverno, descobriu uma hospedaria chamada O Harrekki, onde o fogo, a cerveja e as costelas de cordeiro assadas aqueceriam seu corpo e sua alma. Nas mesas da hospedaria, havia alguns viajantes, comerciantes do domínio do Leste, mas a maior parte dos homens era de moradores que vinham pela boa bebida, pelas novidades e pela conversa. Não eram pessoas tímidas e grosseiras como os pescadores das Mãos, mas verdadeiros cidadãos, alertas e tranquilos. Sem dúvida, eles sabiam que Ged era um mago, mas nada disseram sobre isso, a não ser o estalajadeiro, durante uma conversa – e ele era um homem falante. Mencionara que a cidade, Ismay, tinha sorte por compartilhar com outras cidades da ilha o inestimável tesouro de ter um mago treinado na escola de Roke, que recebera o cajado do próprio arquimago e que, embora estivesse fora da cidade no momento, habitara em sua ancestral residência, em Ismay. Portanto, não havia necessidade de outro praticante das artes elevadas.

 Como dizem: "dois cajados em uma cidade acabam se enfrentando", não é mesmo, senhor? – observou o homem, sorridente e muito animado.

Então Ged havia sido informado de que, por ser um mago viajante, que buscava viver de magia, ele não era bem-vindo ali. Fora dispensado grosseiramente de Vemish e com suavidade em Ismay, o que o deixou pensando sobre o que haviam lhe falado a respeito dos modos gentis do domínio do leste. Esta ilha era Iffish, o local onde Vetch nas-

cera. Não parecia tão hospitaleira quanto o

rapaz contara.

No entanto, ele viu que os habitantes tinham expressões muito gentis. Eles apenas sentiam o que Ged sabia ser verdade: que ele era diferente dos outros, estava à parte, que trazia uma maldição em si e era seguido por uma criatura das trevas. Era como um vento frio soprando através do recinto iluminado pela luz da fogueira, como um pássaro preto levado por uma tempestade de terras estrangeiras. Quanto antes ele seguisse, levando consigo o destino maligno, melhor para essas pessoas.

 Estou em uma jornada – falou para o estalajadeiro. – Ficarei aqui somente por uma ou duas noites. – Seu tom era sombrio.

O estalajadeiro lançou um olhar para o grande cajado de teixo no canto e não disse nada, mas encheu o copo de Ged com cerveja marrom até a espuma escorrer pela borda.

Ged sabia que devia passar apenas uma noite em Ismay. Não seria bem-vindo ali de algum lugar, mas cansado do mar frio e vazio e do silêncio, pois nenhuma voz conversava com ele. Ged dissera a si mesmo que passaria um dia em Ismay e, na manhã seguinte, partiria. Por isso, dormiu tarde. Quando acordou, uma leve tempestade de neve caía e ele perambulou por trilhas e atalhos da cidade para observar as pessoas ocupadas com seus afazeres. Ele observou crianças enroladas em capas de pele, construindo castelos e bonecos de neve, ouviu fofocas na rua por causa de portas abertas e observou o ferreiro em ação, um homem de rosto vermelho e suado, bombeando os compridos foles na braseira. Através das janelas iluminadas com a pouca luz dourada e avermelhada quando o breve dia escurecia, ele viu mulheres em seus teares, virando-se de vez em quando para falar ou sorrir para uma criança ou para o marido no calor do interior de casa. Ged viu todas essas coisas do lado de

nem em lugar nenhum. Ele estava a caminho

fora, distante e solitário, e seu coração estava muito pesado dentro dele, embora não admitisse para si mesmo que estava triste. Quando a noite caiu, ainda perambulava pelas ruas, relutando em voltar à hospedaria. Ele ouviu um homem e uma garota convers-

ando alegremente enquanto desciam a rua e

passavam por ele na direção da praça, e subitamente se virou, pois reconheceu a voz do homem.

Ele foi atrás e alcançou o casal, ficando ao lado deles no fim do crepúsculo, iluminado somente pelo brilho de lanternas distantes. A garota recuou, mas o homem o encarou e então ergueu o cajado que trazia, segurando-o entre eles como uma barreira para se defend-

er de uma ameaça ou um ato maligno. E isso foi, de certa forma, mais do que Ged podia suportar. Sua voz tremeu um pouco quando

Achei que você me reconheceria, Vetch.
 Mesmo nesse momento Vetch hesitou.

ele falou:

- Eu conheço você falou, baixando o cajado, pegando a mão de Ged e abraçando-o, envolvendo-o na altura dos ombros. Eu conheço você! Bem-vindo, meu amigo, bem-vindo! Que triste recepção eu lhe dei, como se você fosse um fantasma vindo de muito longe... e eu esperei sua vinda e procurei você...
- Então você é o mago do qual se orgulham em Ismay? Imaginei...
- Ah, sim, sou o mago; mas, ouça, deixeme dizer por que não o reconheci. Talvez tenha procurado demais por você. Há três dias... Você esteve aqui, em Iffish, há três dias.
 - Eu cheguei ontem.
- Há três dias, numa rua em Quor, a aldeia que fica lá em cima, nas montanhas, eu vi você. Isto é, eu vi alguém muito parecido, uma imitação sua ou talvez simplesmente um homem que tinha a sua cara. Ele estava à minha frente, saindo da cidade, e dobrou a curva na estrada enquanto eu o

observava. Eu chamei, mas não obtive resposta nem o encontrei; tampouco havia rastro; mas o solo estava congelado. Foi estranho. E agora, ao ver você saindo das sombras desse jeito, pensei que estivesse sendo enganado novamente. Desculpe-me, Ged! Ele falou o verdadeiro nome de Ged baix-

inho, de modo que a garota que estava parada e esperava um pouco atrás não o ouvisse. Ged também falou baixinho e usou o ver-

dadeiro nome do amigo:

- Não importa, Estarriol. Mas este sou eu, e fico feliz em vê-lo...

Vetch ouviu, talvez, mais do que mera alegria na voz de Ged. Ele ainda não soltara o ombro de Ged, e falou então na língua verdadeira:

- Você vem da escuridão e traz um problema, Ged; ainda assim sua chegada me alegrou.

Então Vetch prosseguiu falando a língua

 Ora, venha conosco, nós vamos para casa, é hora de sair da escuridão! Esta é minha irmã caçula, mais bonita do que eu,

hárdica em seu sotaque do domínio:

como pode ver, mas muito menos esperta: seu nome é Milefólio. Milefólio, este é o Gavião, o melhor de nós e meu amigo. - Senhor mago - cumprimentou a garota

e decorosamente acenou com a cabeça, ocultando os olhos com as mãos para mostrar respeito, como faziam as mulheres no domínio do Leste; seus olhos, quando não estavam ocultos, eram claros, tímidos e curiosos.

Ela talvez tivesse 14 anos, era morena como o irmão, mas muito esguia e elegante. Na manga da blusa, estava preso, com asas e garras, um dragão não maior do que sua mão.

Eles seguiram pela rua escura, e Ged observou enquanto prosseguiam:

- Em Gont, dizem que as mulheres são

corajosas, mas nunca vi uma donzela usar um dragão como bracelete. O comentário fez Milefólio rir, e ela lhe

O comentario fez Milefolio rir, e ela lhe respondeu diretamente:

– Isso é apenas um harrekki. Vocês não têm harrekkis em Gont?

Então ela voltou a ficar tímida por um instante e escondeu os olhos.

- Não. Nem dragões. Essa criatura não é um dragão?
- Um pequeno, que mora em carvalhos e come vespas, larvas e ovos de pardal... Ele não cresce muito mais do que isso. Oh, senhor, meu irmão me contou várias vezes sobre o bichinho que o senhor teve, a criaturinha selvagem, o otak... o senhor ainda o tem?
 - Não. Não mais.

Vetch virou-se para ele com uma pergunta na ponta da língua, mas se calou e perguntou mais tarde, quando os dois estavam sentados, sozinhos, perto do fogo de pedra da casa dele. ilha de Iffish, Vetch fizera de Ismay seu lar, esta pequena cidade onde ele nasceu, morando com o irmão mais novo e a irmã. Seu pai fora um comerciante marítimo com alguns recursos, e a casa era espaçosa e sólida, com muita louça caseira e rica e tecidos finos, além de recipientes de bronze e latão em prateleiras e baús entalhados. Uma grande harpa de Taoni se encontrava num canto do cômodo principal, e o tear de Milefólio em outro, sua moldura comprida entalhada com mármore. Ali Vetch, apesar dos modos silenciosos e simples, era ao mesmo tempo um poderoso mago e senhor da própria casa. Havia um casal de servos idosos, caminhando pela casa, e o irmão, um rapaz jovial, além de Milefólio, rápida e silenciosa como um pequeno peixe. Ela serviu o jantar aos dois irmãos e comeu com eles, ouvindo sua

conversa, e depois se esgueirou para o próprio quarto. Todas as coisas eram bem-

Embora fosse o mago principal de toda a

- fundadas, pacíficas e seguras. E Ged, olhando ao redor do cômodo com a fogueira, observou:

 É assim que um homem deve viver. E suspirou.
- Ora, é um bom modo falou Vetch. –
 Há outros, porém. Agora, rapaz, me conte, se conseguir, o que aconteceu com você desde que nos falamos pela última vez há dois anos. E me conte em que jornada você se meteu, pois vejo que não vai ficar muito

Ged lhe contou e, quando acabou, Vetch sentou-se ponderando por um longo tempo.

- Eu vou com você, Ged finalmente falou.
 - Não.

tempo conosco.

- Acho que vou, sim.
- Não, Estarriol. Não é sua tarefa nem seu flagelo. Comecei sozinho este curso maligno e vou terminá-lo sozinho, não quero que outro sofra por causa disso... você, que

tentou manter a minha mão longe do ato maligno desde o começo, menos que todos. — A vaidade era o mestre de sua mente —

falou o amigo sorrindo, como se conversassem sobre algum assunto sem importância. – Agora pense: é sua busca, sem dúvida, mas, se você fracassar, não deveria haver alguém

que pudesse levar o aviso ao Arquipélago? Pois a sombra seria então muito poderosa. E se você derrotar a criatura, não deveria haver alguém para contar ao Arquipélago para que os feitos possam ser conhecidos e cantados? Sei que posso não lhe ser útil; ainda assim,

Eu não devia ficar aqui um dia. Eu sabia, mas fiquei – observou Ged, que não poderia dizer não ao amigo.
Magos não se encontram por acaso,

acho que deveria ir com você.

rapaz – completou Vetch. – Afinal, como você mesmo disse, eu estava no começo de sua jornada. É certo que eu deva acompanhar você até o fim. Ele pôs lenha nova no fogo e os dois ficaram sentados, fitando as chamas durante algum tempo.

- Há uma pessoa de quem não tive notícias desde aquela noite no monte de Roke, e não tenho coragem de perguntar a ninguém da escola sobre ele: Jaspe.
 Ele nunca recebeu o cajado. Deixou
- Roke naquele mesmo verão e seguiu para a ilha de O, para tornar-se feiticeiro na casa do Senhor de O-tokne. Não sei mais nada a respeito dele.

Mais uma vez os dois ficaram em silêncio, observando o fogo e desfrutando do calor (pois era noite fria) em suas pernas e seus rostos, enquanto ficavam sentados na ampla proteção da braseira, com os pés praticamente entre os carvões.

Ged por fim falou em voz baixa:

 Há algo que eu temo, Estarriol. E que me assusta ainda mais se você estiver comigo quando eu for. Nas Mãos, no extremo da ilha, eu me deparei com a sombra, ela estava ao meu alcance e eu tentei pegá-la. E nada havia para segurar. Eu não consegui derrotá-la. Ela fugiu, eu segui. Mas isso pode acontecer de novo e de novo. Não tenho poder sobre a criatura. Pode não haver morte nem triunfo no final desta missão; nada para cantar; nenhum fim. Pode ser que eu tenha que passar a vida correndo de mar em mar, de terra em terra, numa busca infinita e vã pela sombra.

Não fale uma coisa dessas! – disse
 Vetch, virando a mão esquerda no gesto que dispensa a má sorte da qual se está falando.

Apesar de todos os pensamentos sombrios, o gesto fez Ged sorrir um pouco, pois é mais um encanto de criança que de um mago; sempre via em Vetch essa inocência de aldeia. Ainda assim, ele também era atento, sagaz e ia direto ao assunto.

 Esse é um pensamento sombrio e creio que falso. Acho que o que eu vi tem início e que posso ver seu fim. De algum modo, você vai conhecer a natureza da criatura, seu ser, o que é, e assim segurá-la, amarrá-la e derrotá-la, embora seja difícil descobrir o que é... Uma coisa me preocupa, pois não a compreendo: parece que agora a sombra caminha com a sua forma ou com um tipo de semelhança, no mínimo, como dizem em Vemish e que eu vi aqui em Iffish. Como isso pode acontecer e qual a razão de nunca ter acontecido no Arquipélago?

— Como dizem: "As regras mudam nos

Como dizem: "As regras mudam nos domínios."

- Sim. Um ditado verdadeiro, posso lhe garantir. Há bons feitiços que aprendi em Roke que não têm poder aqui ou que deixam de ser adequados, e também há feitiços que funcionaram aqui mas eu nunca aprendi em Roke. Toda região tem os próprios poderes e, quanto mais nos afastamos das regiões interiores, menos podemos imaginar os poderes e seu domínio. Mas não creio que

- seja apenas isso que opere essa mudança na sombra.
- Nem eu. Creio que, quando parei de fugir dela e me voltei contra a criatura, essa mudança da minha vontade lhe deu forma e contorno, embora o mesmo ato tenha evitado que ela sugasse meus poderes. Todos os meus atos têm nela um eco; é minha criatura.
- Em Osskil, ela nomeou você e assim impediu qualquer feitiço que você pudesse ter usado contra ela? Por que não fez isso de novo, aqui nas Mãos?
- Não sei. Talvez ela retire o poder de falar apenas da minha fraqueza. Ela fala quase com a minha língua: pois de que outra forma saberia meu nome? Eu tenho pensado nisso desde que deixei Gont e não consigo encontrar a resposta. Talvez não possa falar em sua própria forma, ou na falta dela, mas somente com uma língua emprestada, como a de um gebbeth. Não sei.

- Então você deve estar atento para encontrá-la na forma de gebbeth uma segunda vez.
 Creio que não retrucou Ged, estic-
- ando as mãos para os carvões em brasa como se sentisse frio por dentro. – Agora ela está ligada a mim, como eu a ela. Não pode se livrar de mim de modo a capturar outro ser humano e esvaziá-lo de sua própria vontade e seu ser, como fez com Skiorh. Ela pode me possuir. Se um dia eu voltar a fraquejar e tentar escapar, romper a ligação, ela vai me possuir. Quando eu a segurei com todas as minhas forças, ela se tornou mero vapor e escapou... E vai fazer isso novamente, portanto não pode de fato escapar, pois eu sempre conseguirei encontrá-la. Estou ligado a essa criatura vil e cruel, e estarei para sempre, a menos que possa aprender a palavra que a domina: seu nome.

Lamentando, o amigo perguntou:

– Há nomes nos domínios das trevas?

- O arquimago Gensher disse que não.
 Meu mestre Ogion respondeu o contrário.
- "Infinitas são as discussões dos magos"
 citou Vetch, com um sorriso ligeiramente triste.
- Aquela que servia aos poderes antigos em Osskil jurou que a pedra diria o nome da sombra, mas não acreditei. No entanto, também houve um dragão que ofereceu o nome da criatura em troca de que eu não usasse seu nome contra ele. E eu pensei que, nas questões que os magos discutem, os dragões poderiam saber mais.
- Sim, mas improvável. Mas que dragão é esse? Você não me contou que andou conversando com dragões desde a última vez que nos vimos.

Eles conversaram até tarde naquela noite e, embora sempre voltassem à difícil questão do que estava diante de Ged, seu prazer em estarem juntos era maior; o amor entre os dois era forte, inabalável pelo tempo ou o sonolento, sentiu um bem-estar muito grande, como se estivesse num lugar totalmente protegido do mal. Durante todo o dia, um pouco dessa paz sonhada se manteve em seus pensamentos, e ele a considerou não um bom presságio, mas um dom. Parecia que, ao deixar esta casa, ele deixaria o último refúgio que conhecia. Por isso, enquanto durasse o breve sonho, ele ficaria feliz nele.

Vetch tinha algumas pendências para re-

acaso. Naquela manhã, Ged acordou sob o teto do amigo e, enquanto ainda estava

solver antes de deixar Iffish, então partiu para as outras aldeias da ilha com o rapaz que lhe servia como aprendiz de feiticeiro. Ged ficou com Milefólio e seu irmão, chamado Airo, que, em idade, estava entre ela e Vetch. Ele não parecia muito mais do que um garoto, pois não havia o dom-castigo do poder mágico nele, e nunca fora a lugar nenhum além de Iffish, Tok e Holp. Sua vida era calma e sem dificuldades. Ged o observou,

mesma forma que ele observava Ged: para um e outro, parecia muito estranho que alguém fosse tão diferente e, ainda assim, tivesse a mesma idade, 19 anos. Ged se maravilhou. A vida de alguém de 19 anos podia ser tão despreocupada... Admirando a expressão receptiva e alegre de Airo, ele se sentiu emaciado e grosseiro, sem imaginar que o outro invejava as cicatrizes que riscavam sua face e as considerava a trilha das patas de um dragão e a própria runa e a marca de um

maravilhado e com um pouco de inveja, da

Os dois jovens, portanto, ficavam um pouco tímidos um diante do outro, mas Milefólio logo perdeu seu temor de Ged, já que estava na própria casa e nela mandava. Ele era gentil com a garota e muitas foram as perguntas que ela lhe fez, pois Vetch, dizia a irmã, nunca lhe contava nada. Ela se manteve ocupada naqueles dois dias, preparando bolos de trigo secos para os

herói.

viajantes e embrulhando peixe e carne defumados e outras provisões para guardarem no barco, até Ged lhe pedir que parasse, pois ele não planejava ir até Selidor sem parada.

- Onde fica Selidor?
- Muito longe, no domínio do Oeste, onde os dragões são comuns como camundongos.
- Melhor ficar no do Leste então, pois nossos dragões são pequenos como camundongos. Aqui está a carne. O senhor tem certeza de que é suficiente? Sabe, eu não compreendo: o senhor e o meu irmão são magos poderosos, o senhor faz um gesto com a mão, murmura, e a coisa acontece. Por que então ficam com fome? Por que, no mar, não dizem "bolo de carne!" na hora do jantar e o bolo de carne aparece para vocês comerem?
- Ora, nós poderíamos fazer assim. Mas não queremos comer nossas palavras, como dizem por aí. "Bolo de carne!", no fim das contas, é apenas uma expressão... Podemos

torná-la cheirosa e saborosa, e até substanciosa, mas continua sendo apenas palavras. Engana o estômago, mas não dá força a um homem faminto.

- Então os feiticeiros não são cozinheiros
 concluiu Airo, que estava sentado diante do fogão da cozinha e do lado oposto de Ged, entalhando a tampa de uma caixa de madeira fina; ele era artesão de ofício, embora não fosse muito cuidadoso.
- Nem os cozinheiros são feiticeiros, infelizmente falou Milefólio, de joelhos para ver se a última fornada de bolos que estava assando nos tijolos do fogão estava ficando dourada.
 Mas eu ainda não compreendo, Gavião. Tenho observado meu irmão e até o aprendiz dele fazerem luz em um local escuro simplesmente dizendo uma palavra. E a luz brilha, é luminosa, não é uma palavra, mas é uma luz com que você pode iluminar
- seu caminho!
 Sim respondeu Ged. A luz é um

nós existimos, mas que existe além de nossas necessidades, por si mesma. A luz do sol e a luz das estrelas são tempo, e tempo é luz. Sob a luz do sol, em dias e em anos, a vida existe. Em um lugar escuro, a vida pode invocar a luz, nomeando-a, mas normalmente, quando vemos um mago nomear ou chamar alguma coisa, o objeto que deve aparecer não é a coisa mesma. Ele não é capaz de invocar poder maior do que ele mesmo, e o que aparece é apenas uma ilusão. Para invocar alguma coisa que não está lá, chamá-la dizendo seu verdadeiro nome, usa-se um feitiço muito difícil que não deve ser executado desnecessariamente. Nem pela fome. Milefólio, seu pequeno dragão roubou um dos bolos. Milefólio ouvia com tanta atenção, encarando Ged enquanto ele falava, que não

viu que o harrekki descera do poleiro quentinho na alça da chaleira sobre o fogão e

poder. Um grande poder, por meio do qual

roubara um bolinho maior do que ele próprio. Ela pegou a pequena criatura escamosa nos joelhos e lhe ofereceu pedacinhos e migalhas, enquanto refletia sobre o que Ged lhe contara. — Então você não invocaria um bolo de

- carne de verdade para não atrapalhar aquilo de que meu irmão está sempre falando... esqueço o nome...
- O equilíbrio retrucou Ged gravemente, pois ela estava muito séria.
- Isso. Mas quando você naufragou, navegou num barco feito, em grande parte, de feitiços, e ele não fez água. Foi uma ilusão?
- Ora, em parte era uma ilusão, porque eu fico inquieto vendo o mar através de grandes buracos no meu barco. Então eu cobri todos, por uma questão de aparência. Mas a resistência do barco não é uma ilusão, nem invocação, mas foi feito com outro tipo de arte, um feitiço de amarração. A madeira

- foi amarrada como um todo, uma coisa inteira, um barco. O que é um barco senão uma coisa que não faz água?
- Eu já resgatei alguns barcos que faziam água – falou Airo.
- Ora, o meu também faria, se eu não prestasse atenção constante ao feitiço.
 Ele se inclinou do banco no canto e pegou um bolinho de cima dos tijolos, balançando-o nas mãos.
 Eu também roubei um.
- Então você queimou os dedos. E quando estiver faminto na água deserta entre as ilhas distantes, vai se lembrar do bolo e dizer: "Ah! Se eu não tivesse roubado aquele bolinho, eu poderia comê-lo agora!" E eu vou comer o do meu irmão para ele passar fome junto com você...
- Assim o equilíbrio se mantém observou Ged, enquanto ela pegava e mastigava com vontade um bolinho quente, semitostado; e isso a fez rir e engasgar. Mas voltando a parecer séria, ela disse:

- Gostaria de poder realmente compreender o que você diz. Sou muito burra.
- Irmãzinha falou Ged –, é que eu não tenho talento para explicar. Se tivéssemos mais tempo...
- Vamos ter mais tempo emendou Milefólio. – Quando meu irmão voltar para casa, você vai voltar com ele, pelo menos por algum tempo, não vai?
- Se eu puder respondeu ele delicadamente.

Fez-se uma breve pausa e Milefólio perguntou, observando o harrekki subir de novo em seu poleiro:

— Me diga apenas isso, se não for um se-

- Me diga apenas isso, se não for um segredo: que outros poderes existem, além da luz?
- Não é segredo. Todo poder é um só em sua fonte e seu fim, acho. Anos e distâncias, estrelas e velas, água, vento e feitiçaria, a arte nas mãos de um homem e a sabedoria na raiz de uma árvore: todos surgem juntos.

Meu nome, o seu e o verdadeiro nome do sol, de uma fonte de água ou de uma criança que ainda não nasceu, tudo isso são sílabas da grande palavra que lentamente está sendo pronunciada pelo brilho das estrelas. Não existe outro poder nem outro nome.

Com a faca na madeira entalhada, Airo perguntou:

– E quanto à morte?

A garota ouvia com atenção, a cabeça preta e reluzente curvada para baixo.

- preta e reluzente curvada para baixo.
 Para uma palavra ser dita respondeu
- Ged deve haver o silêncio. Antes e depois. Então, subitamente, ele se levantou e disse: Eu não tenho o direito de falar a vo-

disse: – Eu não tenho o direito de falar a vocês sobre essas coisas. O que eu deveria dizer, eu disse errado. É melhor ficar calado; não vou voltar a falar. Talvez não haja poder verdadeiro além das trevas.

E Ged saiu de perto do fogo e da cozinha quente, pegando a capa e indo para o chuvisco fino de inverno nas ruas.

- Ele está sob uma maldição falou Airo,
 lançando um olhar medroso às costas dele.
 Acho que esta jornada vai conduzi-lo à
- morte disse a garota –, e ele tem medo disso, embora siga adiante.

Ela ergueu a cabeça como se observasse, através da chama vermelha do fogo, a maldição de um barco que atravessava os mares de inverno, sozinho, e seguia até os mares vazios. Então seus olhos se encheram de lágrimas por um momento, mas ela não disse uma palavra.

Vetch voltou para casa no dia seguinte e pediu aos notáveis de Ismay permissão para viajar. Eles não gostaram de deixá-lo partir para alto-mar em pleno inverno, numa missão mortal que nem sequer era sua. Mas embora o reprovassem, nada havia que pudessem fazer para impedi-lo. Cansado dos idosos que o irritavam, ele falou:

 Eu pertenço a vocês, por parentesco, costume e pelo ofício que tomei junto a cordarem que, embora eu seja um servo, não sou servo dos senhores. Quando eu estiver livre para voltar, voltarei. Até lá, adeus. Ao amanhecer, conforme a luz cinzenta emergia do mar a leste, os dois jovens

vocês. Eu sou seu mago. Mas é hora de se re-

emergia do mar a leste, os dois jovens partiram no Velonge do porto de Ismay, levantando uma vela muito bem tecida ao vento norte. Nas docas, Milefólio ficou parada e os observou partir, como as esposas e irmãs dos marinheiros de toda a Terramar fazem, sem acenar nem gritar. Ficam lá paradas, imóveis, vestidas com capa e capuz cinza ou marrom, na praia que vai ficando cada vez menor à medida que a faixa de água entre eles aumenta.

Capítulo 10

O Mar Aberto

O refúgio agora estava longe da vista, e os olhos pintados do *Velonge*, encharcados pelas ondas, olhavam à frente os mares cada vez mais amplos e desolados. Em dois dias e noites, os companheiros fizeram a travessia de Iffish para a ilha de Soders, uma centena de milhas de tempo ruim e ventos contrários. Eles ficaram ali no porto brevemente, tempo suficiente apenas para encher o cantil e comprar lona coberta com alcatrão para proteger parte do equipamento da chuva e da água do

antes porque normalmente um mago cuida de pequenos problemas por meio de feiticos, do tipo mais comum e, de fato, é necessária pouca magia para tornar potável a água do mar, poupando o incômodo de ter que carregar água fresca. Mas Ged parecia muito disposto a não usar sua arte e a não deixar Vetch fazê-lo. Ele apenas disse que era melhor não fazer isso, e o amigo não fez perguntas nem discutiu. Quando o vento encheu a vela, os dois tiveram um pressentimento pesado, frio como aquele clima invernal. Agora eles seguiam um caminho no qual todos os acontecimentos eram perigosos e nenhum ato era sem sentido. Nessa jornada, dizer o menor feitiço poderia mudar o acaso e deslocar o equilíbrio entre poder e destruição: pois agora eles iam para o centro desse mesmo equilíbrio, em direção ao local onde luz e trevas se encontram. Aqueles que o percorrem não dizem uma palavra sequer

mar. Eles não tinham providenciado isso

descuidadamente.

Navegando e percorrendo as praias de Soders, onde campos de neve brancos desa-

Soders, onde campos de neve brancos desapareciam em montanhas nevoentas, Ged levou o barco novamente para o sul, e agora eles entraram nas águas que os grandes comerciantes do Arquipélago nunca alcançam, a borda mais afastada do domínio.

Vetch não fez perguntas sobre o curso, sabendo que Ged não o escolhera, apenas seguia para onde devia ir. A ilha de Soders ficava cada vez menor e mais apagada atrás deles, as ondas sibilavam e batiam em sua proa e a grande planície cinzenta de água os circulava até o limite do céu, quando Ged perguntou:

- Que terras se encontram adiante neste curso?
- Ao sul de Soders não há terras. A sudeste, navegando, encontra-se alguma coisa: Pelimer, Kornay, Gosk e Astowell, que também se chama Finisterra. Além dela, o

- mar Aberto.

 E para o sudoeste?

 Rolameny, uma das nossas ilhas do
- domínio do Leste, além de pequenas ilhotas perto dela. Depois, nada até entrar no domínio do Sul: Rood, Toom e a ilha de Ear, aonde homem nenhum vai.
- Pode ser que tenhamos que ir falou
 Ged, de mau humor.
- Eu preferia que não retrucou Vetch. É uma parte desagradável do mundo, dizem, cheia de ossos e presságios. Os marinheiros dizem que há estrelas que são vistas das águas perto das ilhas de Ear e Far Soor que não podem ser vistas em nenhum outro lugar e nunca receberam nomes.
- Sim, um marinheiro no navio que primeiro me trouxe a Roke comentou isso. E ele contou histórias sobre o Povo das Balsas no extremo domínio do Sul, que só ia até terra firme uma vez ao ano, para cortar os grandes troncos para as balsas, e no restante

do ano, todos os dias do mês, navegavam à deriva nas correntes do oceano e perdiam qualquer terra de vista. Eu gostaria de ver essas aldeias de balsas.

– Eu não – disse Vetch, sorrindo. – Me

- dê terra firme e povos de terra; o mar em seu leito e eu no meu... – Eu queria poder ter visto todas as cid-
- ades do Arquipélago comentou Ged enquanto segurava o cordame da vela, observando os desertos cinzentos e amplos à frente deles. – Havnor, no coração do mundo, Éa, onde os mitos nasceram, e Shelleth das Fontes, em Way; todas cidades e regiões grandiosas. E as regiões pequenas, as estranhas regiões dos domínios Distantes; elas também. Navegar direto até o Covil dos Dragões, mais distante, no oeste. Ou até o norte, pelas banquisas, direto até as terras de Hogen. Alguns dizem que é uma região maior que todo o Arquipélago; outros dizem que são meros recifes e rochas com gelo

de ver as baleias nos mares do norte... mas não posso. Há um lugar aonde tenho que ir, e tenho que dar as costas às praias iluminadas. Eu estava com pressa demais e agora não me restou tempo nenhum. Troquei toda a luz do

sol, as cidades e as terras distantes por um

entre si. Ninguém sabe. Talvez eu gostasse

punhado de poder, por uma sombra, pelas trevas.

Então, de acordo com a vontade mágica, Ged transformou seu medo e arrependimento numa canção, um breve lamento cantado a meia voz e que não era apenas para ele. E seu amigo retrucou dizendo as palavras do herói dos *Feitos de Erreth-Akbe*: "Oh,

Havnor..."
Então eles navegaram em seu estreito curso acima das águas amplas. Naquele dia, o máximo que viram foi um cardume de peixes prateados nadando rumo ao sul, mas

que eu possa ver o núcleo branco da terra mais uma vez, as torres brancas de nenhum golfinho saltou e nenhum bando de gaivotas e outras aves marinhas irrompeu no ar cinzento. Conforme o leste escurecia e o oeste ficava cada mais avermelhado, Vetch pegou a comida e a dividiu entre os dois, dizendo:

 Aqui está a última cerveja. Eu bebo àquela que pensou em pôr a bordo o barril para homens sedentos no clima frio: minha irmã, Milefólio.

Ao ouvir isso, Ged saiu de seus pensamentos sombrios e parou de fitar o mar distante. Saudou Milefólio com mais seriedade, talvez, que Vetch. Pensar nela lhe trouxe à mente a lembrança de sua doçura infantil e sábia. Ela não era como ninguém que ele já tivesse conhecido – que outra garota jovem ele conhecera, afinal? Mas nunca havia pensado nisso até então.

Ela é como um peixinho, bem pequeno,
que nada num regato cristalino – falou. –
Indefesa, mas, ainda assim, não dá para

pegá-la.

Ao ouvir isso, Vetch olhou fixamente para ele. sorrindo.

 Você é um mago mesmo – disse. – O verdadeiro nome dela é Kest.

Na língua antiga, *kest* quer dizer peixinho, como Ged bem sabia; e isso o agradou profundamente. Mas depois de um tempo ele falou, em voz baixa:

Você não deveria ter dito o nome dela.

Mas Vetch, que nada fazia displicentemente, retrucou:

 O nome dela está seguro com você, assim como o meu. E, além disso, você já sabia antes de eu lhe dizer...

O vermelho se tornou cinza no oeste, e o cinza pálido virou negro. Todo o mar e o céu estavam completamente escuros. Ged se deitou no chão do barco para dormir, enrolado em sua capa de lã e pele. Vetch, segurando o cordame, cantou baixinho os *Feitos de Enlad*, a canção que diz como o mago

galé sem remos e, ao chegar à ilha Solea, viu Elfarran nos pomares, na primavera. Ged dormiu antes que a canção chegasse ao triste fim de seu amor: a morte de Morred, a ruína de Enlad, as ondas do mar, vasto e violento, tomando conta dos pomares de Solea. Perto da meia-noite, Ged acordou e voltou a vigiar enquanto Vetch dormia. O pequeno barco seguia acima das pequenas ondas, movendose com o vento forte que se inclinava na vela, correndo cegamente através da noite. Mas as nuvens foram rompidas e antes da aurora a luz brilhou entre nuvens de beirada marrom e lançou uma luz tênue sobre o mar. - A lua míngua na própria escuridão -

Morred, o Branco, deixou Havnor em sua

murmurou Vetch, desperto ao amanhecer, quando, por um instante, o vento frio diminuiu.

Ged ergueu o olhar para aquele meio anel branco acima das águas à leste, mas nada disse. A escuridão da lua que segue de Trégua, e é o polo contrário dos dias da Lua e da Longa Dança no verão. É uma época infeliz para viajantes e doentes; as crianças não recebem seu nome verdadeiro e nenhum feito é cantado, nem espadas ou ferramentas pontiagudas são afiadas. Nenhuma

imediatamente ao Retorno do Sol é chamada

promessa é feita. É o eixo escuro do ano, quando o que é feito é malfeito. Eles estavam três dias distantes de Soders, seguindo as aves marinhas e os detritos da praia até Pelimer, uma pequena ilha encurvada bem alto acima dos mares cinzentos. Os habitantes falavam a língua hárdica, mas à própria maneira, de modo que até mesmo Vetch estranhou. Os jovens foram até a praia em busca de água e descanso do mar

e, de início, foram bem recebidos, com admiração e comoção. Havia um feiticeiro na principal cidade da ilha, mas ele estava louco. Falava apenas da grande serpente que estava comendo as fundações de Pelimer de tal gando feito um barco que tivesse se soltado e deslizar até os limites do mundo. Primeiro, ele saudou os jovens feiticeiros de modo cortês, mas à medida que falava da serpente, começou a olhar desconfiado para Ged: e então partiu para cima dos dois ali na rua, chamando-os de espiões e servos da Serpente do Mar. Os pelimérios os observaram com expressão severa depois disso, pois, embora fosse louco, ele era seu feiticeiro. Por isso, Ged e Vetch não ficaram por muito tempo e partiram antes do anoitecer, indo

modo que, em breve, a ilha deveria sair nave-

sempre para o sul e o leste. Nesses dias e noites de navegação, Ged não falou da sombra nem de sua missão; e o máximo que Vetch perguntava era – posto que seguiam o mesmo curso cada vez mais distante das terras conhecidas de Terramar:

– Você tem certeza?

Ao que Ged somente respondia: O ferro tem certeza sobre onde se encontra o ímã? Vetch assentia e eles prosseguiam, sem dizer mais nada. De tempos em tempos, falavam sobre as artes e os meios que magos

de antigamente tinham encontrado para descobrir o nome oculto dos poderes e seres malignos: como Nereger de Paln descobrira o nome do Mago das Trevas ouvindo uma conversa entre dragões e como Morred vira o nome do inimigo escrito nas gotas de chuva que caíam na terra do campo de batalha das planícies de Enlad. Eles falaram sobre feiticos de encontro e invocações, e a respeito daquelas Perguntas Respondíveis que somente o Mestre das Formas de Roke pode perguntar. Mas muitas vezes Ged terminava murmurando palavras que Ogion tinha lhe dito na beirada do monte de Gont no outono havia muito tempo: "Para ouvir, deve-se estar calado..." E ele silenciava e meditava, hora após hora, sempre observando o mar à frente, na rota do barco. Algumas vezes, parecia a Vetch que seu amigo via, através das ondas, das milhas e dos dias futuros cinzentos, a criatura que eles seguiam e o fim escuro de sua viagem. Eles passaram entre Kornay e Gosk com

tempo ruim, sem ver as duas ilhas em meio à chuva e ao nevoeiro. Apenas no dia seguinte souberam que passaram por elas, ao verem à frente uma ilha com despenhadeiros semelhantes a um pináculo acima dos quais gaivotas giravam em bandos imensos cujo clamor podia ser ouvido de muito longe no mar. Vetch falou:

- Pela aparência, deve ser Astowell. Finisterra. A leste e ao sul, os mapas estão em branco.
- Ainda assim, quem mora ali pode conhecer terras mais distantes – respondeu Ged.
- Por que você diz isso? perguntou
 Vetch, pois Ged tinha falado com inquietação; e sua resposta a isso foi hesitante e estranha.

Não ali – falou, fitando Astowell mais à frente e, além dela ou através dela. – Não ali.
Não no mar. Não no mar, mas em terra seca e firme: que terra? Antes das fontes do mar Aberto, além de sua foz, atrás dos portões da luz do dia...

Então ele silenciou e, quando voltou a falar, foi num tom de voz comum, como se estivesse livre de um feitiço ou uma visão e não tivesse lembrança daquilo.

O porto de Astowell a boça de um regato

O porto de Astowell, a boca de um regato entre morros rochosos, ficava na praia mais ao norte da ilha, e todas as cabanas da cidade estavam voltadas para o norte e o oeste; era como se a ilha sempre voltasse sua face, mesmo de longe, para Terramar, para a humanidade.

Agitação e tristeza esperavam a chegada

Agitação e tristeza esperavam a chegada dos estrangeiros, em uma época na qual barco nenhum se arriscava nos mares ao redor de Astowell. Todas as mulheres ficaram nas cabanas, espiando por trás da as, recuando, temerosas, para a escuridão das cabanas quando os estranhos apareceram na ilha, vindos da praia. Os homens, magros e malvestidos contra o frio, se reuniram em um círculo solene ao redor de Vetch e Ged, e cada um deles segurava um machado de pedra ou uma faca de conchas. No entanto, assim que o medo passou, fizeram os estranhos se sentirem bem-vindos e as perguntas foram intermináveis. Raramente um barco ia até lá, mesmo vindo de Soders ou Rolameny, e eles nada tinham para trocar por bronze ou objetos finos; não tinham nem mesmo madeira. Seus

porta, com os filhos escondidos por suas sai-

barcos eram mais botes feitos de algas entrelaçadas, e era necessário um marinheiro corajoso para se afastar até Gosk ou Kornay em tal embarcação. Eles viviam sozinhos ali, no limite de todos os mapas. Não tinham bruxa nem feiticeiro e pareciam não reconhecer os cajados dos jovens magos pelo que quipélago. Sendo assim, Ged era uma maravilha para eles; os homens trouxeram seus filhos pequenos para olhar para ele, para que pudessem lembrar quando ficassem velhos. Eles nunca tinham ouvido falar de Gont, somente de Havnor e Éa, e achavam que Ged fosse o Senhor de Havnor. Ele fez o possível para responder suas perguntas sobre a cidade branca que nunca vira. Mas foi ficando inquieto à medida que a noite chegava. Finalmente, perguntou aos homens da aldeia, sentados amontoados em torno da braseira, o que havia a leste daquelas terras. Os homens ficaram em silêncio; alguns

sorriam, outros mantinham a expressão

– O mar – respondeu o mais velho.

– Não há terras mais além?

severa.

eram, admirando-os pelo material precioso de que eram feitos: madeira. Seu líder era muito velho, e somente ele, entre todos, já tinha visto um homem nascido no Ar-

- Aqui é Finisterra. Não há terras além.
 Não há nada, apenas água, até o limite do mundo.
- Pai, esses homens são sábios falou um jovem. – Marinheiros, viajantes. Talvez eles saibam de alguma terra que nós não conhecemos.
- Não há terras a leste daqui falou o velho e olhou demoradamente para Ged, sem tornar a falar com ele.

Os dois amigos dormiram aquela noite no calor enfumaçado da cabana. Antes do amanhecer, Ged despertou o amigo, murmurando:

temos que partir.

- Por que tão cedo? - perguntou Vetch,

- Estarriol, acorde. Não podemos ficar,

- Por que tao cedo? perguntou Vetch,
 cheio de sono.
- Não é cedo... Está tarde. Eu a acompanhei muito lentamente. Ela encontrou um meio de fugir de mim e causar minha desgraça. Ela não pode escapar, pois tenho que

segui-la aonde ela for. Se perdê-la, é o fim. – Aonde vamos?

- Para o leste. Venha. Enchi os cantis. Então eles deixaram a cabana antes que

qualquer aldeão acordasse, a não ser por um bebê que chorou um pouco na escuridão de alguma caverna e silenciou novamente. Sob a vaga luz das estrelas, eles encontraram o caminho até a boca do regato e desamarraram Velonge da rocha onde estava preso, puxando o barco para a água escura. Então

do nascer do sol. Naquele dia, o céu estava límpido. O

partiram rumo ao leste, de Astowell para o mar Aberto, no primeiro dia da Trégua, antes

vento mundano era frio e forte, vindo do nordeste, mas Ged erguera o vento mágico: o primeiro ato de magia desde que saíra da ilha das Mãos. Eles navegaram muito rápido para leste. O barco estremecia com as ondas grandiosas, fumegantes e iluminadas pelo sol que atingiam o barco enquanto ele corria.

Mas *Velonge* seguia elegantemente, conforme seu construtor prometera, reagindo ao vento mágico tão bem quanto qualquer navio encantado de Roke.

Ged não disse uma única palavra naquela

manhã, a não ser para renovar o poder do feitiço do vento ou manter uma força mágica na vela, e Vetch terminou de dormir, embora pouco à vontade, na proa do navio. Ao meiodia eles comeram. Ged dividiu a comida escassa e o augúrio era claro, mas ambos mastigaram seu pedaço de peixe salgado e o bolo de trigo. Nenhum dos dois disse uma única palavra.

Durante toda a tarde eles rumaram para leste, sem dar meia-volta nem diminuir o ritmo. A certa altura, Ged interrompeu o silêncio e falou:

 Você concorda com quem pensa que o mundo é um mar sem terras além dos domínios Distantes ou com quem imagina outros Arquipélagos e terras amplas e desconhecidas na outra face do mundo?

– Neste momento – retrucou Vetch –, eu concordo com quem acredita que o mundo tem uma única face e que aquele que navega

Ged não sorriu; não lhe sobrara senso de humor.

para longe demais cairá de suas beiradas.

- Quem sabe o que um homem poderia encontrar por lá? Não nós, que sempre nos mantivemos perto da costa e das praias.
- Alguns quiseram saber e não voltaram.
 E nenhum barco jamais chegou até nós vindo de terras que não conhecemos.

Ged não respondeu.

Durante todo o dia e toda a noite eles foram impelidos a leste pelo poderoso vento mágico acima das grandes ondas do oceano. Ged continuou observando, do amanhecer até o crepúsculo, pois na escuridão a força que o atraía ou impelia ficava ainda mais forte. Ele sempre observava à frente, embora, na noite sem lua, não pudesse ver mais

do que os olhos pintados nas laterais da proa do barco. Ao amanhecer, seu rosto estava cinzento por causa do cansaço, e ele estava com tantas câimbras de frio que mal conseguia se esticar para descansar. Ged murmurou:

— Mantenha o vento mágico do oeste, Es-

Mantenha o vento magico do oeste, Estarriol. – E então adormeceu.
O sol não se levantou e a chuva batia con-

tra a popa, vinda do nordeste. Não havia tempestade, somente ventos frios e longos e as chuvas de inverno. Logo todas as coisas no barco aberto estavam molhadas, apesar da coberta de lona que eles compraram, e Vetch sentiu que até ele estava encharcado até os ossos. Ged estremecia durante o sono. Com pena do amigo, e talvez de si mesmo, Vetch tentou desviar um pouco daquele vento rude e incansável, que trazia a chuva. No entanto, embora obedecesse à vontade de Ged e mantivesse o vento mágico forte e contínuo, seus feitiços tinham pouco poder ali, tão longe de terra firme, então o vento do mar Aberto não ouviu sua voz. E ao perceber isso, um certo medo tomou

conta de Vetch, quando ele começou a se perguntar quanto poder mágico restaria a ele e a Ged caso seguissem e se afastassem de terra firme, onde os homens devem viver. Ged vigiou mais uma vez naquela noite e

durante todo o tempo manteve o barco a leste. Quando o dia amanheceu, o vento mundano diminuiu um pouco e o sol brilhou com força, mas as grandes ondas eram tão altas que *Velonge* tinha que se inclinar e escalá-las, como se elas fossem montanhas, firmando-se no topo e lançando-se subitamente para baixo, subindo a seguinte e mais outra e outra, sem cessar.

À noite, após um longo silêncio, Vetch falou:– Meu amigo, antes você falou como se

- Meu amigo, antes voce falou como se tivesse certeza de que finalmente chegaria a terra firme. Eu não questionaria a sua visão, poder pode mudar e enfraquecer nos mares desconhecidos. E uma sombra não se cansa, não fica com fome nem se afoga. Eles ficaram sentados lado a lado no barco, e Ged o encarava agora como se estivesse distante, do outro lado de um imenso abismo. Seus olhos estavam nebulosos, e ele

a não ser pelo fato de que poderia ser um engodo, uma ilusão criada por essa criatura que você persegue, para atraí-lo mais longe do que um homem pode ir no oceano. Nosso

demorou a responder. Finamente, falou:

Estarriol, estamos nos aproximando.
 Ao ouvir essas palavras, o amigo soube

que eram verdadeiras. Então sentiu medo, mas pôs uma das mãos no ombro de Ged e simplesmente disse:

Ora, então é bom; isso é bom.

Mais uma vez naquela noite, Ged ficou de vigia, pois não conseguia dormir no escuro. Nem dormiria no terceiro dia. Eles ainda

rível velocidade sobre o mar, e Vetch se perguntou se o poder de Ged manteria um vento mágico tão forte, hora após hora, em mar aberto, onde sentia o próprio poder enfraquecendo. E eles seguiram em frente, até parecer a Vetch que o que Ged tinha dito era verdade, e eles iam além das fontes do mar e a leste, atrás dos portões da luz. Ged seguiu na frente do barco, olhando fixamente para a frente, como sempre. Mas ele não observava o oceano agora, ou melhor, não se tratava do oceano que Vetch via, um deserto de água agitada até a borda do céu. Aos olhos de Ged, era uma visão das trevas que se sobrepunha e encobria o céu e o mar cinzento, e a escuridão aumentava, adensando o véu. Nada disso era visível para Vetch, a não ser quando ele olhou o rosto do amigo; então ele também viu a escuridão por um instante. Eles seguiam em frente sem parar. E era como se, apesar do vento impelindo-os no

corriam com aquela perseverante, ágil e ter-

mundano, enquanto Ged fosse sozinho ao domínio onde não havia estrelas, leste ou oeste, onde o sol não nascia nem se punha. Ged subitamente se pôs de pé na proa e

barco, Vetch seguisse para leste no mar

falou em voz alta. O vento mágico parou. *Velonge* desabou, se ergueu e caiu nas imensas ondas, como uma lasca de madeira à deriva. Embora o vento mundano soprasse forte como sempre e diretamente para o norte agora, a vela marrom pendia murcha, imóvel. E assim o barco pairava sobre as ondas, oscilando com seu balanço grandioso e lento, mas sem ir a lugar nenhum.

– Retire a vela – pediu Ged.

O amigo o fez rapidamente, enquanto Ged pegava os remos e os colocava em posição, curvando-se para remar.

Vetch, que enxergava apenas as ondas subindo e descendo até onde a vista alcançava, não conseguia compreender por que agora eles tinham que remar, mas aguardou e das fortes de Ged sobre a água, que jazia praticamente imóvel, como em uma baía cercada de terra firme. Embora Vetch não conseguisse enxergar o que Ged via quando, entre as remadas, olhava por cima do ombro para o que se encontrava no caminho do barco, ainda que não conseguisse ver os declives escuros entre as estrelas imóveis. mesmo assim ele começou a perceber, com seu olho de mago, uma escuridão que se erguia das depressões entre as ondas ao redor do barco, e viu as nuvens crescerem baixas conforme eles se engasgavam com a areia. Se isso era um encantamento de ilusão,

era incrivelmente poderoso, pois fazia mar aberto parecer terra firme. Tentando recuperar a coragem e os nervos, Vetch falou um feitiço de revelação, observando entre cada

percebeu que o vento mundano enfraquecia e as ondas diminuíam. A subida e queda do barco ficou cada vez menor até que, finalmente, ele pareceu ir em frente com as remamudança ou um tremor da ilusão nesse estranho abismo do oceano, seco e cheio de nuvens. Mas nada aconteceu. Talvez o feitiço, que afetava somente sua própria visão, e não a magia ao redor deles, não tivesse poder ali. Ou talvez não fosse ilusão, e eles tivessem chegado mesmo ao fim do mundo.

Sem dar atenção, Ged remava cada vez

palavra pronunciada lentamente uma

mais lentamente, olhando por cima do ombro, escolhendo seu caminho entre os canais e partes rasas que apenas ele podia enxergar. O barco estremecia quando sua quilha era arrastada. Sob a quilha, havia a imensidão profunda do mar, ainda que estivessem em águas rasas. Ged ergueu os remos e o barulho que fez foi terrível, pois não havia outro som. Todos os sons da água, do vento, da madeira e da vela se foram, perdidos num silêncio imenso e profundo que poderia permanecer assim para sempre. O barco se encontrava parado. Nenhum sopro de vento o movia. O mar se transformara em areia, parada, sombria. Nada se movia no céu escuro ou no irreal solo cego que seguia adiante até encontrar a escuridão ao redor do barco e até onde a vista alcançava.

Ged se pôs de pé, pegou o cajado e apoiou o pé levemente na lateral do barco. Vetch acreditou vê-lo cair e mergulhar no mar; o mar que certamente estava atrás deste véu escuro e ressecado que ocultava água, céu e luz. Mas não havia mar. Ged se afastou do barco caminhando. A areia escura mostrava pegadas onde ele pisava e fazia barulho sob seus pés.

O cajado começou a brilhar, não como o fogo-fátuo, mas com um brilho claro e branco, que pouco depois se tornou tão forte que deixou seus dedos vermelhos onde tocavam a madeira que irradiava.

Ele avançou, afastando-se do barco, para lugar nenhum. Não havia direção aqui, somente perto e longe.
Para Vetch, que observava, a luz que Ged

levava parecia uma estrela grande e lenta que se movia através da escuridão. E a treva a seu redor se adensava, escurecia. Ged também viu isso, observando sempre adiante através da luz. E depois avistou, no limite mais remoto e fraco da luz, uma sombra que vinha em sua direção na areia.

Primeiro, não tinha forma, mas, conforme se aproximava, assumia a aparência de um homem. Um idoso, parecia, grisalho e mal-humorado, aproximando-se de Ged; mas justo quando Ged viu seu pai, o ferreiro, naquele vulto, ele já não era mais um velho, mas um homem jovem. Era Jaspe: o rosto jovem, belo e insolente do rapaz, a capa cinza, presa com prata e o passo firme. O olhar que ele fixou em Ged através do ar entre eles era cheio de ódio. Ged não parou, mas diminuiu o passo, e, quando avançou, ergueu um pouco o cajado. Ele brilhou e, sob a sua luz, a aparência de Jaspe sumiu do vulto que se aproximava e se tornou Pechvarry. Mas o rosto do amigo estava inchado e pálido como o de um homem afogado e ele esticou a mão de modo estranho, como se pedisse que Ged se aproximasse. Ainda assim, Ged não parou; avançou, embora houvesse apenas alguns metros entre eles agora. Então a crique o encarava definitivamente, esticando-se de cada lado, como se abrisse imensas asas finas, e se contorceu, inchou e voltou a encolher. Ged viu nela, por um instante, a face branca de Skiorh e um par de olhos enevoados que o encaravam, e então subitamente uma expressão de terror que ele não conhecia, homem ou monstro, com lábios retorcidos e olhos que eram como poços para o vazio escuro.

Ao ver isso, Ged ergueu o cajado bem alto e o brilho dele fulgurou, queimando com um branco e uma luz tão fortes que impelia e sem lábios, orelhas nem olhos. À medida que se aproximava, ela se tornava completamente negra sob a irradiação mágica que ardia ao seu redor, e se ergueu, muito ereta. Em silêncio, homem e sombra se encontraram frente a frente e pararam.

afugentava mesmo aquela escuridão antiga. Sob essa luz, toda forma humana se retirou da criatura que se aproximava de Ged. Ela se adensou, encolheu e escureceu, rastejando nas quatro patas, cheias de garras, sobre a areia. Mas, apesar de tudo, ela avançou, erguendo até ele uma face cega e disforme,

Em voz alta e clara, rompendo o silêncio, Ged falou o nome da sombra, e, no mesmo instante, a sombra falou, sem lábios nem língua, a mesma palavra: — Ged.

E as duas vozes se tornaram uma.

Ged esticou as mãos e, soltando o cajado, segurou a sombra, o eu da escuridão que esticava os braços para ele. Luz e trevas se

encontraram e se uniram, tornando-se uma coisa só.

Mas para Vetch, que observava aterroriz-

ado através do crepúsculo escuro de muito longe na areia, parecia que Ged fora derrotado, pois ele viu a irradiação clara diminuir e apagar. Fúria e desespero tomaram conta dele, e ele saltou para a areia para ajudar o amigo ou morrer com ele. Correu na direção daquele brilho pequeno, que se apagava, no crepúsculo vazio da terra seca. No entanto, conforme corria, a areia começou a afundar sob seus pés e ele lutou como se estivesse pisando em areia movediça, como se o chão fosse um fluxo pesado de água. Até que, com o rugido e a glória da luz do dia, o frio amargo do inverno e o gosto amargo do sal, o mundo foi restaurado para ele, que agora se encontrava em dificuldades no mar vivo, súbito e real.

Perto dele, o barco balançava nas ondas cinzentas e vazias. Vetch não conseguia

das encheu seus olhos e tapou sua visão. Como não era bom nadador, esforçou-se da melhor maneira para voltar ao barco e subir nele. Tossindo e tentando tirar a água que escorria de seus cabelos, ele olhou ao redor em desespero, sem saber onde procurar. E finalmente distinguiu algo escuro entre as on-

enxergar mais nada na água; o topo das on-

nalmente distinguiu algo escuro entre as ondas, a uma longa distância do que fora areia e agora era água violenta. Então ele pulou para os remos e remou com força até seu amigo, segurando os braços de Ged e ajudando-o a se erguer até a borda.

Ged estava confuso e era como se seus olhos fitassem o nada, mas não havia ferimento visíval. Seu apiado do toivo proto jó

hos fitassem o nada, mas não havia ferimento visível. Seu cajado, de teixo preto, já sem o brilho, estava em sua mão direita e ele não o soltava. Tampouco dizia uma única palavra. Cansado, encharcado e tremendo, ele ficou deitado, encolhido contra o mastro, observando Vetch erguer a vela e virar o barco para capturar o vento nordeste. Ele nada viu

do mundo até que, bem à sua frente no curso, no céu que escurecia onde o sol se tinha posto, entre compridas nuvens numa baia de luz azul límpida, a lua nova brilhou: um anel de marfim, um aro de osso refletindo a luz do sol que brilhava pelo oceano das trevas.

Ged ergueu o rosto e fitou o crescente, brilhante e longínquo oeste.

Ele observou por um longo tempo e então ficou de pé, muito ereto, segurando o cajado com as duas mãos como um guerreiro segura a longa espada. Ele olhou para o céu, o mar, a vela marrom que se movia acima dele, o rosto do amigo.

Estarriol – falou ele –, acabou. Ela se
foi. – Ele gargalhou. – A ferida está curada.
Estou inteiro. Sou livre.

Então ele se curvou e escondeu o rosto nos braços, chorando como um menino.

Até aquele momento, Vetch o observara com um temor ansioso, pois não sabia ao ficara durante horas na âncora para afundar o barco ali mesmo, em alto-mar, em vez de levar de volta ao porto de Terramar a criatura maligna que ele temia que tivesse assumido a aparência e a forma de Ged. Agora, ao ver o amigo e ouvi-lo falar, suas dúvidas acabaram e ele começou a ver a verdade, que Ged não perdera nem ganhara, e que, ao nomear a sombra de sua morte com o próprio nome, se tornara inteiro. Um homem que sabe que seu verdadeiro ser está inteiro não pode ser usado ou possuído por poder nenhum além de si mesmo. Sua vida, portanto, é guiada pelo amor à vida e nunca a serviço da ruína, da dor, do ódio ou das trevas. Na A criação de Éa, a canção mais antiga, se lê: "Somente no silêncio a palavra, somente nas trevas a luz, somente na morte a vida: o voo do falcão brilha no céu vazio." Vetch cantava essa canção agora enquanto

certo o que acontecera na terra escura. Ele não sabia se este era Ged mesmo, e sua mão ao vento frio da noite invernal que soprava em suas costas, vindo do vasto mar Aberto. Eles navegaram por oito dias e mais oito, antes de avistarem terra firme. Muitas vezes

conduzia o barco para o oeste, adiantando-se

tiveram que encher o cantil com água do mar dessalinizada com feiticos; e pescaram. No entanto, mesmo quando diziam encantamentos de pescador, pegavam pouca coisa, pois os peixes do mar Aberto não conhecem os próprios nomes e não prestam atenção à magia. Quando não tinham nada mais para comer, além de nacos de carne defumada, Ged se lembrou do que Milefólio tinha dito quando ele roubara o bolinho do fogão, que ele se arrependeria do roubo quando passasse fome no mar. Apesar da fome, a lembrança lhe agradou, porque ela também lhe dissera que ele, junto com seu irmão, voltaria para casa.

O vento mágico os conduzira durante três dias para leste, mas eles navegaram Aberto como os jovens magos Estarriol e Ged na Trégua de inverno, em seu barco de pesca aberto. Eles não depararam com grandes tempestades, e conduziram firmemente com a bússola e de acordo com a estrela Tolbegren, tomando um curso um pouco mais ao norte. Portanto eles não voltaram para Astowell, mas passaram por Far Toly e Sneg sem avistá-las, apontando no horizonte na altura do cabo mais ao sul de Kopp. Acima das ondas, viram despenhadeiros de pedras se erguendo como uma grande fortaleza. Aves marinhas gritavam por cima do quebramar e a fumaça azul de fogões em pequenas aldeias se deslocava com o vento. Dali a viagem para Iffish não era longa. Eles chegaram ao porto de Ismay numa noite tranquila e escura antes da neve. Amarraram o Velonge, que os levara até os confins do

reino da morte e de volta, e seguiram através

dezesseis dias a oeste para o retorno. Nenhum homem já voltara de tão longe no mar das ruas estreitas até a casa do mago. Seus corações estavam muito leves quando entraram sob a luz do fogo e o calor debaixo do telhado. Milefólio correu para abraçá-los, chorando de alegria.

S e Estarriol de Iffish manteve a promessa e fez uma canção daquele primeiro grandioso feito de Ged, ela se perdeu. Há uma história contada no domínio do Leste sobre um barco que navegou em águas rasas, dias distante de qualquer praia, sobre o abismo do oceano. Dizem, em Iffish, que era Estarriol no barco, mas em Tok falam de dois pescadores que foram levados por uma tempestade para muito longe, no

pescador da região. Dizem que não conseguia mover o barco nas areias invisíveis e por isso ele ainda anda por lá. Assim, da Canção da sombra restaram somente alguns fragmentos de lenda, levados como destroços, de ilha em ilha, durante os longos anos. Mas nas Gestas de Ged nada se diz dessa viagem nem de seu encontro com a sombra antes de ele navegar para o Covil dos Dragões ou trazer de volta o anel de Erreth-Akbe das tumbas de Atuan para Havnor, ou de finalmente voltar a Roke mais uma vez, como arquimago de todas as ilhas do mundo.

mar Aberto; e, em Holp, conta-se que foi um

Posfácio

Ra uma vez um editor que me pediu que eu escrevesse um romance para adolescentes.

Ah, não! – falei. – Não. Muito obrigada,mas eu não conseguiria!

Era a ideia de escrever tendo um público específico em mente que me assustava. Eu já tinha publicado obras de fantasia e ficção científica, mas estava interessada na forma propriamente dita, não em quem seriam os leitores ou na idade deles. Mas talvez o

verdadeiro problema fosse que eu passara tantos anos escrevendo romances, enviandoos a editores e recebendo-os de volta com uma pancada surda no capacho da entrada de casa que tive dificuldade em compreender que um editor de verdade estava me pedido para escrever um livro... Seu nome era Herman Schein, da Parnas-

Seu nome era Herman Schein, da Parnassus Press, em Berkeley, o editor dos livros infantis de minha mãe. Ele queria começar a publicar romances para crianças mais velhas. Quando eu disse que não, ele simplesmente respondeu:

 Bem, pense nisso. Pode ser de fantasia... ou do que você quiser.

Eu pensei, sim. Lentamente fui assimilando a ideia. Será que escrever para crianças mais velhas era tão diferente de simplesmente escrever? Por quê? Apesar do que alguns adultos parecem pensar, os adolescentes são completamente humanos. E alguns leem com tanta intensidade e tanta dedicação que parece que suas vidas dependem disso – e, às vezes, dependem mesmo. E eu gostava da ideia de escrever fantasia

 a boa e velha fantasia, pura, sem misturála com ficção científica. Durante toda a vida, eu havia lido sobre magos, dragões, feitiços...
 Na época, em 1967, todos os magos eram

mais ou menos como Merlin e Gandalf. Homens idosos, com chapéus pontudos e barbas brancas. Mas eu devia escrever um livro para adolescentes. Ora, Merlin e Gandalf devem ter sido jovens um dia, certo? E quando eles eram tolos e imaturos, como aprenderam a ser magos?

E aí estava o meu livro.

Bem, sem dúvida, não foi algo instantâneo. Escrever um romance leva tempo. Mas este saiu bem rápido e fácil. Eu não tinha uma história delineada quando comecei, mas sabia como ela seria. Sabia quem era meu Gavião e, de modo geral, aonde ele teria

que ir – não apenas para aprender a ser mago, mas aprender a ser Ged. Então, à medida que escrevia o que ele fazia e dizia, os lugares aonde ia e as pessoas com quem se encontrava, a história me mostrava o que ele tinha que fazer e aonde precisava ir em seguida.

Mas o lugar, no âmbito da imaginação

pura, é tão importante quanto aqui, no mundo real. Antes de começar a escrever a história, eu peguei um pedaço grande de cartolina e desenhei o mapa. Desenhei todas as ilhas de Terramar, o Arquipélago, as terras de Kargad, os domínios. E as batizei: Havnor, a grande ilha no meio do mundo; Selidor, bem a oeste, o Covil dos Dragões, Hur-at-Hur e todo o resto. Mas só quando parti de Gont, navegando com Ged, comecei a conhecer as ilhas, uma a uma. Com ele eu fui pela primeira vez a Roke, às Noventa Ilhas e a Osskil, e mais a leste do que Astowell, inclusive. E com ele fui, pela primeira vez, à região escura e seca, ao local do outro lado do muro, aonde devem ir os mortos. Uma longa jornada, estranha, grandiosa o suficiente para um livro.

Agora a fantasia é um nicho do mercado editorial, com muitos títulos, muitas sequências, grandes expectativas de sucessos monstruosos e filmes baseados nos livros. Em 1967, não havia nada disso. Era coisa de criança. O único romance adulto de fantasia do qual a maioria das pessoas já ouvira falar era O Senhor dos Anéis. Havia outros livros, alguns maravilhosos, mas basicamente eles ficavam escondidos em sebos pequenos, com cheiro de gato e mofo. Hoje eu sinto falta daqueles sebos, dos gatos, do mofo, do

ida na linha de montagem me dá calafrios. Mas me alegro quando vejo obras de fantasia escritas como sempre foram – como literatura – e reconhecidas como tal.

entusiasmo da descoberta. Fantasia produz-

original – uma novidade. Ao mesmo tempo, era convencional o suficiente para não assustar os críticos. Foi muito bem recebido. O prêmio Horn Book, do jornal *Boston Globe*, ajudou. E o fato de não ser "para" certa idade, mas uma literatura acessível a qualquer leitor, também ajudou. Meu mago nunca entrou nas listas de mais vendidos, mas continuou encontrando leitores, ano após ano. O livro nunca ficou esgotado.

O caráter convencional da história e sua

Quando *O feiticeiro de Terramar* foi publicado, não havia nenhum livro como ele. Era

originalidade refletem sua existência dentro de uma tradição reconhecida e aceita — na qual cresci —, assim como a sua leve subversão. É a tradição das histórias de heróis e dos contos fantásticos, que chega até nós como um grande rio que vem do alto das montanhas do Mito — uma confluência de folclore e contos de fadas, épicos clássicos, narrativas medievais, renascentistas e ocidentais,

baladas, contos vitorianos e livros de aventura fantástica do século XX, tal como do ciclo arturiano de T. H. White e do grande livro de Tolkien.

A maior parte desta maravilhosa torrente

de literatura foi escrita para adultos, mas a ideologia literária modernista a relegou às crianças. E as crianças podiam nadar nessas águas (e o fizeram), felizes como se estivessem em seu elemento natural – ao menos até que algum professor lhes dissessem que saíssem, se secassem e passassem a respirar o modernismo para sempre.

A parte da tradição que eu conhecia melhor foi, em sua maior parte, escrita (ou reescrita para crianças) na Inglaterra e no norte da Europa. Os personagens principais eram do sexo masculino. Se era uma história de heróis, o protagonista era um homem branco; a maioria dos personagens de pele escura era inferior ou do mal. Se houvesse uma mulher na história, ela era um objeto

princesa loura); mulheres ativas (das trevas, bruxas) costumavam trazer apenas destruição e tragédia. De qualquer forma, as histórias não eram sobre as mulheres; eram sobre os homens, o que os homens faziam e o que era importante para eles.

Nesse sentido, *O feiticeiro de Terramar*

passivo do desejo e do resgate (uma bela

era perfeitamente convencional. O herói faz o que um homem deveria fazer: ele usa sua força, sua inteligência e sua coragem para conquistar, a partir das próprias origens humildes, grande fama e poder, em um mundo masculino onde as mulheres são secundárias. Sob outros aspectos, a minha história não

seguiu a tradição. Seus elementos subversivos chamaram pouca atenção, sem dúvida, porque eu fui deliberadamente furtiva em relação a eles. Um grande número de leitores brancos, em 1967, não estava pronto para aceitar um herói de pele escura. Mas eles não

estavam esperando por isso. Eu não fiz estardalhaço e você tem que estar bem adiantado na leitura do livro para se dar conta de que Ged, como a maior parte dos personagens, não é branco.

Os povos do Arquipélago têm na pele

desde tons de cobre e marrom até o negro dos domínios do Sul e do Leste. As pessoas de pele clara são as que têm ancestrais do extremo norte ou das terras de Kargad. No primeiro capítulo, os invasores de Kargad são brancos. Serret, que traiu Ged quando era menina e mulher, é branca. Ged tem a pele de um tom marrom-acobreado e seu amigo Vetch é negro. Eu me opus à tradição racista, "tomei uma posição" - mas em silêne isso passou praticamente despercebido.

Infelizmente, na época, eu não tinha poder para combater a recusa pura e simples de muitos capistas em colocar pessoas não brancas na capa de um livro. Por isso, apesar a primeira edição – o perfil marcante e delicado de um jovem com pele marromacobreada – sempre foi para mim a verdadeira capa do livro.

Minha história foi em outra direção, que lhe é própria, afastando-se da tradição também no sentido do que constitui heróis e

dos muitos Geds posteriores, de pele alvíssima, a ilustração de Ruth Robbins para

vilões. As histórias de heróis e fantasias de aventura tradicionalmente colocam o herói justo num combate contra inimigos injustos, que ele (normalmente) vence. Essa convenção foi e ainda é tão dominante que foi considerada natural — "obviamente" uma fantasia conta a história de caras bonzinhos enfrentando os malvados, a Guerra do Bem Contra o Mal.

Mas não há guerras em Terramar. Não há

Mas não há guerras em Terramar. Não há soldados nem exércitos nem batalhas. Nada do militarismo que tem origem na saga arturiana e em outras fontes e que nos dias atuais (por influência dos jogos de fantasia de guerra) se tornou praticamente obrigatório. Não pensei (e não penso) dessa maneira. Minha mente não funciona assim. Minha

imaginação se recusa a limitar aos campos de batalha todos os elementos que constituem uma história de aventura e a tornam

emocionante – o perigo, o risco, o desafio, a coragem. Um herói cujo heroísmo consiste em matar pessoas não me interessa, e detesto as orgias hormonais de guerra das mídias visuais, o massacre mecânico de batalhões infinitos de demônios vestidos de preto, com olhos vermelhos e dentes amarelos.

A guerra é uma metáfora moral limitada, limitante e perigosa. Ao reduzir as opções de ação a uma "guerra contra o que quer que

seja", você divide o mundo entre Eu ou Nós (o Bem) e Eles (o Mal), reduzindo a complexidade ética e a riqueza moral da nossa vida a termos de Sim/Não. Isso é pueril, enganador

e degradante. Nas histórias, isso impede qualquer solução que não seja a violência, oferecendo ao leitor uma mera reafirmação infantil. Com muita frequência, os heróis de fantasias desse tipo se comportam exatamente como os vilões, agindo com violência impensada, mas estão do lado "certo" e, portanto, vencem. O certo se torna o poderoso.

Ou será que é o poderoso que se torna o

certo?

Quando a guerra é a única opção em jogo, sim: o poderoso se torna o certo. E por essa razão eu não gosto de jogos de guerra.

Para ser o homem que ele pode vir a ser, Ged tem que descobrir quem (e o que) é seu verdadeiro inimigo. Precisa descobrir o que significa ser ele mesmo. Isso exige busca e descoberta, não guerra. A busca o conduz através de perigos mortais, perdas e sofrimento. A descoberta lhe traz a vitória, só que não do tipo que é o fim de uma batalha, mas sim o começo de uma vida.

Monta K. Le Giún

Sobre a autora

Ursula K. Le Guin nasceu em outubro de 1929 em Berkeley, na Califórnia, e é filha do antropólogo Alfred Kroeber e da escritora Theodora Kroeber. Estudou na Radcliffe College e na Universidade de Columbia e se casou, em Paris, com o jovem historiador Charles Le Guin.

A autora tem uma vasta obra, que inclui poesia, contos e romances, publicada e traduzida no mundo todo. Foi vencedora dos fantástica: Hugo, Nebula, Locus, Asimov, Lewis Carroll, Shelf, World Fantasy, entre outros. Por *O feiticeiro de Terramar*, recebeu ainda o prêmio Horn Book, do jornal *The Boston Globe*.

mais renomados prêmios da literatura

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818 E-mail: atendi-

mento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

<u>Créditos</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Posfácio</u>
<u>Sobre a autora</u>
<u>Informações sobre a Arqueiro</u>



www.estradadoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora



@Created by PDF to ePub